



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MANUEL ELISEU ANTÃO DOMINGUES

O Lugar dos Avós na Família

Uma reflexão a partir da Unidade Letiva: “A Família, Comunidade de Amor” do 5º ano do Ensino Básico do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2017**

“Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, mas sim por seres humanos.”

Augusto Cury

AGRADECIMENTOS

A existência de algumas pessoas na nossa vida é marcante, preciosa, única...

Aos meus pais e avós agradeço o amor incondicional, o carinho, o apoio e tudo o que me ensinaram!

Aos meus colegas de Mestrado, agradeço a amizade, o apoio, a partilha e compreensão.

À Doutora Isabel Varanda, Orientadora Científica, agradeço o precioso apoio, ajuda, compreensão e constante motivação, fundamental para a realização e conclusão da Prática de Ensino Supervisionada.

À Dr.^a Maria José Dias, Professora Cooperante, agradeço a sua ajuda, incentivo, apoio, tranquilidade e colaboração através das suas sugestões e do diálogo permanente, em relação ao trabalho realizado.

Aos alunos da turma 3, do 5º ano, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, com quem tive o enorme prazer de trabalhar agradeço a sinceridade, humildade, colaboração e paciência.

Por fim, mas não em último, um agradecimento muito especial, à minha esposa e ao meu filho Tomás a quem, muitas vezes, não pude aceder ao desejo: “Pai, quero que hoje brinques comigo”; aos dois, agradeço todo o amor, carinho e apoio, sem os quais nada disto teria sido possível.

A todos vocês, obrigado por acreditarem em mim!

RESUMO

A sociedade atual caracteriza-se pelo envelhecimento demográfico, em consequência do aumento dos níveis de esperança de vida e do declínio da natalidade, o que vem colocar novos desafios à família, ao Estado e à sociedade em geral.

No presente Relatório, será abordada a temática do envelhecimento, dando importância à família e às relações intergeracionais; questionar-se-ão os motivos que levam à institucionalização das pessoas idosas bem como o papel atual do Estado em relação a esta faixa etária, defendendo a presença dos avós em contexto familiar.

Partindo das alterações profundas que têm sofrido as relações familiares entre gerações, nas últimas décadas, verificamos que se foram perdendo as ligações dos mais novos com os mais velhos. Neste contexto, a instituição família tem hoje a necessidade de ajuda, uma vez que, por si só, já não é capaz de resolver todos os problemas que enfrenta. Deve ser apoiada pela escola, pelo Estado, pelas paróquias e pelos demais organismos que têm o dever de proteger e promover o bem-estar das famílias, começando por aquelas que se encontram numa situação mais vulnerável.

Procura-se refletir sobre o papel dos avós e sua importância no fortalecimento de relações intergeracionais no seio da família, promovendo e defendendo a sua permanência em contexto familiar. Numa altura em que continua a aumentar o desemprego e se sucedem, infelizmente, separações e divórcios, bem como outros problemas que afetam as famílias, os avós são uma influência tranquilizadora. A família é a célula fundamental e vital da sociedade; tem um papel nobre, único e fundamental na assistência, na prestação de cuidados e na manutenção dos avós no contexto habitual.

Palavras-chave: Deus, Família, Avós, Netos, Pais, Amor, Vida, Envelhecimento, Escola.

ABSTRACT

Current society is characterized by demographic aging as a result of an increasing life expectancy and decreasing birth rates, which brings new challenges to family, state, and society as a whole.

In this report I will deal with the subject of aging with an emphasis on family and intergenerational relations, the reasons for the institutionalization of the elderly, as well as the current role of the state as regards this age group, and I will advocate the presence of grandparents within the family.

Looking at the deep changes that family relations between generations have gone through in the last decades, we can see that the connections of the young ones to the elderly have been gradually lost. In this light the family as an institution is in need of help nowadays since, by itself, it is no longer able to solve all the problems it faces. It must be supported by school, state, parishes and other agencies that have the duty to protect and promote the families' well-being starting with the ones in a more vulnerable situation.

Consideration is given to the grandparents' role and importance in strengthening intergenerational relations within the family, promoting and defending their permanence there. At a time when unemployment is on the rise and separations and divorces unfortunately happen more and more, as well as other problems that affect families, grandparents are a tranquilizing influence. Family is society's fundamental and vital cell. It has a noble, unique and fundamental role in providing care, assistance and in maintaining grandparents in their habitual context.

Key-words: God, Family, Grandparents, Grandchildren, Parents, Love, Life, Aging, School.

SIGLÁRIO

1 Cor	1ª Carta aos Coríntios
1 Pe	1ª Carta de Pedro
AAS	Acta Apostolicae Sedis
AEFS	Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Art.º	Artigo
Cf.	Conferir, confrontar
Cl	Carta aos Colossenses
Coord.	Coordenador(a)
CRP	Constituição de República Portuguesa
DL	Decreto-Lei
DR	Diário da República
EB	Escola Básica
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
Ex	Livro do Êxodo
Gl	Carta aos Gálatas
Gn	Livro do Génesis
Jl	Jardim de Infância
Jo	Evangelho de João
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
Lc	Evangelho de Lucas
Mc	Evangelho de Marcos
Mt	Evangelho de Mateus
PES	Prática de Ensino Supervisionada
Rom	Carta aos Romanos
TEIP	Território Educativo de Intervenção Prioritária
UL	Unidade Letiva
UNICEF	United Nations children's Fund
www	World Wide Web

INTRODUÇÃO

Todos precisamos conhecer as nossas raízes, nem que seja para as rejeitar. Não é possível viver bem o presente, estando em negação com o passado. Faz parte da nossa realidade existencial a procura das soluções para os problemas que quotidianamente nos envolvem nas mais variadas circunstâncias. Aquilo que hoje somos, é resultado de um longo percurso, em que se cruzam famílias, genes, costumes, saberes e valores; ninguém nasce do nada.

Conhecer o percurso da família é estruturante, mesmo quando uns e outros se afastam e seguem caminhos muito diferentes. As histórias de vida dos nossos pais e avós também são um pedacinho de cada um de nós. Tendo acesso às nossas raízes, compreenderemos melhor quem somos bem como os valores que norteiam a família. Neste sentido, os avós são um reservatório inesgotável de histórias e memórias, que podem ser transmitidas aos netos. O nome próprio que temos, os apelidos que herdamos, o local onde moramos, a nossa resiliência e as atitudes que tomamos face à vida, não são alheias à história da família.

Um facto curioso é a transmissão do nome próprio. Há nomes que vão passando de pais para filhos, de avós para netos, de geração em geração, como uma marca de família. Mesmo que a criança desconheça a origem e o motivo do nome que lhe foi dado, projetam-se expectativas, reforçam-se traços de personalidade, estabelecem-se comparações. Muitas vezes, o nome dado a uma criança invoca um antepassado da família.

Para os netos, os avós já nasceram com ar de avós, com doces no bolso, mimos e aquele jeito natural para conversar. Nem reparam se os anos acrescentam rugas porque, para eles, os avós sempre foram assim. Ainda que tenham a carteira quase vazia e apetência para discursos inflamados, a figura dos avós remete para esse papel conciliador e de abrigo; são alguém a quem se pode recorrer para conversar, pedir conselhos ou pedir ajuda.

Numa altura em que continua a aumentar o desemprego e se sucedem, infelizmente, separações e divórcios, os avós constituem a ter uma influência tranquilizadora na família. Ainda que, muitas vezes à distância, supervisionam os comportamentos e os valores no seio da família.

Usando algumas palavras do Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, pronunciadas numa entrevista, “os avós mostram aos netos a noção dos ciclos

da vida e da fragilidade” e, numa altura em que os netos olham para o futuro e vivem a ilusão mediática do ser humano perfeito, da beleza perfeita, da saúde perfeita, custa conviver com a doença e a velhice. Ser-se avô é contar as fragilidades, não é fingir uma energia física que já não se tem. Mas uma coisa é a energia física, outra é a energia mental, psicológica. Essa muitas vezes aumenta na razão inversa da energia física.

O que verdadeiramente assusta é a solidão e a doença, é imaginar a velhice como um lento e frio definhamento. Na verdade, todos queremos envelhecer com saúde, com boa qualidade de vida, afastando o terror das demências e das doenças incapacitantes. Ainda há o estigma negativo de ser velho. Mas não podemos continuar a olhar para o idoso como alguém incapaz e sem autonomia. É preciso dissipar, também, esse estereótipo. Os nossos idosos são mães, pais, avós, pessoas integradas na sociedade, que trabalham ou trabalharam e continuam a ter os seus interesses e ocupações.

Avós ativos, interventivos, solidários, participativos na comunidade, companheiros dos netos, recetivos a aprender, seja em que idade for, seja a cultivar a horta, a cuidar dos netos, a ajudar numa associação ou até a atualizar blogues e páginas da internet. Importa não desistirem nunca, pelo que, a família, o Estado e a sociedade em geral têm o dever de os compreender, apoiar e ajudar a viverem mais esta etapa como a continuidade de uma longa, digna e feliz vida.

O presente Relatório surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, na área da Educação Moral e Religiosa Católica, no segundo ano do Mestrado em Ciências Religiosas - Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e pretende refletir o trabalho desenvolvido no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, na turma 3, do 5º ano.

A escolha deste tema para fundamentar cientificamente e planificar resulta de o facto do tema “família” ser sempre um tema atual e de grande importância na sociedade uma vez que, quando falamos da família estamos a falar da mais antiga e natural instituição da história da humanidade, com implicações em tudo aquilo que contribui para a promoção do Homem enquanto ser social e transformador do mundo. Ainda antes de descobrirmos que temos uma família, já nos encontramos inseridos nela.

O Relatório, na sua estrutura, apresenta-se dividido em três capítulos, fruto da seleção de uma bibliografia criteriosa em várias áreas disciplinares, com base na unidade letiva três do quinto ano de escolaridade, “A família, comunidade de amor”.

No primeiro capítulo com o título “A família, comunidade de vida e amor”, procura-se uma definição de família, partindo da análise de Documentos do Magistério da Igreja sobre a temática. Constatar-se-á que, na sociedade atual nos deparamos com

várias tipologias de famílias tendo alterado significativamente as relações familiares entre gerações, de tal modo que se foram perdendo aquelas ligações dos mais novos com os mais idosos, inclusive dentro da própria família.

O segundo capítulo, à primeira vista com o longo título: “O envelhecimento, a institucionalização dos idosos e a importância dos avós nas relações intergeracionais”, pretende refletir sobre três grandes questões: O que é o envelhecimento? Quais os motivos que levam as famílias à institucionalização de idosos? Qual o contributo dos avós nas relações intergeracionais? Às questões iniciais colocaram-se muitas outras às quais se tentará, não o dar respostas fáceis mas, alertar para que, não é necessário carregar a idade às costas como se fosse um fardo pesado, mas é necessária uma consciencialização séria das famílias e da sociedade em geral, para dar aos avós o lugar único que devem ocupar na família. O capítulo termina com alguns testemunhos que podem levar à reflexão e alteração de posturas e papéis familiares.

No último capítulo, “Prática de Ensino Supervisionada”, após uma reflexão sobre o papel do professor de Educação Moral e Religiosa Católica e da importância desta disciplina no currículo dos alunos, é apresentada uma proposta de lecionação da Unidade Letiva e uma reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada, esta que foi uma excelente oportunidade de aprendizagem a nível de competências pessoais e profissionais bem como promotora de ótimas relações interpessoais.

Do ponto de vista metodológico, o presente Relatório segue a Norma Chicago 15 A, 16ª edição.

CAPÍTULO I: A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE VIDA E AMOR

Fala-se muito de família mas pouco da família como comunidade de amor. Ao longo deste primeiro capítulo, após uma tentativa de fazer um ponto de situação da família no tempo atual, focaremos a nossa reflexão na importância da família e no amor que é indispensável nos seus membros.

O título do capítulo tem por base a Unidade Letiva três do quinto ano de escolaridade do programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica que tem por título: “A família, comunidade de amor”. Procuraremos fundamentar cientificamente o tema.

Recorreremos a textos bíblicos, a documentos do Magistério da Igreja bem como a outra bibliografia, que nos permita fundamentar e aprofundar as nossas afirmações.

1. À procura de uma definição de família

O papa João Paulo II define a família como uma “comunidade de pessoas”¹, “comunidade de vida e de amor”², “comunidade de vida humana”³, “comunidade de pais e filhos”, “comunhão das gerações”.⁴ Podem juntar-se outras definições do mesmo Papa: “comunidade social de base”⁵ e “comunidade de trabalho e caridade”⁶.

Na Carta dos Direitos da Família, publicada pela Santa Sé, em 1983, pode ler-se: “A família, sociedade natural, existiu antes do Estado e de qualquer outra comunidade e possui direitos próprios, que são inalienáveis”⁷.

A 2 de fevereiro de 1994, o Papa João Paulo II afirma que “a família é o caminho da Igreja”⁸. Normalmente, a pessoa nasce numa família e, habitualmente, cresce no seio de uma família. Em todas as culturas da história da humanidade, a família é o percurso do Homem. Também hoje, os jovens procuram a felicidade numa família

¹ Papa João Paulo II, “Exortação Apostólica «Familiaris Consortio»” (22 de novembro de 1981), *Acta Apostolicae Sedis* 73 (1981): 18 e 22; Papa João Paulo II, “Carta às famílias «Gratissimam sane»” (2 de fevereiro de 1994), *Acta Apostolicae Sedis* 86 (1994): 7 e 8.

² Papa João Paulo II, “Familiaris Consortio”, 17.

³ Papa João Paulo II, “Gratissimam sane”, 6.

⁴ *Ibidem*, 10.

⁵ Papa João Paulo II, “Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis »” (30 de dezembro de 1987), *Acta Apostolicae Sedis* 80 (1988): 33.

⁶ Papa João Paulo II, “Carta Encíclica «Centesimus annus»” (1 de maio de 1991), *Acta Apostolicae Sedis* 83 (1991): 49.

⁷ Santa Sé, Pontifício Conselho para a Família, *Carta dos Direitos da Família* (Braga: Apostolado da Oração, 1994), 5.

⁸ Papa João Paulo II, “Gratissimam sane”, 3.

estável. Efetivamente, “a instituição do matrimônio e da família é apreciada em todas as culturas da humanidade. Deve ser entendida como comunidade e vida entre homem e mulher, juntamente com os seus filhos”⁹.

A instituição família constitui a ordem original da cultura da humanidade, embora com todas as diferenças particulares inerentes. Embora muitos o pretendam, nunca poderia dar bom resultado estabelecer hoje uma nova definição de família que contradiga ou altere a tradição cultural de toda a história da humanidade.

Em todas as definições são evidentes algumas características da realidade familiar. A primeira definição do Papa João Paulo II, a família como “comunidade de pessoas”¹⁰, é a definição mais clara, pois diz respeito à dimensão comunitária da família. A família é, presente-se como se presente e, em relação a qualquer dos seus aspetos a que se queira fazer referência para a definir, de modo empírico ou essencial, uma comunidade.

Outra condição para se poder falar de família diz respeito a uma clara composição, que introduz uma descrição sobre as tarefas dentro da família que, de certo modo, constituem a sua matriz.

Os direitos da família estão estreitamente relacionados com os direitos do ser humano. Com efeito, se a família é comunhão de pessoas, a sua autorrealização depende, de maneira significativa da justa aplicação dos direitos das pessoas que a compõem.

Os poderes públicos devem proteger a família; ela é anterior ao Estado e a qualquer organização política, sofrendo evolução ao longo dos tempos. Como comunidade de pessoas, a família continua a ser a comunidade social básica da sociedade atual.

⁹ Walter Kasper, *O Evangelho Da Família* (Prior Velho: Editora Paulinas, 2014), 12.

¹⁰ Papa João Paulo II, “*Familiaris Consortio*”, 18, e 22.

2. A situação da família no tempo atual

No início do século XX, “alguns profetizaram a morte da família”¹¹, porque era considerada uma estrutura do passado e que, por isso, já não encaixava na sociedade moderna. Outros estudiosos falaram de uma evolução da instituição familiar e da sua adaptação a um novo modelo de sociedade. Em consequência, já não se fala da “família tradicional” mas da “família nuclear”.

Porém, também a família nuclear que sempre atribuiu grande importância às relações interpessoais, face às circunstâncias atuais, “desde há alguns anos (...) parece ter também entrado em crise”¹². A principal razão parece dever-se ao facto de que os papéis familiares, atribuídos à família nuclear se foram desvanecendo ou, mesmo, desapareceram.

Há, dizemos e, felizmente por motivos sociais, a questão da mulher que foi incorporada no mundo laboral. O facto de a mulher trabalhar “situa as relações entre marido e esposa num plano de maior igualdade, embora também de maior complexidade”¹³.

É certo que a família não é uma realidade estática. Evoluiu, continua a evoluir e tem sofrido inúmeras mudanças e transformações, à semelhança de outras instituições, “transformações amplas, profundas e rápidas”¹⁴.

Contrariando as visões catastróficas daqueles que proclamavam a sua morte, a família das sociedades modernas “não é um produto final nem único”¹⁵. Participando em mudanças demográficas, económicas, sociais e políticas, ela faz parte integrante do processo global de mudança social que a conduziu à modernidade. Neste contexto, a família tornou-se “incerta”¹⁶, na sua estrutura e dinâmica.

No entanto, independentemente das condições económicas e tecnológicas subjacentes ao processo de privatização da família e à sua progressiva retirada do espaço público, para Louis Roussel “esta mudança foi fundamentalmente cultural”¹⁷.

¹¹ Maria Lacalle Noriega e André Martínez Esteban, *La familia. Recursos y conflictos en la sociedad contemporánea* (Madrid: Facultad Teología San Dámaso. Fundación “Carmen de Noriega”, 2009), 11. Todas as transcrições de ideias, frases e excertos de texto, de autores estrangeiros para o presente Relatório foram traduzidas, sob a nossa responsabilidade.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*, 154.

¹⁴ Papa João Paulo II, “*Familiaris Consortio*”, 1.

¹⁵ António Joaquim Esteves, “A família numa sociedade em mudança”, *Sociologia* 1 (1991): 40.

¹⁶ Louis Roussel, *La famille incertaine* (Paris: Éditions Odile Jacob, 1989), 3.

¹⁷ *Ibidem*, 4.

Com frequência ouvimos a expressão: “novos modelos de família”¹⁸; esta expressão teve a sua origem no pensamento utilitarista e relativista. Atribui-se a fatores culturais que tiveram grande impacto e que pouco a pouco a tornaram irreconhecível e impediram o seu desenvolvimento integral.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* afirma que, nos dias de hoje, “a família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade”¹⁹. Concordando com o Sumo Pontífice, também o Cardeal Walter Kasper destaca que “o Evangelho do matrimónio e da família, para muitos, já não é compreensível e caiu numa crise profunda”²⁰. Tudo isto se deve ao facto do “mundo atual estar a viver uma crise antropológica”²¹.

No relatório final do Sínodo dos Bispos sobre a Família, os Bispos concluíram:

“A família, comunidade humana fundamental, na atual crise cultural e social, sofre dolorosamente por causa da sua debilitação e fragilidade. De igual modo, demonstra que pode encontrar em si mesma a coragem para fazer face à insuficiência e à carência das instituições em relação à formação da pessoa, à qualidade do vínculo social e ao cuidado dos indivíduos mais vulneráveis. Portanto, é particularmente necessário apreciar de maneira adequada a força da família, para poder ir ao encontro das suas fragilidades. Esta força reside essencialmente na sua capacidade de amar e de ensinar a amar. Por mais ferida que uma família possa estar, ela pode sempre crescer a partir do amor”²².

O Papa João Paulo II, já em 1983, numa homilia em Viena, fala da crise da família, apontando como fatores de crise: “uma errada conceção da independência dos cônjuges entre si; graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Papa Francisco, “Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium»” (24 de novembro de 2013), *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013): 66.

²⁰ Kasper, *O Evangelho*, 29.

²¹ *Ibidem*, 7.

²² Santa Sé, “Relatório final do Sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco”, 24 de outubro de 2015, 10. Acedido a 27 de dezembro de 2016, http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html

filhos; as dificuldades concretas que a família muitas vezes experimenta na transmissão de valores; a praga do aborto e o número crescente de divórcios”²³.

A socióloga Martine Segalen, argumentando a existência de uma crise nas relações familiares entre gerações, explica que, “a filiação é o reconhecimento de laços entre indivíduos que descendem uns dos outros. Este princípio é muito claramente apreendido na nossa sociedade, onde distinguimos a linha direta (os pais e as mães dos nossos pais), da linha colateral (primos, primos em segundo grau que são parentes com os quais temos um antepassado em comum, mas de quem não somos descendentes)”²⁴. Daí que, reconhecendo esses laços, os membros de cada família têm a obrigação de os preservar e melhorar. Infelizmente aquilo a que assistimos é que os mais novos foram perdendo a ligação com os mais idosos.

Constatamos hoje que a instituição familiar nunca foi tão frágil (se considerarmos o relativo desinteresse pelo casamento, o número de divórcios, as famílias monoparentais, a ausência de momentos de encontro e convívio; as relações entre avós e netos, ...); o peso da instituição familiar, enquanto força social, deve ser não apenas reconhecido, mas sobretudo pode e deve ser falado.

A situação económica dos anos 90 e que perdura, caracterizada pela dificuldade de acesso ao mercado do trabalho e pelo desemprego dos jovens, é considerada a grande responsável pelo desenvolvimento das uniões de facto, supondo-se que a regularização matrimonial se efetuará apenas e se existir estabilidade no emprego. Mas não podemos atribuir um alcance universal a esta hipótese económica, ainda que certamente aplicável a muitos casos uma vez que, a crise económica mantém os jovens mais tempo em casa dos pais.

A criança ou jovem torna-se como que um espelho da sua família, a expressão do amor ou da falta dele. Neste sentido, Odile Bourguignon considera que, hoje, “a criança é privatizada e ganha sentido pelas gratificações afetivas que recebe e traz ao casal”²⁵. A família deve assim “ser considerada como um fenómeno social total”²⁶, conforme a expressão de Marcel Mauss, inseparável da sociedade global.

Pierre Bourdieu defende que as famílias “têm tendência a perpetuar o seu ser social, com todos os seus poderes e com todos os seus privilégios, que estão no

²³ Ministério do Emprego e da Segurança Social - Direção-geral da Família, *A família na palavra de João Paulo II* (Lisboa: Coleção Estudos, Documentos II, Série nº11, 1993), 11.

²⁴ Martine Segalen, *Sociologia da família* (Lisboa: Terramar, 1996), 71.

²⁵ Odile Bourguignon, “La question de l’enfant”, *L’Année Sociologique* 37 (1987): 96.

²⁶ Andrée Michel, *Sociologia da família e do casamento* (Porto: Rés-Editora, 1983), 15.

princípio das estratégias de reprodução, estratégias de fecundidade, estratégias de matrimoniais, estratégias e económicas e, sobretudo, estratégias educativas”²⁷.

Já a socióloga Chiara Saraceno defende que a família se revela como “um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais”²⁸.

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Na perspetiva de Anthony e de Koupnik: “a respeito das modificações tantas vezes dramáticas que sobrevieram na estrutura e na função da família, o processo de base da identificação resta tão forte como nunca e os filhos continuam a herdar ocupações dos pais, as suas atitudes e interesses culturais, as suas crenças religiosas e opiniões políticas”²⁹.

Na transformação da família de hoje há que registar também a sua maior mobilidade social, mercê de solicitações que os movimentos migratórios, meios de comunicação, contatos vários, promovem e permitem, suscitando, uma interpenetração de indivíduos e de grupos, e onde, por práticas e conceções mais livres de aproximação sexual, sentimental ou material, a escolha dos esposos se apresenta com maior variedade.

3. A origem da vida e o matrimónio

O ser humano é um ser vivente que recebe a vida como dom de Deus. Ninguém no mundo tem o poder de dar a vida a si próprio. Neste sentido, a vida não provem apenas dos progenitores, nem somente do conjunto da natureza, mas de Deus, já que Deus coopera com os humanos na geração da vida, de cada nova vida. Deus, no momento da fecundação, “cria a alma e infunde-a na matéria, fazendo com que esta seja, desde o primeiro momento, um corpo humano”³⁰.

Cada novo nascimento “é fruto do amor de Deus, que é amor, mas deve sê-lo também do amor do homem e da mulher”³¹. Mais concretamente, do homem e da mulher que, amando-se um ao outro, formam uma família. O ser humano é um ser singular, pessoal que pode ser descrito de muitas maneiras como imagem de Deus,

²⁷ Pierre Bourdieu, *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action* (Paris : Édition du Seuil, 1994), 39.

²⁸ Chiara Saraceno, *Sociologia da Família* (Lisboa: Editorial Estampa, 1988), 12.

²⁹ Arquimedes da Silva Santos, *Da família à escola, perspectivas médico-psicopedagógicas* (Lisboa: Livros Horizonte, 2001), 15.

³⁰ Conselho Pontifício para a Família, *Família e procriação humana* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. 2007, 13.

³¹ *Ibidem*, 14.

animal racional, síntese do universo ou microcosmos, mas deve também ser reconhecido como ser familiar. Assim, “através da comunhão de pessoas, que se realiza no matrimônio, o homem e a mulher dão início à família. Com a família está ligada a genealogia de cada Homem: a genealogia da pessoa. A paternidade e a maternidade humana estão radicadas na biologia e, ao meso tempo, superam-na”³².

O Concílio Vaticano II foi, sem dúvida, o acontecimento eclesial de maior importância do século XX, cuja riqueza de ensinamentos e apesar de ter passado já meio século, não está ainda totalmente explorada. Na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, entre os problemas mais urgentes, é tratado o problema da dignidade do casamento e da família e a sua valorização e fala-se da transmissão responsável da vida, como dom de Deus confiado aos Homens:

“A família é como que uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude da sua vida e missão, exige, porém, a benévola comunhão de almas e o comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos (...) A família constitui o fundamento da sociedade (...) Os próprios esposos, feitos à imagem de Deus se tornem, pela fidelidade do seu amor, testemunhas daquele mistério de amor que Deus revelou ao mundo com a sua morte e ressurreição”³³.

Deus confiou ao ser humano a missão que deve ser cumprida de modo humano.

Por isso se trata de:

“Conciliar o amor matrimonial com a transmissão responsável da vida. O caráter moral do comportamento não depende somente da reta intenção dos motivos, que têm o seu fundamento na própria natureza da pessoa humana e dos seus atos, que têm por finalidade num contexto de verdadeiro amor, o sentido completo da verdadeira doação e da procriação humanas; e tudo isto só será possível cultivando com sinceridade a castidade matrimonial”³⁴.

Assim, a vida humana procede de Deus e é confiada à humanidade no interior de uma família. O indivíduo, ainda antes de se interrogar sobre si mesmo, já conhece

³² Papa João Paulo II, “*Gratissimam sane*”, 9.

³³ Concílio Ecuménico Vaticano II, “Documentos Conciliares e Pontificios. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual *Gaudium et Spes*”, (7 de dezembro de 1965), *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 52.

³⁴ *Ibidem*.

muitas coisas sobre si próprio, e “antes de descobrir que é um ser familiar, já se encontra na família, na qual nasce, cresce, desenvolve-se, vive e morre”³⁵.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja lembra que:

“A família é importante e central em relação à pessoa. Neste berço da vida e do amor, o homem nasce e cresce: quando nasce uma criança, à sociedade é oferecido o dom de uma nova pessoa, que é «chamada, desde o seu íntimo, à comunhão com os outros e à doação aos outros ». Na família, portanto, o dom recíproco de si por parte do homem e da mulher unidos em matrimônio cria um ambiente de vida no qual a criança pode nascer e desenvolver as suas potencialidades, tornar-se consciente da sua dignidade e preparar-se para enfrentar o seu único e irrepetível destino”³⁶.

O ser humano foi criado por amor, e capaz de amar. Foi criado homem e mulher (Gn 1,27). São complementares e correlativos, capazes de fazer a doação de si próprios, na família e, de encontrar nos filhos uma projeção e um sentido para a sua existência. Deste modo, “o amor conjugal é, por sua própria natureza, aberto ao acolhimento da vida”³⁷.

A história vai mostrando a influência que o Evangelho teve, na evolução da vida e da educação familiar, ao longo dos séculos, assim como a riqueza do testemunho de numerosos pais e mães de famílias cristãs.

4. A educação dos filhos

No processo de educação dos filhos, é necessário ter em conta o primado da pessoa. O crescimento humano não se consegue da mesma maneira como se constrói uma casa por meio da sobreposição de tijolos, mas sim de um modo semelhante ao cultivo de uma planta, despertando a capacidade, os dons e as competências da criança. Educar é fomentar a capacidade do educando. A verdadeira formação humana, não se pode fazer em série, mas exige o cuidado de cada um em particular. Os meios externos são necessários, mas todos devem ser postos ao serviço da pessoa: “Um é aquele que planta, outro o que rega, mas Deus é que dá o incremento” (1Cor 3,67).

O crescimento das potencialidades humanas dá-se de modo muito próprio, especialmente nas primeiras fases da vida familiar, onde o ser humano aprende a ser

³⁵ Conselho Pontifício, *Família*, 25.

³⁶ Conselho Pontifício para a Justiça e a Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Editora Principia, 2005), 212.

³⁷ *Ibidem*, 230.

pessoa, na vida e na cultura. Cada membro da família contribui para a maturidade e a promoção dos outros.

Para levar a cabo esta desejada educação completa, é necessário ter sempre presente que os membros da família são pessoas. Nenhuma instituição exige de modo tão perentório esta condição. A família requer relações interpessoais estáveis e duradouras entre os seus membros. Isto é fácil de dizer mas não é fácil de realizá-lo. O indivíduo é sempre uma pessoa. O ser humano exige, ser tratado como tal, desde a sua conceção³⁸.

Desde o seu nascimento, e quanto mais pequena for, tanto maior necessidade a criança tem de cuidado e proteção. Cada criança merece uma atenção particular, pelo facto de ser uma pessoa; essa atenção é-lhe dada pelos pais.

4.1. Ser pai e mãe, hoje

Ser pai e ser mãe implica o dom do próprio ser, na transmissão da vida e no crescimento das pessoas. A regra do seu comportamento, tantas vezes heroico e de abnegação, por fidelidade a Deus e amor aos filhos, pode comparar-se à de João Baptista: “Ele deve crescer e eu diminuir” (Jo 3,30).

A educação consiste precisamente num processo de despertar e desenvolver as potencialidades do indivíduo que se manifestam nas suas preferências, a partir da infância.

Educar os filhos é uma tarefa que se impõe aos pais³⁹, tarefa que exige deles o assumir da sua responsabilidade de serem pais. Esta tarefa tem duas vertentes. Por um lado, é necessário voltar a dar ao indivíduo a consciência da grandeza de ser pai. Influenciado pelo individualismo atual, o pai tende a ser simplesmente um cidadão mais velho que os seus filhos. Uma vez que pai e filhos têm os mesmos direitos nas sociedades democráticas, existe o perigo que a solidariedade entre eles se debilite. Tende-se a diminuir o período da infância, na medida em que a sociedade tende a conceder todos os direitos individuais cada vez mais amplos.

Por conseguinte, para que se restaurem as solidariedades naturais, torna-se necessário que os pais reaprendam a ser pais. A solidariedade do pai com os próprios filhos supõe que consiga partilhar com os filhos os valores tradicionais fundamentais.

³⁸ Concílio, “Gaudium et Spes”, 12.

³⁹ Esta afirmação bem como as seguintes são fruto da reflexão sobre a experiência de ser pai e professor.

É necessário, de igual modo, que as mulheres readquiram a convicção e o desejo de serem mães: as mães devem reaprender a ser mães. O seu papel não pode ser reduzido à tarefa utilitária de formadoras de crianças válidas. A mulher está inclinada, pela sua própria natureza, a preferir as relações de amor às utilitárias. E esta tendência natural deve ser mantida e desenvolvida, sem prejudicar, contudo, as possibilidades de trabalho fora de casa, habituais e necessárias, hoje em dia.

Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm a obrigação de os educar e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, quando não existir, desde a infância, dificilmente poderá ser suprida.

Devem, por isso, os pais criar um ambiente familiar de tal modo “animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os Homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos”⁴⁰. A família é a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. Mas é sobretudo:

“na família cristã, ornada da graça e do dever do sacramento do matrimónio, que devem ser ensinados os filhos, desde os primeiros anos, segundo a fé recebida no Batismo, a conhecer e a adorar a Deus e a amar o próximo; é aí que eles encontram a primeira experiência quer da sã sociedade humana, quer da Igreja; é pela família que eles são pouco a pouco introduzidos no consórcio civil dos Homens e no Povo de Deus. Caiam, portanto, os pais na conta da importância da família verdadeiramente cristã na vida e progresso do próprio Povo de Deus”⁴¹.

Assim, “o autêntico amor conjugal é assumido no amor divino e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja; para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam ajudados e fortalecidos na sua missão sublime de pai e mãe”⁴².

Na família, tal como numa igreja doméstica, “devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um”⁴³.

⁴⁰ Concílio Ecuménico Vaticano II, “Documentos Conciliares e Pontifícios. Declaração sobre a Educação Cristã Gravissimum Educationis” (28 de outubro de 1965), *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 3.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² Concílio, “Gaudium et Spes”, 48.

⁴³ Concílio Ecuménico Vaticano II, “Documentos Conciliares e Pontifícios. Constituição Dogmática sobre a Santa Igreja Lumen Gentium” (21 de novembro de 1964), *Acta Apostolicae Sedis* 57 (1965): 11.

O autêntico amor conjugal será mais apreciado, e formar-se-á a seu respeito uma sã opinião pública, se:

“Os esposos cristãos derem um testemunho eminente de fidelidade e harmonia e de solicitude na educação dos filhos e se participarem na necessária renovação cultural, psicológica e social em favor do casamento e da família os jovens devem ser conveniente e oportunamente instruídos, sobretudo no seio da própria família, acerca da dignidade, missão e exercício do amor conjugal. Deste modo, educados na castidade, poderão, chegada a idade conveniente, entrar no casamento depois dum noivado puro”⁴⁴.

Os filhos são, sem dúvida, o maior dom do matrimónio e contribuem muito para o bem dos próprios pais. O autêntico culto do amor conjugal e, toda a vida familiar que dele nasce, sem pôr de lado os outros fins do matrimónio, tendem a que os esposos, com fortaleza de ânimo, estejam dispostos a colaborar com o amor do Criador e Salvador, que por meio deles aumenta cada dia mais e enriquece a sua família. Logo,

“A família – na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social – constitui assim o fundamento da sociedade. E por esta razão, todos aqueles que têm alguma influência nas comunidades e grupos sociais, devem contribuir eficazmente para a promoção do matrimónio e da família. A autoridade civil há-de considerar como um dever sagrado reconhecer, proteger e favorecer a sua verdadeira natureza, assegurar a moralidade pública e favorecer a prosperidade doméstica”⁴⁵.

Como vimos, o amor brota da relação estabelecida entre os vários membros de uma família. O Criador de todas as coisas constituiu o vínculo conjugal princípio e fundamento da sociedade humana e fê-lo, por sua graça, sacramento grande em Cristo e na Igreja (Ef 5, 32).

Desde o início da vida, o ser humano tem necessidade de se sentir amado, de ser aceite e de se sentir seguro. Logo, o homem e a mulher unidos, por amor, no sacramento do matrimónio irão transmitir aos filhos aquilo que por eles é vivido porque “a comunhão conjugal constitui o fundamento sobre o qual se continua e edificar a mais

⁴⁴ Concílio, “Gaudium et Spes”, 49.

⁴⁵ *Ibidem*, 52..

ampla comunhão da família: dos pais e dos filhos, dos irmãos e das irmãs entre si, dos parentes e de outros familiares”⁴⁶.

Quanto mais profunda for a relação entre o casal, mais íntimos e intensos serão também os gestos utilizados para exprimir essa relação entre eles e para com os filhos uma vez que “quando na família se ama e se ensina a amar, então ensina-se a ser Homem em plenitude”⁴⁷. Logo, compete aos pais “não só o comportarem-se responsabilmente entre si e para com os filhos mas educarem para este exercício permanente da liberdade na responsabilidade”⁴⁸.

A família é a instituição onde nasce a vida e há-de ser o espaço onde se cresce no amor. O psicólogo português Eduardo Sá, ao abordar a negligência e falta de amor dos pais para com os seus filhos, afirma que “uma criança sem pais, dentro de si é como a noite à procura de estrelas”⁴⁹.

Para os pais, a educação a dar aos filhos não se aprende em livros; nunca foi nem será uma tarefa fácil. No entanto, “ao chamarem um filho à vida, os pais têm um conjunto de obrigações para com ele”⁵⁰. A fim de conseguir um desenvolvimento harmonioso da personalidade, a começar na infância, a família há-de ser a

“primeira escola dos afetos, o berço da vida humana, onde o mal pode ser enfrentado e superado. A família é um recurso precioso de bem para a sociedade. Ela constitui a semente da qual nascerão outras famílias, chamadas a melhorar o mundo”⁵¹. É na família que se aprendem e apreendem os valores e as virtudes sociais mais importantes, como refere o Catecismo da Igreja Católica: “a família é a comunidade em que, desde a infância, se podem aprender os valores morais, começar a honrar a Deus e a fazer bom uso da liberdade. A vida em família é a iniciação na vida em sociedade”⁵².

Os filhos têm necessidade de se sentir protegidos, respeitados e amados. A dedicação dos pais através de gestos concretos de amor, palavras, expressões de afeto, não só garantem o bem-estar de todos como vai ensinando e preparando os mais novos a

⁴⁶ Papa João Paulo II, “Familiaris Consortio”, 21.

⁴⁷ Dionísio Borobio, *Familia, Sociedad, Iglesia. Identidad y misión de la familia Cristiana* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 1994), 55.

⁴⁸ *Ibidem*, p.62.

⁴⁹ Eduardo Sá (Coord.), *Abandono e Adopção* (Coimbra: Edições Almedina, 2005), 12.

⁵⁰ Maria Engrácia Leandro (Coord.), *Laços familiares e sociais* (Lisboa: Psicossoma, 2011), 89.

⁵¹ Pontifício Conselho para a Família, *A Família, o Trabalho e a Festa, Catequeses preparatórias para o VII Encontro Mundial das Famílias* (Cascais: Lucerna, 2011), 48-49.

⁵² Catecismo da Igreja Católica (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 2207.

abrirem-se aos outros, desde os mais próximos à sociedade em geral. Ajudá-los-ão a “crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, adotando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que o homem vale mais pelo que é do que pelo que tem”⁵³.

A família representa e tem uma função muito peculiar e única, essencialmente na primeira educação. “Numa primeira fase, a criança começa a interiorizar o olhar das pessoas próximas”⁵⁴. Depois começa a identificar-se com os que lhe são mais próximos e só depois com os outros, formando a sua própria personalidade.

Não podemos esquecer, no entanto, que ao falar da família estamos a abordar uma realidade humana, plural, diversa e dinâmica e, como todas as realidades humanas, “ela participa das características próprias dos seres limitados e finitos e, conseqüentemente, tem muito de comum com outros seres vivos ditos criados. Mas a vida como realidade humana, ela ultrapassa todos os seres, finitos, e avanta-se pela diferença que marca a distinção entre seres humanos e infra-humanos”⁵⁵. Uma dessas diferenças que marca a distinção entre os humanos e os outros seres é precisamente o amor, fundamento de relações puras, profundas e verdadeiras na família.

4.2. *O amor na família*

O Papa Paulo VI, numa das suas peregrinações a Nazaré, convidava as famílias cristãs à imitação da Sagrada Família: “que Nazaré nos ensine o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu caráter sagrado e inviolável, uma lição de trabalho”⁵⁶.

Por seu lado, o Papa João Paulo II propõe à família o mistério do amor trinitário: “no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que contem em si paternidade, filiação, e a essência da família que é o amor”⁵⁷.

O Papa Francisco, na recente Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* lembra que o amor “unifica todos os aspetos da vida matrimonial e ajuda os membros da família a avançarem em todas as suas fases”⁵⁸. Manter e reforçar o amor que existia

⁵³ João Paulo II, “Familiaris Consortio”, 37.

⁵⁴ François de Singly, *O Eu, o Casal e a Família* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000), 20.

⁵⁵ Manuel Madureira Dias, “A visão cristã da família”, *Communio*, 6, Ano III (1986) 511.

⁵⁶ Catecismo, 533.

⁵⁷ Papa João Paulo II, Homilia em Puebla de los Angeles, México, 28 de janeiro de 1979.

⁵⁸ Papa Francisco, “Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), 133, acessado a 15 de fevereiro de 2017, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-

no dia do matrimónio não é tarefa fácil face às adversidades; para que “este amor possa atravessar todas as provações e manter-se fiel contra tudo, requer-se o dom da graça que o fortalece e eleva”⁵⁹.

Assim, os Papas ensinam-nos que o amor é a base da família e que o amor é sempre fecundo, num processo de crescimento, até à sua plenitude concretizada nos filhos. O mistério da família humana, como nos diz o Apóstolo São Paulo, é muito profundo, ajuda-nos a subir para o alto, em direção ao conhecimento do mistério da Trindade, que por sua vez ilumina a realidade da família humana.

5. Família e sociedade

A sociedade humana pressupõe a família, e esta encontra na sociedade o seu complemento. Verifica-se uma espécie de circularidade: a família está orientada para a sociedade, e esta organiza-se ao serviço da família. Por um lado, a pessoa e a família são anteriores, e por outro, a sociedade orienta-se para o bem comum da pessoa e da família.

A sociedade tem necessidade de conservar, proteger e promover a família. Só assim poderá garantir a sua sobrevivência. O Catecismo da Igreja Católica, refere claramente, que o ponto de partida para uma relação correta e construtiva entre a família e a sociedade, é o reconhecimento da subjetividade e da prioridade da família: “a importância da família na vida e no bem-estar da sociedade exige desta uma responsabilidade particular na defesa e garantia do matrimónio e da família”⁶⁰. Esta relação íntima entre as duas “impõe igualmente que a sociedade cumpra o seu dever fundamental de respeitar e promover a família”⁶¹. A sociedade e particularmente as instituições estatais – no respeito pela prioridade e antecedência da família – são pois chamadas a garantir e a favorecer a identidade genuína da vida familiar.

Por outro lado, o papel público da família não é nem poderia ser de modo algum somente passivo, como se ela pudesse estar à espera de tutela e proteção das instituições civis; ela é chamada a exercer de modo ativo a sua função uma vez que ela é núcleo essencial da sociedade.

francesco.esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Pelo facto da Exortação Apostólica ser recente, não consta ainda nas Acta Apostolicae Sedis.

⁵⁹ *Ibidem*, 124.

⁶⁰ Catecismo, 2210.

⁶¹ Papa João Paulo II, “Gratissimam sane”, 17.

5.1. A originalidade da instituição “família”

A originalidade da família, como foi muitas vezes sublinhado pelo Magistério da Igreja, constitui o protótipo de qualquer sociedade humana. Esta originalidade foi particularmente posta em destaque pelo papa João XXIII, na Carta Encíclica *Pacem in terris*: “a família, fundada no matrimónio livremente contraído, uno e indissolúvel, é e deve ser considerada o núcleo natural e essencial da sociedade. Para ela são orientadas as medidas económicas, culturais e morais, que consolidam a estabilidade e facilitam a realização da sua missão específica”⁶².

Já o Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Evangelium vitae*, afirmou que no interior do povo da vida e para a vida, a responsabilidade da família é decisiva “é uma responsabilidade que brota da própria natureza dela — uma comunidade de vida e de amor, fundada sobre o matrimónio — e da sua missão que é guardar, revelar e comunicar o amor”⁶³. Está aqui implícito o próprio amor de Deus, do qual os pais são constituídos colaboradores e como que intérpretes, pelo facto de transmitirem a vida e a fazerem crescer, segundo o projeto do Pai.

O Concílio Vaticano II afirma no Decreto *Apostolicam Actuositatem* que:

“foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja; se toda a família se inserir no culto litúrgico da Igreja e, finalmente, se a família exercer uma hospitalidade atuante e promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos que sofrem necessidade”⁶⁴.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* refere que “a família é, prioritariamente, como que a mãe e a fonte da educação: nela, os filhos, rodeados de amor, aprendem mais facilmente a reta ordem das coisas, enquanto que as formas aprovadas da cultura vão penetrando como que naturalmente na alma dos adolescentes, à medida que vão crescendo”⁶⁵. Contudo, educar não é tarefa fácil e, “no seio da família, originam-se tensões, quer devido à pressão das condições demográficas,

⁶² Papa João XXIII, “Carta Encíclica «Pacem in terris»” (11 de abril de 1963), *Acta Apostolicae Sedis* 55 (1963): 9.

⁶³ Papa João Paulo II, “Carta Encíclica «Evangelium vitae»” (25 de março 1995), *Acta Apostolicae Sedis* 87 (1995): 92.

⁶⁴ Concílio Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios. Decreto sobre o Apostolado dos Leigos *Apostolicam Actuositatem*, (28 de outubro de 1965), *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 11.

⁶⁵ Concílio, *Gaudium et Spes*, 61.

económicas e sociais, quer pelas dificuldades que surgem entre as diferentes gerações, quer pelo novo tipo de relações sociais entre homens e mulheres”⁶⁶.

5.2. *Família, laço de união entre gerações*

Um importante sinal do valor da família, consiste na capacidade de reforçar a relação entre as gerações. Vivemos numa sociedade que está a perder progressivamente o sentido da própria tradição e a confiança no futuro. Dá a impressão de que às novas gerações, lhes custa muito valorizar as tradições, manter as tradições e, por sua vez, criar novas tradições. Sejam quais forem os motivos desta incapacidade, uma coisa é certa: “a família é o lugar privilegiado para a salvaguarda do sentido da sucessão das gerações”⁶⁷. O costume de viver com os outros, a partilha da casa, as coisas e os afetos, reforça, quer a ligação com a pequena comunidade a que se pertence, quer a capacidade de se emancipar como sujeito. Com efeito, a autonomia de cada pessoa depende da capacidade que cada um possui de contar a sua história, como parte de outras histórias.

O tempo atual, muito individualista, parece ter esquecido o sentido desta realidade, mas as “intermináveis genealogias de algumas páginas bíblicas fazem-nos cair na conta da cadeia geracional na qual se radica a nossa identidade”⁶⁸. Esquecer esta cadeia não torna ninguém mais autónomo nem mais livre. É isto que pensam claramente os jovens que cresceram num contexto historicamente neutro, e a maior parte das vezes sem irmãos nem irmãs, com pais, por sua vez, desadaptados, e que, do mesmo modo que os filhos, andam à busca, frequentemente desesperada, das suas raízes.

Sempre que a família reforça os laços entre gerações, “desenvolve uma ulterior e importantíssima função social: salvaguardar as tradições de uma comunidade. Depois de um longo período de desconfiança e de hostilidade, o conceito de tradição está, justamente, a readquirir um certo prestígio no interior da cultura ocidental”⁶⁹. Aos poucos e quase sem nos apercebermos, começamos a dar-nos conta de que isso tem muito a ver com a memória, a identidade e a esperança de futuro de uma comunidade.

Esta relação tem uma grande importância, também dentro de uma perspetiva eclesial. Com efeito, era já profundamente sublinhada, no Antigo Testamento. As maravilhas operadas por Deus a favor do seu povo são contadas e depois transmitidas de geração em geração. É na sucessão de gerações humanas que Deus vai dando

⁶⁶ *Ibidem*, 8.

⁶⁷ Conselho Pontifício, Família e procriação, 69.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ *Ibidem*, 70.

continuidade ao povo eleito. Os dois sentidos do termo geração remetem-se um para o outro: a geração é, antes de mais, a transmissão da vida, em todas as suas dimensões⁷⁰. A geração é também o tempo que medeia entre o momento no qual o Homem foi gerado e aquele em que foi chamado, por sua vez a gerar.

O individualismo exagerado que vai invadindo as sociedades ocidentais encontra na família, aberta ao amor e à vida, uma espécie de barreira. Hoje em dia, é impossível que um casal decida ter dois, três, quatro ou cinco filhos, se não tem um profundo sentido da gratuidade da vida (a que se recebe e a que se dá) e sem um grande sentido de conhecimento, de confiança e de responsabilidade. Esses pais sabem que assumem uma grande responsabilidade, mas fazem-no, porque têm uma grande confiança em Deus e na vida, e porque pensam que apesar de todos os riscos e incertezas, isso vale a pena. Não é de facto paradoxal que as sociedades cada vez mais envelhecidas se esforcem por salvaguardar o sentido da tradição.

Esse individualismo leva à perda de valores fundamentais, como “a generosidade, a disponibilidade para partilhar, a compreensão, a tolerância, o perdão, a contínua abertura à reconciliação, a solidariedade na ajuda mútua, a fidelidade às pessoas e ao projeto comum, o respeito pela vida e pela dignidade de cada elemento que integra a comunidade familiar”⁷¹ e à discriminação daqueles que não “seguem a norma dos dias de hoje. A família deve debater-se contra isso: a luta contra a discriminação, a humilhação, a perseguição de pessoas e grupos é uma luta que não acabou e que vale a pena”⁷². Quantas vezes temos algo a dizer que nos parece sensato, mas que não dizemos, por receio de sermos mal interpretados? Troca-se a verdade pela aceitação do grupo dominante.

5.3. *O amor conjugal*

O Concílio Vaticano II constitui um momento muito particular para a conceção do amor matrimonial, uma realidade natural vivida desde as origens da humanidade. Antes, a questão colocava-se em termos de saber qual seria a finalidade principal do matrimónio: “se o amor conjugal (em contraste com o modo tradicional cristão de entender a procriação), se a procriação (que era então interpretada como uma

⁷⁰ Cf. *Ibidem*, p.70-71.

⁷¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral A família, esperança da Igreja e do Mundo* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2004), 9.

⁷² Mónica Leal da Silva, *A crise, a Família e a Crise da Família* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012), 11.

“instrumentalização” do amor conjugal)”⁷³. O Concílio Vaticano II superou esta abordagem desadequada do problema, “fazendo sobre o amor conjugal não a pergunta: Para que serve?, mas uma reflexão sobre a essência do matrimónio e a pergunta: o que é?”⁷⁴.

A unidade e a indissolubilidade do matrimónio encontram a sua alma e a sua forma no amor conjugal e na instituição matrimonial. Isto não significa, porém, que o amor e o matrimónio sejam a mesma coisa. O amor conjugal é “um elemento constitutivo do matrimónio, mas não o único, porque a realidade do matrimónio é a de uma instituição. O matrimónio é, pois, a instituição do amor conjugal. Amor conjugal e instituição matrimonial implicam-se mutuamente”⁷⁵. Conclui-se que o matrimónio pressupõe o amor, mas o amor deve também ser fruto do matrimónio. Isto significa que o amor conjugal é igualmente um desafio que deve ser realizado na vida dos esposos.

O Papa Bento XVI insiste que “a família é o ambiente privilegiado onde a pessoa aprende a dar e receber amor”⁷⁶. Na Encíclica *Deus Caritas Est*, recorrendo a Adão e Eva, explica de forma única:

“Primeiro, o *eros* está de certo modo enraizado na própria natureza do Homem; Adão anda à procura e «deixa o pai e a mãe» para encontrar a mulher; só no seu conjunto é que representam a totalidade humana, tornam-se «uma só carne». Não menos importante é o segundo aspeto: numa orientação baseada na criação, o *eros* impele o Homem ao matrimónio, a uma ligação caracterizada pela unicidade e para sempre; deste modo, e somente assim, é que se realiza a sua finalidade íntima. À imagem do Deus monoteísta corresponde o matrimónio monogâmico. O matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano. Esta estreita ligação entre *eros* e matrimónio na Bíblia quase não encontra paralelos literários fora da mesma”⁷⁷.

⁷³ Francisco Gil Hellín, “Casal e amor conjugal”, in *Léxico da Família. Temas ambíguos sobre a família, vida e aspetos éticos*, ed. Conselho Pontifício para a Família (Cascais: Príncipia, 2010), 71.

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ Lucio Coco, *Papa Bento XVI: Pensamentos sobre a família* (Cascais: Príncipia Editora, 2010), 5.

⁷⁷ Papa Bento XVI, “Carta Encíclica «Deus Caritas Est»” (25 de dezembro de 2005), *Acta Apostolicae Sedis* 98 (2006): 11.

Falando também do amor conjugal, o Cardeal Walter Kasper afirma que “em todas as culturas da história da humanidade, a família é o percurso do Homem”⁷⁸. A reflexão mostra-nos, então, que o amor conjugal está orientado para uma certa plenitude, para uma determinada vivificação por obra da graça, que o eleva, o aperfeiçoa, cuida dele e o enriquece: a caridade conjugal. O amor conjugal que se exprime na “doação recíproca e a orientação do matrimónio para a procriação confluem na sexualidade matrimonial, que deve ser uma manifestação genuína do dom recíproco das pessoas casadas, reproduzindo em si a imagem da instituição matrimonial e do amor conjugal que a protege”⁷⁹.

O exercício quotidiano do amor conjugal, vivido com espírito de entrega ao outro e de generosidade, para além de refletir a força do amor já existente, pode fazê-lo crescer e lavá-lo à plenitude. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II significou um progresso notável da conceção da natureza e do lugar próprio do amor conjugal na instituição do matrimónio. Aí se defende que “o bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã, está intimamente ligado a uma favorável situação de comunidade conjugal e familiar”⁸⁰.

Mais tarde, o Papa João Paulo II, a quinze de maio de 1982, numa homilia, no Santuário do Sameiro, em Braga, afirma que “o matrimónio é o alicerce da família, como a família é o vértice do matrimónio. É impossível separar um do outro”⁸¹. Noutro momento, refere e defende na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* que “o futuro da humanidade passa pela família”⁸², devendo, por isso, a família, tornar-se naquilo que é, no plano de Deus, Criador e Redentor⁸³. A família, “Íntima comunidade de vida e amor”⁸⁴, tem a missão e, mesmo, obrigação de se tornar nisso mesmo, cada vez mais.

⁷⁸ Kasper, *O Evangelho*, 8.

⁷⁹ Hellín, *Casal*, 79.

⁸⁰ Concílio, “*Gaudium et Spes*”, 47.

⁸¹ Secretaria Geral do Episcopado, *A família, futuro da humanidade. Documentos mais recentes do Magistério da Igreja sobre a família e a pastoral familiar* (Lisboa: Rei dos Livros, 1994), 120.

⁸² Papa João Paulo II, “*Familiaris Consortio*”, 113.

⁸³ Cf. *Ibidem*, 17.

⁸⁴ *Ibidem*.

A essência e os deveres da família são definidos pelo amor entre os seus membros. O Papa João Paulo II enumera quatro principais deveres da Família:

- 1- Formação de comunidade de pessoas;
- 2- Serviço da vida;
- 3- Participação no desenvolvimento da sociedade;
- 4- Participação na vida e missão da Igreja⁸⁵.

Só será possível à família cumprir os seus deveres com amor sólido entre os seus membros, princípio e força de comunhão, uma vez que “sem amor, a família não é uma comunidade de pessoas”⁸⁶. A família é origem da vida e há-de ser o espaço onde se cresce no amor. Assim, “o amor dos esposos e a geração dos filhos estabelecem relações pessoais e responsabilidades primordiais”⁸⁷.

Tratando-se de uma unidade indivisível e indissolúvel na comunhão conjugal, “uma só carne”⁸⁸, deve respeitar-se e salvaguardar a igual dignidade pessoal do homem e da mulher que se deve reconhecer no mútuo e pleno amor.

A comunhão conjugal que se deve procurar e manter “constitui o fundamento sobre a qual se continua a edificar a mais ampla comunhão da família”⁸⁹; comunhão na qual “todos os membros da família possuem a graça e responsabilidade de construir a comunhão de pessoas, fazendo da família uma “escola de humanismo mais completa e mais rica”⁹⁰, partilhando os bens, tanto nas alegrias como na privação e sofrimentos.

“Deus não criou o homem sozinho, “desde o princípio o criou homem e mulher” (Gn 1,22), e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas. O Homem, por própria natureza, “é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros”⁹¹.

Ora o amor que uniu o homem e a mulher pelo sacramento do matrimónio, uma vez que se trata de um amor “eminente humano – pois vai de pessoa a pessoa com um afeto voluntário – compreende o bem de toda a pessoa e, por conseguinte, pode conferir especial dignidade às manifestações do corpo e do espírito, enobrecendo-as como elementos e sinais peculiares do amor conjugal”⁹².

⁸⁵ Cf. *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*, 18.

⁸⁷ Catecismo, 2201.

⁸⁸ *Biblia Sagrada* (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica - Missionários Capuchinhos). Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos, Mt 19,6.

⁸⁹ Papa João Paulo II, “Familiaris Consortio”, 21.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Concílio, “Gaudium et Spes”, 12.

⁹² *Ibidem*, 49.

Embora eminentemente humano, como refere o Concílio Vaticano II, é um amor abençoado pelo Senhor, que se digna assim “saná-lo, aperfeiçoá-lo e elevá-lo”⁹³. O amor conjugal, associando o humano ao divino, só pode conduzir os esposos ao livre e recíproco dom de si mesmos, “que se manifesta com a ternura do afeto e penetra toda a sua vida”⁹⁴.

Desta forma, “são honestos e dignos os atos que realizam a união íntima e casta dos esposos. Exercidos de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão”⁹⁵.

Por isso, o verdadeiro desenvolvimento do amor conjugal, e toda a vida familiar que dele nasce, sem pôr de lado os outros fins do matrimónio, tende a que os esposos com fortaleza de ânimo, estejam dispostos a colaborar com o amor de Deus, que por meio deles aumenta cada dia e enriquece a sua família. Entenda-se que isto não significa que “a síntese harmoniosa do amor e da vida se estabeleça sempre sem dificuldade”⁹⁶, mas enfrentando as dificuldades, ultrapassando-as em conjunto ou convivendo com elas, é possível um crescimento como casal. Graças a esse crescimento, o casal viverá cada vez mais de um amor que faz da comunhão dos corpos a sua mais secreta linguagem, sem contudo ver nela o absoluto da sua realidade.

A respeito do amor conjugal, o Papa Bento XVI afirma que “a família é como santuário do amor, da vida da fé, como Igreja doméstica mas também como escola de humanismo, como lugar onde se educa para o exercício da inteligência, para a liberdade de escolhas, para o serviço do amor”⁹⁷.

Ignacio Larrañaga adverte que, na família, o respeito é fundamental, uma vez que “o respeito é a primeira exigência do Amor”⁹⁸. O mesmo autor define o respeito como “a capacidade de tomar consciência e aceitar com benevolência a singularidade do cônjuge”⁹⁹. A união no matrimónio só será saudável na medida em que “cada cônjuge respeite e preserve a integridade e individualidade do outro. Sem respeito pela pessoa amada, o amor pode degenerar em sujeição ou domínio”¹⁰⁰.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ *Ibidem*.

⁹⁶ Gustave Martelet S.J., *As linhas mestras do Vaticano II* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração 1969), 124.

⁹⁷ Papa Bento XVI, *Pensamentos*, 12.

⁹⁸ Ignacio Larrañaga, *O Matrimónio feliz* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), 18.

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ Kasper, *O Evangelho*, 39.

Espera-se e deseja-se que a família seja “capaz de ensinar aos seus membros amor e solidariedade”¹⁰¹, uma vez que “as famílias estão nos alicerces da troca cultural viva entre as pessoas”¹⁰².

6. A família nas palavras do Papa Francisco

O Papa Francisco identifica a família como “fundamento da convivência e remédio contra a desintegração social”¹⁰³. Referindo-se à importância da família na sua relação com a humanidade, afirma: “não só diria que a família é importante para a evangelização do novo mundo. A família é importante, é necessária para a sobrevivência da humanidade. Quer gostemos ou não, ela é a base”¹⁰⁴.

A família é o lugar principal do crescimento de cada indivíduo, uma vez que através dela, o ser humano se abre à vida bem como a essa exigência natural de se relacionar com os outros. Tantas vezes podemos constatar quão importantes e essenciais são os laços familiares para a estabilidade das relações sociais, para a função educativa e para um desenvolvimento integral, uma vez animados pelo amor, a solidariedade responsável entre gerações e a confiança recíproca. Estes são os elementos capazes de tornar menos gravosas inclusive as situações mais negativas, e “levar a uma verdadeira fraternidade toda a humanidade, fazendo que se sinta uma só família, na qual a maior atenção se dá aos mais débeis”¹⁰⁵.

O momento histórico que vivemos, como já dissemos, está marcada por uma crise global, profunda e persistente não só em termos economicistas mas também uma crise de valores. Vão aparecendo também preocupantes fenómenos como o enfraquecimento da estrutura familiar e dos vínculos sociais e com eles a “atenção insuficiente às gerações mais jovens, em vista a um futuro sereno e seguro”¹⁰⁶.

Sobre a promoção dos valores cristãos, o Papa diz que estamos “face a uma sociedade que por vezes parece pôr em questão algumas das próprias bases da

¹⁰¹ Conselho Executivo do Ano Internacional da Família, *1994 Ano Internacional da Família* (Portugal: IAG – Artes Gráficas, Lda, 1994), 13.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ Paola dal Toso, *El Papa Francisco y las familias*, (Madrid: San Pablo, 2014), 11.

¹⁰⁴ Entrevista na rádio à Arquidiocese do Rio de Janeiro (27 de julho de 2013), in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 10.

¹⁰⁵ Discurso aos participantes na 38ª Conferência da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e para a Agricultura (FAO), 20 de junho de 2013, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 15.

¹⁰⁶ Discurso ao Presidente da República Italiana Giorgio Napolitano, 8 de junho de 2013, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 15.

convivência, como o respeito pela sacralidade da vida humana ou a solidez da instituição família, fundada no matrimônio”¹⁰⁷.

A família cristã tem o seu fundamento na união estável de um homem e de uma mulher: nasce do seu amor, sinal e presença do amor de Deus:

“nasce do reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual em virtude da qual com cônjuges se podem unir numa só carne. Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira e que lembra muitos traços da fé: prometer um amor que dure para sempre é possível, quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta e permite doar o fruto inteiro à pessoa amada”¹⁰⁸.

Muitos afirmam que hoje o matrimônio “está passado de moda”. Na cultura do provisório, do relativo, muitos predicam que o importante é “desfrutar” o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer opções definitivas, “para sempre”, porque não se sabe o que acontecerá “amanhã”. O papa Francisco sabe bem das dificuldades em tomar decisões definitivas ao longo da vida: “Seduz-nos o passageiro. Somos vítimas de uma tendência que nos leva à provisionalidade como se quiséssemos continuar adolescentes. Não devemos ter medo de compromissos definitivos, daqueles que implicam e exigem toda a vida. Só assim a vida será fecunda”¹⁰⁹. Isto é liberdade: ter a capacidade de, sem receios, tomar estas decisões com magnanimidade. Muitos casam-se sem terem amadurecido essa ideia, sem dar-se conta de que esse compromisso é para toda a vida, ou casam-se porque socialmente deve casar-se, reduzindo o matrimônio a essa questão social que tantas vezes, infelizmente se verifica mesmo nas comunidades e famílias cristãs.

Nas muitas mensagens do Papa Francisco, dirigidas aos peregrinos nas diferentes línguas, como conclusão nas audiências, o Papa faz os seguintes desejos: “ a vós, queridos recém-casados, chegue o Mistério Pascal, a graça por fazer da vossa família um lugar de amor fiel e fecundo”¹¹⁰; “Cristo Bom Pastor vos ajude, queridos

¹⁰⁷ Discurso a Dom Justin Welby, Arcebispo de Canterbury e Primaz da Comunhão Anglicana, 14 de junho de 2013, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 15-16.

¹⁰⁸ Papa Francisco, “Carta Encíclica «Lumen Fidei»” (29 de junho de 2013), *Acta Apostolicae Sedis* 113, 5 (2013): 52.

¹⁰⁹ Toso, *El Papa*, .21.

¹¹⁰ Audiência Geral, Praça de São Pedro, 27 de março de 2013, despedida aos peregrinos de língua italiana, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 79-80.

recém-casados, a construir a vossa família sobre o amor de Deus”¹¹¹ e “o Senhor ressuscitado (...) vos guie, queridos casais recém casados, para que a vossa família cresça na santidade, seguindo o modelo da Sagrada Família”¹¹².

Nas famílias cristãs, ensina-se às crianças a relacionarem-se com Deus, a dialogar com Ele: “desde que éramos pequenos, os nossos pais costumavam iniciar e terminar o dia com uma oração, para nos educar a sentir que a amizade e o amor de Deus nos acompanham”¹¹³. Nas famílias cristãs, a fé está presente em todas as etapas da vida, começando pela infância. As crianças aprendem, pelo exemplo, a confiar no amor dos seus pais. É por isso importante que:

“Os pais cultivem práticas comuns de fé na família, que acompanhem o crescimento na fé, dos filhos. Sobretudo os jovens, que atravessam uma idade tão complexa, rica e importante para a fé, devem sentir a aproximação e a atenção da família bem como da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé. Os jovens aspiram a uma vida em grande. O encontro com Cristo, o deixar-se guiar por esse amor, amplia o horizonte da existência, da esperança sólida que não defrauda”¹¹⁴.

Em muitas das suas audiências, o Papa Francisco convida à oração em família e pelas famílias: “Convido-vos a todos a aprender a rezar em família e como família (...). A oração do Rosário ajuda-nos a contemplar, ao lado de Maria, os mistérios da vida de Jesus. Seria belo, precisamente no mês de maio, rezar o Rosário, juntos em família. A oração em conjunto torna mais estável a vida familiar. Voltemos a rezar mais nas nossas famílias”¹¹⁵.

7. A importância do matrimónio e a singularidade do cônjuge

Ignacio Larrañaga entende o matrimónio como “um vasto oceano em cujas profundidades se entrecruzam as correntes, se agitam as águas profundas, se integram e desintegram as ondas e, no momento menos esperado, podem ser empurrados para praias desertas (...) Os que se lançam neste mar desconhecido do matrimónio ficam desde logo presos nas redes de uma aventura”¹¹⁶.

¹¹¹ Audiência Geral, Praça de São Pedro, 24 de abril de 2013, despedida, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 80.

¹¹² Audiência Geral, Praça de São Pedro, 17 de abril de 2013, despedida, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 80.

¹¹³ Audiência Geral, Praça de São Pedro, 1 de maio de 2013, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 80.

¹¹⁴ Papa Francisco, “Lumen Fidei”, 53.

¹¹⁵ Audiência Geral, Praça de São Pedro, 1 de maio de 2013. Despedida aos peregrinos de língua francês e alemã, in *El Papa Francisco*, ed. Toso, 83.

¹¹⁶ Larrañaga, *O Matrimónio*, 5.

Na verdade, podemos considerar o matrimônio como um caminho ou percurso cheio de armadilhas: toda a convivência está sujeita ao desgaste; o amor, como sentimento humano que é, não deixa de ter o seu caráter de fugacidade; o ritmo da vida leva, muitas vezes, a reduzir o encanto do amor.

Não podemos esquecer que cada ser humano é alguém que não havia antes nem se repetirá depois; ou seja, é alguém inédito, irrepitível e único. Existe, na constituição humana, qualquer coisa de inefável, que nos torna idênticos a nós próprios, na nossa singularidade e diferentes de todos; “quando todas as lâmpadas se apagarem e as portas se fecharem, permanecerá de pé, como uma estátua, a minha identidade pessoal, como qualquer coisa que nunca muda e sempre se mantém”¹¹⁷.

Todo o cônjuge é, antes de mais, uma realidade singular, um mistério; e este mistério é o manancial do qual emanam as obrigações de respeito e liberdade que se devem a todo o cônjuge, às quais já aludimos. Cada ser humano é um indivíduo que está entre a necessidade de ser ele mesmo e a necessidade de ser para o outro. Por isso essencialmente identidade e essencialmente relação e não é nada fácil deixar de ser identidade para assumir ser relação. É, antes de mais, pessoa, um ser singular. O aventurar-se num projeto matrimonial sem ter dado resposta às perguntas fundamentais da sua singularidade (quem sou eu? Qual o projeto que quero para a minha vida? Qual o sentido da minha vida? Sou coerente? Sei lutar por objetivos? Porque estou no mundo?) significa “internar-se numa selva cheia de perigos. Isto explica os muitos fracassos”¹¹⁸.

Tudo o que impede o crescimento integral do outro elemento do casal constitui um atentado contra a liberdade. Assim, onde não há respeito, não existe liberdade. Os esposos não podem nem devem fazer do amor uma cadeia que os acorrente, mas um abrir espaços de liberdade entre ambos e para ambos, “evitando a todo o custo que o seu amor se converta em simbiose”¹¹⁹. No amor é necessário estar preparado e disposto a ceder; duas pessoas amam-se quando são capazes de viver uma sem a outra, mas optam por viver juntas. Só dois seres humanos livres conseguirão estabelecer relações conjugais verdadeiramente estáveis. De outro modo, poderão tentar essas relações mas sem sucesso: haveria sempre um dominador comum.

¹¹⁷ *Ibidem*, 8.

¹¹⁸ *Ibidem*, 11.

¹¹⁹ *Ibidem*, 13.

“Do respeito nascerá a aceitação do outro tal como ele é”¹²⁰. O respeito que é necessário na relação conjugal, nada tem a ver com temor. Respeito é a atitude de ver o outro tal como ele é, na sua singularidade, com as suas virtudes e aceitando os seus defeitos. É a capacidade de tomar consciência e aceitar com benevolência a singularidade do cônjuge. A união no matrimónio será saudável na medida em que cada cônjuge respeite e preserve a integridade e individualidade do outro. Sem respeito pela pessoa amada, o amor pode degenerar em sujeição ou domínio; atrevemo-nos mesmo a afirmar que essa será a consequência de uma separação precoce. Respeitar é reconhecer que o outro possui uma personalidade distinta, e não tentar fazer com que se adapte, à força, a todos os aspetos da minha maneira de ser. Respeitar é ainda o ser sincero para com o outro, o apoiar-se um no outro para crescer juntos, melhorar juntos e lutar por objetivos comuns, partilhando sonhos e responsabilidades.

O amor não tem razões nem dá explicações. Entra em casa sem aviso prévio; e, sem pedir desculpa, rompe esquemas, “reduz a cinzas ideias veneradas, altera critérios, sacode o pó acumulado nas estantes e solta ao vento hierarquias de valores”¹²¹. Cada ser humano possui uma capacidade de amor ilimitada, mas essa capacidade apresenta características peculiares em cada pessoa: o seu próprio ritmo, forma e momento porque cada pessoa é única. O amor nasce espontaneamente, sem razões que o justifiquem. O amor nunca pede, dá sempre. Uma única pena o ensombra: não poder dar mais além daquilo que tem para dar. O sinal “inconfundível do amor não é a paixão ardente, mas a dedicação, à base de pequenos pormenores diários”¹²².

Como sabemos, o amor não provém da convicção mas da emoção. Este amor não se procura, encontra-se ou melhor, “vem ao encontro das pessoas”¹²³. Brota espontaneamente e, com muita frequência, torna-se presente de forma imprevisível.

No amor entre um homem e uma mulher, fundamento do matrimónio, existem elementos comuns. O fogo da paixão inicial “não é perdurável, mas transitório, tal como qualquer doença é um estado passageiro na vida humana. Caso contrário, se a paixão se prolongasse por vários anos, arruinaria inevitavelmente o equilíbrio emocional das suas vítimas, até lhes provocar crises depressivas”¹²⁴. Perdurável deverá ser o amor entre ambos que os levou a assumir o compromisso do matrimónio: “O pacto matrimonial,

¹²⁰ *Ibidem*, 18.

¹²¹ *Ibidem*, 22.

¹²² *Ibidem*, 23.

¹²³ *Ibidem*, 24.

¹²⁴ *Ibidem*, 26.

pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole”¹²⁵, defende o Código de Direito Canônico. O Catecismo da Igreja Católica afirma que “a vocação para o matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador”¹²⁶.

No matrimônio é necessário que o “cônjuge que seja capaz de remover as pedras do caminho, de tal modo que os dois juntos possam caminhar ao sol com a mesma alegria das crianças, quando constroem castelos de areia na praia”¹²⁷. Quanto mais forte e alto for o amor entre ambos, mais crescem os desejos de cuidá-lo e alimentá-lo. Quanto menos cuidado, tanto mais facilmente o amor empreende o caminho do desencanto. Infelizmente à “maioria dos casais não interessa o que são mas como os veem; não lhes interessa a realidade, mas a imagem; não lhes interessa a pessoa, mas a personagem. São superficiais, porque só procuram os valores da superfície; são arquitetos de mundos superficiais”¹²⁸.

Um grave erro de uma grande parte de matrimônios cristãos consiste em acumular, de forma silenciosa, amargura sobre amargura, ruminando e dando voltas na mente e no coração, uma e outra vez, até que a crise se desencadeia e, num momento de infortúnio, se “explode” e mostra-se, nesse momento todo o veneno por entre recriminações e ameaças, abrindo feridas incuráveis.

Podemos enumerar vários elementos que podem manter os esposos mutuamente ausentes: a incomunicabilidade, a falta de confiança, a falta de liberdade, o desencanto e a ofensa. “Quando a existência matrimonial se desenrola de forma harmoniosa, os esposos quase não se dão conta de que tudo corre bem”¹²⁹ pois, é nas dificuldades e nos momentos menos positivos que o amor deverá ser mais forte.

A vida conjugal é vasta e, no seu longo percurso, surgem de forma imprevista situações de emergência, altos e baixos, recaídas. Ignacio Larrañaga lembra que “estamos muito familiarizados com os filhos e as filhas do egoísmo: orgulho, vaidade, inveja, rancor, vingança, ressentimento, enfim, agressividade de todo o tipo. São estas as feras que despedaçam a unidade e a paz, lançando com frequência o esposo contra a

¹²⁵ *Código de Direito Canônico*, Edição anotada, Tradução portuguesa (Braga: Theologica, 1997): Cânone 1055, §1.

¹²⁶ Catecismo, 1603.

¹²⁷ Larrañaga, *O Matrimônio*, 39.

¹²⁸ *Ibidem*, 52.

¹²⁹ *Ibidem*, 70.

esposa e vice-versa. Todas essas feras, com seus nomes diferentes, têm um denominador comum, o egoísmo”¹³⁰.

Na família moderna, o amor e a felicidade tornaram-se centrais. O amor romântico constitui a base e fundamento do casamento e é a dimensão sentimental que, em princípio, conduz as escolhas matrimoniais. Assim, os indivíduos “são socializados para se apaixonarem e para se deixarem guiar por esse sentimento na escolha do cônjuge”¹³¹, permanecendo, neste domínio, mais ou menos indiferentes às sugestões da família. No entanto, esta, ainda que informalmente, continua a controlar e a vigiar as relações e os meios em que os filhos podem “casualmente encontrar-se com semelhantes e apaixonarem-se”¹³².

Após esta reflexão que teve como base a nossa experiência familiar bem como as ideias defendidas por Ignacio Larrañaga sobre a importância do matrimônio no tempo atual e a forma como hoje as famílias vivem o amor, abordar-se-á, de seguida, com base em textos bíblicos a presença amorosa de Deus, fonte do amor humano, na relação entre homem e mulher.

8. A família na Bíblia Sagrada

No Antigo Testamento e, mais concretamente no Decálogo “os valores fundamentais da vida familiar são confiados à proteção particular de Deus: o respeito pelos pais e o cuidado dos pais idosos, a inviolabilidade do matrimônio, a tutela da nova vida humana que nasce do matrimônio, a propriedade como base da família e as relações recíprocas verazes, sem as quais não pode existir comunidade”¹³³.

O cardeal Walter Kasper escreve que “o Evangelho da família no Antigo Testamento fica concluído nos dois primeiros capítulos do Génesis”¹³⁴. Neles é apresentado o desígnio original de Deus para a família. Neste sentido, destacamos as suas três afirmações fundamentais:

1 – “Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-os à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27) No seu duplo género, o ser humano é a boa, ou até, a ótima criação de Deus. Não foi criado isolado. “Não é conveniente que o homem esteja

¹³⁰ *Ibidem*, 115.

¹³¹ Saraceno, *Sociologia*, 96.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ Kasper, *O Evangelho*, 13-14.

¹³⁴ *Ibidem*, 14.

só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele” (Gn 2,18). Por isso, Adão acolhe a mulher com uma alegre exclamação de boas-vindas (Gn 2,23). O homem e a mulher foram dados por Deus um ao outro. Devem completar-se e apoiar-se, com prazer-se e encontrar alegria um no outro.

Ambos, homem e mulher, enquanto imagem de Deus, têm a mesma dignidade. Não há lugar para a discriminação da mulher. Contudo, o homem e a mulher não são simplesmente iguais. A sua igualdade na dignidade, bem como a sua diversidade, funda-se na Criação. O ser homem e o ser mulher estão fundados ontologicamente na Criação. A igual dignidade da sua diversidade explica a atração entre ambos, cantada nos mitos e nos grandes poemas da humanidade, bem como no Cântico dos Cânticos¹³⁵, no Antigo Testamento. A Bíblia entende esse amor como uma união para se tornarem “uma só carne” (Mt 19,6), ou seja, como comunidade de vida, que inclui sexo, eros e amizade humana. Nesse sentido completo, o homem e a mulher são criados para o amor e são imagem de “Deus, que é amor” (1Jo 4, 8). Não pode, porém, o amor humano, por si só, ser considerado divino. É grande, belo, mas humano.

2 – “Abençoando-os, Deus disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28). O amor entre o homem e a mulher não está encerrado em si mesmo; transcende-se a si próprio e concretiza-se nos filhos que nascem desse amor. Há-de colaborar para que a comunidade de vida entre homem e mulher, com os seus filhos, seja feliz se eles se entenderem uns aos outros como um dom que os transcende. O amor entre um homem e uma mulher e a transmissão de vida são inseparáveis. Por isso, os filhos têm necessidade do espaço protetor e da segurança afetiva no amor dos pais; por outro lado, os filhos reforçam e enriquecem a ligação de amor entre os pais. As crianças são uma alegria e não um peso, são “fruto da bênção de Deus”¹³⁶.

Deus confia o bem mais precioso que pode dar, ou seja, a vida humana, à responsabilidade do homem e da mulher. É-lhes confiada a responsabilidade pelo futuro. Assim, “o futuro da humanidade passa pela família. Sem a família, não há futuro, mas sim o envelhecimento da sociedade, perigo que correm as sociedades ocidentais”¹³⁷.

3 – “Enchei e dominai a terra” (Gn 1,28). Por vezes as palavras dominar e reinar têm sido entendidas no sentido de submissão violenta e de exploração, atribuindo ao

¹³⁵ Cf. Livro do Cântico dos Cânticos, *Bíblia Sagrada*.

¹³⁶ Kasper, *O Evangelho*, 16.

¹³⁷ *Ibidem*, 17.

Cristianismo a culpa dos problemas ambientais. Os biblistas têm demonstrado que estas duas palavras não devem ser entendidas no sentido de submissão e de domínio violento. A segunda narração fala de cultivar e guardar (Gn.2,15). Trata-se, portanto da missão cultural do Homem, dando continuidade à obra criadora de Deus.

A Bíblia fala de infidelidade entre cônjuges, que se insinua até na árvore genealógica de Jesus: com efeito, esta inclui duas mulheres, Tamar e a mulher de Urias, que são consideradas pecadoras (Mt 1,5). O próprio Jesus tinha antepassados que não provinham de “boas famílias” e que seria preferível calar e manter escondidos. A Bíblia, nestes casos, é muito realista, muito honesta.

Homem e mulher sentem vergonha um do outro (Gn 3,10). A vergonha demonstra que a harmonia original entre o corpo e o espírito foi perturbada e que o homem e a mulher se separaram um do outro. O afeto degenera-se, dando lugar ao desejo recíproco e ao domínio do homem sobre a mulher (Gn 3,16). Censuram-se e acusam-se mutuamente (Gn 3,12). Violência, ciúme e discórdia insinuam-se no casal e na família.

Por fim, há a morte (Gn 3,19; Rom 5,12), e todas as forças da morte que se alastravam no mundo, provocando desgraças, luto e perdição. Implicam também sofrimento para a família. Basta pensar no que sucede quando uma mãe se encontra perante o túmulo do seu próprio filho ou quando os cônjuges se têm de despedir, o que é particularmente penoso nos casamentos felizes, e que, para as pessoas mais idosas, muitas vezes significa dolorosos anos de solidão.

Sempre que falamos da família e da beleza da família, não podemos partir de uma imagem romântica irrealista. Devemos também ver as duras realidades e participar na tristeza, nas preocupações e nas lágrimas de muitas famílias. O realismo bíblico pode até dar-nos uma certa consolação. Mostra-nos que aquilo que choramos não é uma coisa de hoje e que, no fundo, sempre foi assim. Não devemos pois, “ceder à tentação de idealizar o passado e de ver o presente como mera história de decadência, como hoje é moda em certos ambientes”¹³⁸.

O próprio Filho de Deus, Jesus entrou numa história familiar. Cresceu na família de Nazaré (Lc 2,51ssg) No início da sua vida pública participou na celebração das bodas de Caná, fazendo então o primeiro milagre (Jo 2,1-12). Desse modo, colocou todas as suas obras sob o signo de um matrimónio e da alegria matrimonial. Com Ele, o esposo,

¹³⁸ *Ibidem*, 21-22.

tiveram início o matrimônio escatológico e o tempo de alegria anunciados pelos profetas.

Uma afirmação fundamental de Jesus sobre o matrimônio e sobre a família encontra-se nas suas famosas palavras sobre o divórcio (Mt 19,3-9). Moisés admitira-o em determinadas condições (Dt 24,1); as condições eram motivo de controvérsia entre as diversas escolas dos escribas hebreus. Jesus não se deixa envolver nesta casuística, fazendo antes referência à vontade original de Deus: “No princípio da Criação não era assim” (Mc 10,2-12; Lc 6,18; 1Cor 7,10). Os discípulos ficam assustados com tal afirmação. Consideram-na um ataque inaudito à concepção do matrimônio segundo o mundo que os rodeia, bem como uma exigência cruel e excessiva.

Como o adultério tem início no coração (Mt 5,28), a cura só pode ter lugar mediante a conversão e o dom de um coração novo. Por isso Jesus se demarcou da dureza de coração e da hipocrisia dos castigos infligidos a uma adúltera e concedeu o perdão a uma mulher acusada de adultério (Jo 8,2-11; Lc 7,36-50).

A boa notícia de Jesus é que a aliança contraída pelos cônjuges é abraçada e sustentada pela aliança de Deus que, pela fidelidade divina, continua a existir mesmo quando a frágil ligação humana do amor se torna mais débil ou chega mesmo a morrer. O vínculo com que Deus estreita os esposos seria mal-entendido se o quiséssemos entender como um jogo; pelo contrário, é a promessa solícita da fidelidade de Deus ao Homem; é um encorajamento e uma constante fonte de força para manter a fidelidade recíproca, nas diversas vicissitudes da vida.

Dessa mensagem, Santo Agostinho¹³⁹ extraiu a doutrina da indissolubilidade do vínculo matrimonial, que ainda hoje subsiste mesmo nos casos em que, humanamente, o matrimônio se rompe. Muitos, hoje em dia, têm ainda muita dificuldade em entendê-la.

Paulo retoma a mensagem de Jesus. Fala de um matrimônio “no Senhor” (1Cor 7,39). Não se refere à forma eclesial do matrimônio, que só vários séculos mais tarde se desenvolveu de modo definitivo, mediante o decreto *Tametsi* do Concílio de Trento (1563). As chamadas “tábuas domésticas” (Ef 5,21;6,9; 1Pe 2,18; 3,7) mostram que “no Senhor” não se refere ao início do matrimônio, mas a toda a vida em família, à relação entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre os amos e os escravos que vivem em sua casa. Através desse “no Senhor”, a submissão unilateral da mulher ao homem torna-

¹³⁹ Santo Agostinho, De nuptiis et concupiscentia I, 10, 11; De adulterinis coniugiis; Sermo 392, acedido em 18 de janeiro de 2017. [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0354-0430_Augustinus_De_Nuptiis_Et_Concupiscentia_\[Schaff\]_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0354-0430_Augustinus_De_Nuptiis_Et_Concupiscentia_[Schaff]_EN.pdf)

se uma relação recíproca de amor, que também caracterizará as outras relações familiares. Paulo chega mesmo a dizer que a diferença entre o homem e a mulher já não conta para aqueles que são “um só em Cristo” (Gl 3,28). Assim, as “tábuas domésticas” (Cl 3,18-4; Ef 5,21-6) são um exemplo da força da fé cristã, que modifica e caracteriza as normas.

Todos os seres humanos têm um valor incalculável, todos foram criados à imagem de Deus, resgatados por Cristo e chamados a um destino eterno. Esta é “a razão pela qual os recebemos todos como nosso próximo e os amamos com o mesmo amor de Cristo”¹⁴⁰.

Concluindo, o Antigo Testamento apresenta o amor conjugal como um dos símbolos mais expressivos do amor de Deus com o Seu povo. O Novo Testamento amplia esta imagem de modo que a união do marido e da esposa é elevada à semelhança da união de Cristo com a Igreja. A suprema realização do amor entre marido e esposa, são os filhos, com os quais partilham a vida e o amor. Os filhos são, verdadeiramente, o maior dom do casamento, um dom que, por sua vez, enriquece enormemente a vida dos pais.

9. Conclusão

As condições habitacionais e laborais modernas deram origem a uma separação entre habitação, local de trabalho e lugares das atividades dos tempos livres, e, portanto, a uma desagregação da casa como unidade social. Por motivos profissionais, os pais têm que se afastar da família por períodos prolongados; também as mulheres, por razões de trabalho, muitas vezes estão apenas parcialmente presentes na família. Devido às condições de vida atuais, hostis à família, a família nuclear moderna encontra-se em dificuldades.

São várias as condições extrínsecas, relacionadas com a profissão ou o trabalho que se conjugam para complicar o desempenho do papel de um pai e de uma mãe. Há pais e mães que dele ficam tão dependentes que quase não contactam com os próprios filhos. Ora, “se a família não tem consciência completa e exata das suas obrigações e, se

¹⁴⁰ Secretariado Geral do Episcopado. *A família, serviço à vida. Documentos do Magistério da Igreja sobre a família, a paternidade responsável, o acolhimento da vida nascente e a cultura de vida* (Lisboa: Rei dos livros, 1994), 65.

não está em condições de as preencher, tudo pode estar irremediavelmente comprometido”.¹⁴¹

Para que as famílias nucleares possam sobreviver, devem ser inseridas numa coesão familiar que atravessa gerações, na qual sobretudo os avôs e as avós desempenham um papel importante¹⁴², em círculos interfamiliares de vizinhos e amigos, onde as crianças possam ter um refúgio na ausência dos pais, e os idosos solitários, os divorciados e os pais sozinhos possam encontrar uma espécie de casa.

As famílias “precisam da Igreja, e a Igreja precisa das famílias para estar presente no centro da vida e nos âmbitos modernos da mesma. Sem as igrejas domésticas, a Igreja permanece alheia à realidade concreta da vida”¹⁴³. Só através das famílias poderá pertencer à casa a que pertencem as pessoas. Devemos, por isso, entender de novo a família como “igreja doméstica”¹⁴⁴, fazer dela a via privilegiada da nova evangelização e da renovação do Igreja, uma Igreja que caminha ao lado das pessoas e com as pessoas.

Em família, as pessoas estão em casa ou, pelo menos, procuram uma casa na família. Nas famílias, a Igreja encontra a realidade da vida. A família é o futuro. Inclusive para a Igreja, ela constitui a via do futuro. Nas palavras do Papa João Paulo II, “a família pode e deve tornar-se um lugar de necessidade autêntica e de crescimento harmonioso”¹⁴⁵. Por isso, a família não se pode isolar, não funciona como ilha¹⁴⁶, é necessário que ela se transforme cada vez mais numa verdadeira comunidade de amor (para superar as dificuldades e provas), “numa comunidade de vida para dar origem e cultivar alegremente novas e preciosas existências humanas à imagem de Deus; numa comunidade de graça, que faça constantemente de Nosso Senhor Jesus Cristo o próprio centro de gravidade e o próprio ponto de força”¹⁴⁷.

¹⁴¹ Arquimedes da Silva Santos, *Da família à escola, perspectivas médico-psicopedagógicas* (Lisboa: Livros Horizonte, 2001), 30.31.

¹⁴² Cf. Capítulo II.

¹⁴³ Kasper, *O Evangelho*, 36.

¹⁴⁴ Catecismo, 1655-1658.

¹⁴⁵ Ministério do Emprego e da Segurança Social, Direção-geral da Família, *A família na palavra de João Paulo II*, Documentos II Série nº11 (Lisboa: Coleção Estudos, 1993), 11.

¹⁴⁶ Papa Francisco, “*Amoris laetitia*”, 33.

¹⁴⁷ Ministério, *A família*, 11. Estas palavras do Papa João Paulo II foram proferidas aos participantes no Congresso sobre a Pastoral da Família, a 5 de maio de 1979.

CAPÍTULO II – O ENVELHECIMENTO, A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS IDOSOS E A IMPORTÂNCIA DOS AVÓS NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

São vários os motivos pelos quais o envelhecimento, como fenómeno individual e social, se pode tornar um problema atual: o envelhecimento demográfico acentuado, a transformação das relações sociais, a alteração das fontes e das formas de conhecimento e as mudanças na estrutura e nos comportamentos familiares.

Ao longo deste capítulo, vai-se abordar a temática do envelhecimento, dando importância à família e às relações intergeracionais, questionando a institucionalização das pessoas idosas e o papel do Estado, em relação a esta faixa etária, defendendo a presença dos avós em contexto familiar.

1. A sociedade atual, a família e o aumento da longevidade

A sociedade atual caracteriza-se pelo envelhecimento demográfico, transversal nas sociedades ditas desenvolvidas, em consequência do aumento dos níveis de esperança de vida e do declínio da natalidade.

Defende-se que, “o Século XXI será certamente o século dos idosos, ao menos no mundo ocidental. O envelhecimento da população é um fenómeno observado na maioria dos países. Este processo interessa a todos, em primeiro lugar aos já idosos, mas a todos os que vêm atrás, mesmo as crianças, que amanhã serão também velhos”¹⁴⁸. É, por isso, necessário e urgente que os responsáveis políticos e sociais adotem medidas de verdadeira defesa e promoção da pessoa idosa.

James Birren, considerado um dos grandes especialistas na área do estudo do envelhecimento da população, em 1999, afirma que, “nos últimos anos, a literatura sobre o envelhecimento cresceu exponencialmente, podendo considerar-se a época recente como a época de ouro na investigação gerontológica”¹⁴⁹ (infelizmente passou-se para outro extremo e atualmente muito pouco se escreve sobre o envelhecimento). Isso leva a pensar que “o envelhecimento é uma das mais complexas séries de fenómenos

¹⁴⁸ Barros de Oliveira, *Psicologia do envelhecimento e do Idoso*, 4ª edição revista (Oliveira de Azeméis: Livpsic, 2010), 7.

¹⁴⁹ James Birren, “Afterword”, in *Handbook of theories of aging*, ed. V. Bengtson e K. Schaie (New York: Springer Publishing Company, 1999), 469.

que a ciência tem de enfrentar”¹⁵⁰, além da sua decisiva importância para a qualidade de vida e organização da sociedade.

Com o envelhecimento, a pessoa sofre grandes transformações na sua vida, começando pela alteração nos papéis que desempenhou até aquela altura, ocorrendo uma perda progressiva. Um dos papéis que sofre grandes transformações “é o papel de pais, pois os filhos ganharam a sua própria independência”¹⁵¹.

O aumento da longevidade da população deve-se, de um modo geral, “aos progressos tecnológicos da medicina e, de um modo geral, à melhoria das condições socioeconómicas”¹⁵² das famílias. Estes factos levaram a uma maior consciencialização, relativamente aos problemas dos idosos e da importância da manutenção da qualidade de vida.

Também Luísa Brito refere os mesmos motivos para justificar o aumento da longevidade da população: “a vida humana prolongou-se no decurso das últimas décadas, em consequência não só dos progressos de medicina, mas também das transformações económico-sociais e tecnológicas que vieram propiciar uma melhoria geral no bem-estar das pessoas”¹⁵³.

Podemos, no entanto, além dos referidos, de acordo com a terminologia de Barros de Oliveira, enumerar outros fatores que justificam o envelhecimento da população:

- a) “Redução drástica da natalidade, dado o uso generalizado de métodos contraceptivos (mesmo o mais drástico, que é o aborto);
- b) Casamento tardio que já não permite ter filhos a muitos casais;
- c) Novos valores (ou contravalores) da família, que frequentemente, por razões de egoísmo ou comodismo prescinde da descendência;
- d) Várias condições socio-psíquicas, adversas à natalidade, como o trabalho da mulher fora de casa, ou a falta de habitação condigna;
- e) Redução acentuada da doença e da taxa de mortalidade, devido aos avanços da medicina em diversos campos, como o da prevenção”¹⁵⁴.

Face a estes fatores, concluímos que o fenómeno do envelhecimento da população provém mais da baixa taxa de natalidade do que do aumento da longevidade. Assim, “os

¹⁵⁰ *Ibidem*, 470.

¹⁵¹ Maximilienne Levet-Cautrat, *Viver depois dos 60* (Lisboa: Biblioteca básica de Ciência e Cultura, Instituto Piaget, 1995), 35-36.

¹⁵² Carlos Sequeira, *Cuidar de idosos dependentes: diagnósticos e intervenções* (Coimbra: Ovní, 2007), 24.

¹⁵³ Luísa Brito, *A saúde mental dos portadores de cuidados a familiares idosos* (Coimbra: Quarteto Editora, 2002), 15.

¹⁵⁴ Oliveira, *Psicologia*, 17.

temas relacionados com o envelhecimento humano têm, nas últimas décadas, vindo a ser alvo de crescente interesse por parte de políticos e profissionais das diversas áreas, no nosso país, na Europa e no mundo industrializado em geral”¹⁵⁵.

O envelhecimento demográfico, “sendo um acontecimento globalmente positivo, traduzindo a melhoria qualitativa e quantitativa da condição humana, só poderá representar um enorme avanço das condições de vida das sociedades contemporâneas”¹⁵⁶. É então necessário encontrar as respostas atempadamente ajustadas com a realidade do momento presente e assegurar, de forma sustentada, um futuro digno às pessoas de idade, o que representa por si só, um dos mais importantes desafios aos responsáveis políticos e económicos e à própria consciência dos povos.

O envelhecimento demográfico traduz cada vez mais uma “nova realidade social, económica, sociológica, cultural e mesmo política, com profundas repercussões no campo da saúde, no sistema de pensões, na política de habitação, na assistência médica e medicamentosa e no domínio do apoio individual às pessoas idosas e respetivas famílias”¹⁵⁷. Os últimos anos (décadas) têm-se caracterizado pela “descida dos níveis de fecundidade, o acréscimo da esperança de vida à nascença e pelas migrações internas e internacionais”¹⁵⁸.

No campo das migrações internacionais, Portugal, de um país de forte emigração externa (em particular nas décadas de 60 e 70), passou a um país de imigração (anos 80 e 90). Existe também uma tendência fortemente crescente da população idosa, em todos os concelhos de Portugal, prevendo-se que “em 2021 e em ambos os sexos, todos os distritos da Região do Alentejo, os distritos do Interior Norte e Centro do país, apresentarão os maiores índices de envelhecimento (valores situados entre 214 e 174 idosos por cada 100 jovens)”¹⁵⁹.

Sabe-se que o aumento da longevidade surge quase invariavelmente, associado a um aumento substancial das necessidades de apoio e cuidados pessoais e de saúde. Com o envelhecimento, a pessoa sofre grandes transformações na sua vida, começando pela alteração nos papéis que o indivíduo desempenhou até aquela altura, ocorrendo uma

¹⁵⁵ *Ibidem*, 23.

¹⁵⁶ Custódio N.P. da Silva Cónin, *Geografia do envelhecimento da população portuguesa, aspetos sociodemográficos 1970-2021* (Lisboa, 1999), 2.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 4.

¹⁵⁸ *Ibidem*, 15.

¹⁵⁹ *Ibidem*, 103.

perda progressiva. Um dos papéis que sofre grandes transformações “é o papel de pais, pois os filhos ganharam a sua própria independência”¹⁶⁰.

Até há algumas décadas atrás, grande parte desses cuidados eram naturalmente assegurados no domicílio, pelos familiares das pessoas idosas. Felizmente muitas famílias continuam hoje dedicadas a prestar cuidados diários aos familiares idosos.

No entanto, diversas alterações sociais e demográficas têm vindo a condicionar e a limitar a capacidade de ajuda das famílias aos seus idosos. Porém, “vários estudos têm vindo a sugerir que as pessoas que prestam cuidados a familiares idosos dependentes, frequentemente sofrem alterações adversas na vida familiar e social, para além de manifestarem um aumento sensível da sua morbilidade, sobretudo ao nível da saúde mental”¹⁶¹.

É fundamental que os responsáveis pelos sistemas de saúde e apoio social conheçam e analisem os fatores relacionados com a problemática da saúde mental dos prestadores de cuidados a familiares idosos, de modo “a que possam identificar as necessidades, prioridades e formas de intervenção adequadas à manutenção e promoção da saúde e qualidade de vida de todos os envolvidos, já que o bem-estar dos que deles recebem cuidados se irá refletir necessariamente no bem-estar dos que prestam os cuidados”¹⁶².

O aumento da longevidade na sociedade atual coloca novos desafios em diversos domínios. De facto, as alterações demográficas vieram alertar para a necessidade da promoção do envelhecimento saudável, ou seja, com saúde, autonomia e independência, durante o maior período de tempo possível, ao qual se associa uma maior necessidade de cuidados formais e informais. “Esta nova realidade implica a necessidade de se pensar o envelhecimento ao longo do ciclo vital, o que constitui um desafio individual e coletivo, numa atitude preventiva e promotora de saúde”¹⁶³.

Assim, “num mundo dito civilizado, os idosos são muitas vezes discriminados e o seu espaço no seio da família é cada vez menor, em consequência da competitividade laboral, da necessidade de manter um rendimento adequado, o que leva os elementos ativos do agregado familiar a efetuar horários alargados, muitas vezes longe do local de residência”¹⁶⁴. Em muitas ocasiões acreditamos que o recurso ao lar, na maioria dos casos, é mesmo uma necessidade, um último recurso e não uma opção.

¹⁶⁰ Levet-Cautrat, *Viver*, 35.

¹⁶¹ Brito, *A saúde*, 23.

¹⁶² *Ibidem*, 23-24

¹⁶³ Sequeira, *Cuidar*, 27.

¹⁶⁴ *Ibidem*, 53.

Infelizmente, “nos países ocidentais, ainda que dependente da cultura em que está inserido, o idoso tem perdido influência de forma progressiva”¹⁶⁵. Ele passa de responsável pela manutenção da família, de elemento integrador, no qual é respeitado e da qual depende a sobrevivência da mesma, para se tornar apenas mais um elemento. “Em muitos casos, as famílias destituem o idoso de qualquer valor relativo, quer por questões de prioridades”¹⁶⁶, na qual o emprego (sobrevivência) se sobrepõe, quer por questões de sensibilidade que muitas vezes condicionam a presença do idoso no contexto familiar. Nestas circunstâncias, o idoso é remetido para instituições de apoio.

As estimativas sobre o envelhecimento demográfico vêm colocar novos desafios à família. Esta tem um papel nobre, único e fundamental na assistência e na manutenção do idoso no seu contexto habitual. É necessário repensar novas formas de apoio, de modo a que o cuidar de um idoso dependente não se transforme num “fardo” mas, pelo contrário constitua um momento de satisfação e de prazer, consequência do amor por ele.

Hoje, “vivemos mais porque vivemos melhor, mas interrogamo-nos como gerir este percurso mais longo, como enfrentar algo que mal conhecemos mas que por isso mesmo ainda mais receamos”¹⁶⁷. Concordamos que “o envelhecimento da população representa atualmente um dos maiores sucessos da humanidade, muito embora também um dos maiores desafios que ostenta o século XXI, na medida em que consiste em construir uma sociedade que acolha os gerontes como parte, componente do seu futuro e os inclua, enquanto parceiros imprescindíveis na tarefa de edificar uma sociedade para todas as idades”¹⁶⁸.

Deste modo, “o momento da reforma, tantas vezes desejada, com a desvinculação do mundo do trabalho, leva à diminuição da importância do idoso que, por vezes, passa a ser considerado inútil e problemático, o que pode contribuir para o seu isolamento”¹⁶⁹.

¹⁶⁵ *Ibidem*.

¹⁶⁶ *Ibidem*, 54.

¹⁶⁷, Cláudia Moura, *Século XXI: Século do Envelhecimento* (Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda., 2006), 54.

¹⁶⁸ *Ibidem*, 56.

¹⁶⁹ Sequeira, *Cuidar*, 54.

2. A chegada à idade da reforma e as características a ela associadas

A chamada idade da reforma é a etapa da vida em que se começam a notar as limitações que os anos impõem e as doenças começam a marcar mais profundamente a existência humana. Por isso, não se pode negar que, à medida que os anos avançam, “perdem-se faculdades e não se pode esquecer, por sua vez, que a margem de reserva do organismo é considerável. É evidente que aqueles que não lutam por manter uma vida ativa, tanto a nível cultural como física, vencendo as dificuldades, pequenas e grandes, que a idade apresenta, são os candidatos indiscutíveis para o envelhecimento precoce e uma morte prematura”¹⁷⁰.

É certo que a aposentação liberta das limitações impostas pelo horário e em muitos casos, da responsabilidade que o trabalho profissional transporta. Tudo parece prometer “uma segunda juventude mas a realidade vem mostrando o contrário se não se prevenirem de algum modo os efeitos não desejáveis da aposentação”¹⁷¹.

Um dos efeitos não desejáveis da velhice, incrementado pela reforma, é a “tendência a isolar-se do mundo exterior, ao reduzir o campo de interesses, em suma, a uma conduta e pensamento egocêntricos”¹⁷². Se não se tiver em conta o carácter transcendente do ser humano (a sua dimensão espiritual) é inevitável cair no pessimismo, uma vez que, quer queiramos ou não, como culminar dos nossos dias, temos a morte. A velhice em vez de supor um progressivo declive, deve ser um constante processo de maturidade/amadurecimento interior.

O esforço por manter-se em forma; o exercício das virtudes que nos levam a interessarmo-nos pelos demais; o não esquecimento que os anos para o ser humano, supõem, se se souberem aproveitar, um enriquecimento interior farão com que, o que para muitos é penoso e indesejável, se converta numa idade feliz. Todos temos a oportunidade de comprovar no dia-a-dia o que sucede a pessoas que, pelos seus hábitos ou pelo regime do trabalho, ou até por defeitos físicos, levam uma vida sedentária. Assim sendo, “o sedentarismo, a escassa ocupação, a falta de estímulos leva ao sono, ao repouso, à inatividade que traz também consigo uma diminuição das defesas do nosso

¹⁷⁰ Anne Squire, *Saúde e bem-estar para Pessoas idosas: Fundamentos básicos para a prática* (Loures: Lusociência, 2005), 16.

¹⁷¹ Luís Maria Gonzal et al., *Feliz Tercera Edad* (Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S.A (Eunsa), 1986), 30.

¹⁷² Francisco Javier Leturia Arrazola et al., *La valoración de las Personas Mayores: evaluar para conocer, conocer para intervenir* (Madrid: Cáritas Española, 2001), 182.

organismo face aos agentes infecciosos”¹⁷³. Os efeitos de passar demasiado tempo na cama provocam danos irreparáveis enquanto o exercício, as diferentes formas de atividade vital mantêm o equilíbrio entre os componentes do nosso sistema vegetativo.

Cícero colocava na boca de Catão, o velho, estas palavras: “a memória diminui no ancião? Assim acredito, sempre e quando não se exercite...”¹⁷⁴. Os idosos lembram-se de tudo o que lhes interessa. A reforma supõe na maioria dos casos uma separação da atividade profissional que o ocupava pelo menos uma terceira parte do dia. É imperioso conseguir que estes cidadãos continuem sendo úteis à sociedade e que se mantenham na melhor forma.

O dever de desenvolver as capacidades e potencialidades do ser humano só deveria terminar com a morte. A data da reforma, neste sentido, não tem nenhuma significação. Por outro lado, os nossos deveres com a sociedade também não terminam com a aposentação. Enquanto se está em condições de ser útil, há obrigação de o ser. O aproveitamento do tempo “não só no que se refere ao trabalho, manual ou intelectual, mas também ao ócio, ao tempo destinado ao cultivo da personalidade, à formação humana e cultural, à prática de algum “*hobby*”¹⁷⁵”.

É um facto muito frequente que as pessoas idosas demonstrem um certo desinteresse pelas notícias, sejam gerais ou locais. O ouvido torna-se mais duro, a vista cansa-se ao ler, a atenção distrai-se com facilidade depois de ter escutado um pouco. Tudo isto traz consigo uma diminuição progressiva da informação e conseqüentemente o interesse pelas coisas do mundo que os rodeia; “permanecer jovem todo o tempo possível, supõe ser recetivo, ser ator e não espetador, olhar o futuro e não ter os olhos fixos no passado, irradiar bondade e alegria de viver o mundo presente”¹⁷⁶.

Da mesma forma que o estudante desiste de estudar porque diz que se cansa, também o idoso se desculpa do seu isolamento, verbalizando que ouve mal, porque vê mal e porque se cansa rapidamente.

“Também é válido o princípio de que todo o órgão que não trabalha, atrofia. Que não se pense que se não se lê se conserva melhor a vista ou que se não mostra atividade intelectual, o cérebro se manterá melhor: acontece precisamente o contrário. Uma boa parte do êxito em manter o interesse pelas coisas está em distribuir bem as tarefas a realizar – estar demasiado

¹⁷³ Manuel Martín García (Coor.), *Trabajo social em Gerontología* (Madrid: Editorial síntesis, S.A., 2003), 76.

¹⁷⁴ Citado por Gonzal et al., *Feliz Tercera Edad*, 22.

¹⁷⁵ *Ibidem*, 29-30.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 48.

tempo com uma tarefa cansa e não rende – o melhor é realizá-las em várias sessões de curta duração de tempo”¹⁷⁷.

Não devemos esquecer que a velhice do ser humano é totalmente distinta do animal: enquanto este está condenado à morte, o homem está aberto a outra nova existência. Os últimos dias são a preparação para uma vida nova, a vida por excelência. Com esta perspectiva não só têm sentido as coisas da vida na juventude mas também na velhice e na própria morte. O Homem é ser espiritual e corporal. Para compreender o envelhecimento humano devemos partir da sua verdadeira natureza. Além de ser espiritual, o Homem foi elevado por Deus à vida da graça, pelo batismo somos filhos adotivos de Deus (Jo 1,12).

Esta condição do ser humano é a que lhe dá a sua verdadeira dimensão e a que proporciona sentido a todo o atuar na sua existência terrena e assim deve ser considerado o processo de envelhecimento. A condição de filho de Deus traz consigo a herança que corresponde à tal filiação divina. Para que a vida iniciada no batismo chegue à sua plenitude, temos de nos deixar transformar em Cristo, ser outro Cristo, o mesmo Cristo. É essa a verdadeira missão do Homem durante toda a sua existência terrena. Alguns vão adiando essa transformação em Cristo para o período da velhice pois “terão mais tempo”, dizem. No entanto, o envelhecimento enquanto fenómeno individual e social não ocorre em todos da mesma maneira, como iremos abordar.

2.1. Envelhecer, fenómeno individual e social

A delimitação do período em que se considera o ser humano como idoso é difícil de concretizar, uma vez que o “envelhecimento é um fenómeno que ocorre a vários níveis e varia de pessoa para pessoa”¹⁷⁸. Para a Biologia, o envelhecimento “é um fenómeno natural, universal e necessário. No entanto, não se pode reduzir o processo através do qual a pessoa envelhece à sua vertente biológica, como um facto programado de forma rígida e uniforme para todos os indivíduos”¹⁷⁹.

De facto, é extremamente difícil definir os idosos como um grupo com características específicas e comuns que os distingam dos outros grupos. A idade cronológica surge, aparentemente, como um marco e uma forma relativamente precisa de identificar esse grupo. No entanto, “as características relativas ao desenvolvimento biológico,

¹⁷⁷ *Ibidem*.

¹⁷⁸ Sacramento Pinazo Hernandis e Mariano Sánchez Martínez, *Gerontología: Actualización, innovación y propuestas* (Madrid: Pearson Educacion, 2005), 6.

¹⁷⁹ Squire, *Saúde*, 16.

psicológico, mental, social, podem ser distintas entre indivíduos, que qualquer classificação se torna arbitrária, pois dificilmente encontra critérios homogêneos que a fundamentem”¹⁸⁰.

Ligado ao conceito de envelhecimento, encontramos o conceito de idade que, segundo Maximilienne Levet-Gautrat, pode ser utilizado em vários sentidos:

- “a idade cronológica, que se refere ao tempo que decorre entre o nascimento e o momento presente, e que nos dá indicações sobre o período histórico que o ser humano viveu, mas não fornece indicações precisas sobre o estado de evolução do mesmo; ou seja, a idade cronológica diz muito pouco sobre cada ser humano e não é suficiente para o definir;
- a idade jurídica, que corresponde à necessidade de estabelecer normas de conduta e de determinar qual a idade em que o sujeito assume certos deveres e tem direitos perante a sociedade;
- a idade física e biológica, que tem em conta o ritmo a que cada indivíduo envelhece. Os diferentes órgãos e funções vitais não envelhecem todos ao mesmo ritmo. É necessário, por isso, haver prudência quando se atribui uma doença ou deficiência à idade, pois, muitas vezes, os problemas advêm do ambiente e das condições sociais e não são inerentes à idade, tal como aqui é definida;
- a idade psico-afetiva, que reflete a personalidade e as emoções de uma pessoa e que não tem, à partida, limites em função da idade cronológica. Um grande número de pessoas idosas não se sentem velhas e não se reconhecem como tal, são as outras pessoas que refletem a imagem da sua velhice a partir da sua aparência. Um dos dramas do envelhecimento é, precisamente, o desacordo que existe entre o que se sente e a imagem que de cada um é construída;
- a idade social, que corresponde à sucessão de papéis que a sociedade atribui ao indivíduo e que são correspondentes às condições económicas”¹⁸¹.

¹⁸⁰ *Ibidem*, 42.

¹⁸¹ Maximilienne Levet-Cautrat, *A la recherche du troisième age: elements de gerontologie sociale* (Paris : Armand Colin Actualité, 1985), 45-46.

A definição de uma “categoria específica que inclua as pessoas idosas resulta sempre de uma construção abstrata e normativa”¹⁸². Como afirma Michel Philibert “a velhice humana, tal como a conhecemos hoje, é noutros termos, uma criação da história”¹⁸³. Definir uma pessoa idosa é extremamente difícil e geralmente muito imprecisa. Parece-nos, no entanto, interessante a forma como Michel Philibert o procura fazer. Assim, segundo este autor:

“uma pessoa idosa é sempre uma pessoa com mais idade que a maioria daqueles que a rodeiam. Segundo as condições de vida, de trabalho, de longevidade da população média de referência e os seus costumes, ela pode ter 40, 50 ou 80 anos; “uma pessoa idosa tem, por isso, uma experiência de vida e uma memória mais longa. É uma pessoa que sabe que o tempo que tem para viver é mais curto do que o já viveu e do que o que a maioria daqueles que a rodeiam”¹⁸⁴.

Não é particularmente fácil estabelecer os limites em que começa e acaba a designada terceira idade, pois se a idade da reforma (65 anos) era um marco artificial, mas seguro, do início da velhice, hoje as pessoas reformam-se cada vez mais cedo por razões que não se prendem com a idade (desemprego, incapacidade, reforma antecipada), tornando difícil definir quem é e quem não é idoso.

Por outro lado, o período da velhice “é cada vez mais prolongado, o que põe em causa o papel passivo que a sociedade tem atribuído a estes indivíduos. O papel do idoso na sociedade tem de ser repensado, pois não é concebível que as pessoas encarem cerca de um quarto da sua vida com um vazio de perspectivas”¹⁸⁵.

Face às condições desfavoráveis para o emprego (avanço tecnológico, elevada taxa de desemprego dos jovens) emerge “uma ideologia que deixa de considerar o trabalhador idoso como um trabalhador com experiência e conhecimento acrescido, com capacidade para transmitir esse seu conhecimento, e que passa a vê-lo como incapaz, lento na execução, portador de faculdades diminuídas”¹⁸⁶. A partir desta imagem criam-se outras ainda mais comprometedoras, como, por exemplo, “a tendência para atribuir aos idosos os males da sociedade e a culpa pelas dificuldades económicas que se

¹⁸² Francine Ferland. *Os avós nos dias de hoje: Prazeres e armadilhas* (Lisboa: Climepsi, 2006), 32.

¹⁸³ Michel Philibert, “Le statut de la personne âgée dans les sociétés antiques et pré-industrielles”, *Sociologie et Sociétés* 2, Vol.XVI (1984): 18.

¹⁸⁴ *Ibidem*.

¹⁸⁵ Arrazola et al., *La valoración*, 167.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 56.

enfrentam”¹⁸⁷. Estas pessoas são, assim, marginalizadas; a marginalização leva à passividade; a passividade aumenta a dependência. A passividade e a falta de motivação impedem os indivíduos de “tomar o destino nas suas mãos” e de se autopromoverem. Infelizmente pensa-se nestas pessoas como “desprovidas de qualidades e de meios necessários para exercer um papel ativo e autónomo na sociedade”¹⁸⁸.

São a própria sociedade e o Estado a libertar o idoso das suas obrigações e a privá-lo do estatuto social e económico que resulta essencialmente do exercício de uma atividade profissional. Mas é desvalorizado também outro papel importante, o de progenitor, pois os filhos já adquiriram, nesta fase, completa autonomia: “Para algumas pessoas, o trabalho ou a família constituíram o único investimento que fizeram na vida. Quando a doença e a redução do estado económico chegam sentem-se desamparados e inúteis”¹⁸⁹. Michael Zal, observa, contudo, que para aquelas pessoas que fizeram planos e desenvolveram outros interesses e *hobbies*, estes anos podem ser uma época de alegria e satisfação¹⁹⁰.

É importante para o idoso manter o seu equilíbrio emocional e psíquico pelo que terá de se manter ativo, ter objetivos e continuar a aprender e a crescer interiormente. Após a reforma, é difícil reorganizar o dia-a-dia, o tempo livre, a ausência de horários e responsabilidades laborais.

2.2. *A reforma e ausência de atividade*

O processo de adaptação do idoso aos novos condicionalismos (nomeadamente a reforma, a viuvez, o maior distanciamento dos filhos) pode ser difícil e “a consciencialização ao longo dos anos para esses momentos e para a preparação da sua ocorrência pode ser uma boa forma de prevenir reações menos positivas por parte do idoso”¹⁹¹.

Num sentido positivo,

“a adaptação social do idoso, realiza-se através de um processo de substituição e redução de atividades, ou seja, substituem-se as atividades a que anteriormente se entregava, por outras que, não tendo a mesma

¹⁸⁷ Jaqueline Massé e T-Brault, “Sociétés, vieillissement et stratification des ages,” *Sociologie et Sociétés* 2, Vol.XVI (1984) : 10.

¹⁸⁸ Roberta Satow. *Cuidar dos nossos pais: mesmo quando eles não cuidaram de nós* (Cruz Quebrada: Estrela Polar, 2005), 36.

¹⁸⁹ Michael Zal, *A Geração Sanduíche, Entre filhos adolescentes e pais idosos* (Lisboa: Difusão cultural, 1992), 172.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

¹⁹¹ Arrazola et al., *La valoración*, 137.

finalidade (remuneração e reconhecimento profissional), podem ser igualmente gratificantes, afirmando-se como úteis e proveitosas para a família e para a sociedade e assegurando algum reconhecimento social”¹⁹².

Existe uma associação mental quase automática entre a reforma e o descanso e não se tem em conta que a passagem súbita ao descanso como condição permanente pode ser mais prejudicial do que a atividade para a saúde global do idoso. A reforma não é necessariamente um acontecimento negativo; é entendida por muitos como o descanso e a recompensa merecidos após uma vida de trabalho. Mas o idoso, como toda a pessoa que inicia uma nova etapa na sua vida, sente-se inseguro quando esse momento chega¹⁹³.

Segundo Bruto da Costa, os idosos são um grupo particularmente afetado pela pobreza e pela exclusão social, “entendida esta como um processo que conduz ao afastamento progressivo e cada vez mais grave das pessoas «do estilo de vida» corrente na sociedade a que pertencem e dos sistemas sociais que a integram. Muitas vezes a exclusão tem origem na falta de recursos – caso em que a designamos por pobreza”¹⁹⁴.

Para além de poder conduzir a situações de precariedade económica, “a reforma, quando reflete uma situação de obrigatoriedade ou seja, quando a pessoa tem de abandonar o seu trabalho ainda que esteja apta e se sinta capaz de o desenvolver, pode ter consequências ao nível da saúde mental e física”¹⁹⁵. Pode dizer-se, por isso, que a reforma forçada reflete uma situação discriminatória. Na opinião de Cabrilho e Cachafeiro, sob o pretexto de lhes proporcionar regalias, “os idosos são afastados dos locais de trabalho quando o real objetivo é favorecer os jovens, alargando o mercado de trabalho. Os governos preferem enfrentar os problemas criados pelos idosos na reforma do que pelos jovens no desemprego”¹⁹⁶.

São vários os estudiosos que têm refletido sobre as ideias pré-concebidas que existem sobre os idosos e a forma como essas imagens condicionam a maneira de ser e de estar dos mesmos¹⁹⁷. São essas ideias e mitos associados aos envelhecimento que, resumidamente passamos a identificar.

¹⁹² Teresa Amor, “Os desafios do envelhecimento,” *Cidade Solidária* 19 (2008): 6.

¹⁹³ Francisco Cabrilho e Maria Luísa Cachafeiro, *A Revolução Grisalha* (Lisboa: Planeta Editora, 1992), 91.

¹⁹⁴ Alfredo Bruto da Costa, “Pobres Idosos”, *Estudos Demográficos* 31, Instituto Nacional de Estatística, (1993): 100.

¹⁹⁵ Satow, *Cuidar*, 45.

¹⁹⁶ Cabrilho, *A Revolução*, 91.

¹⁹⁷ Estudos de Moragas, Michael Zal, Marco Paulino entre outros.

2.3. *Mitos associados ao envelhecimento*

Associado à imagem da perda de capacidades, surge o mito da improdutividade, através do qual se afirma que o idoso é incapaz de trabalhar, de ser criativo e de contribuir com algo positivo para o desenvolvimento da sociedade porque “se é velho, está improdutivo e se está improdutivo, está depressivo pela baixa autoestima”¹⁹⁸. Esta imagem da improdutividade limita o espaço de ação do idoso e agrava situações de dependência.

Outro mito que penaliza os idosos é o da assexualização. Um dos preconceitos mais comuns é o de que o idoso perde o interesse e a capacidade para ter vida sexual. No entanto, o interesse sexual mantém-se assim como a necessidade de afeto e de companheirismo. O facto da sexualidade em geral e da sexualidade dos idosos em particular ser reprimida e reprovada socialmente inibe os próprios de a expressarem livremente, demonstrando, frequentemente repulsa e pudor por tudo o que se relacione com a sua sexualidade. Deste modo, “à força de negarem as suas necessidades sexuais, os idosos acabam por não reconhecer nem aceitar a verdadeira expressão da sua sexualidade”¹⁹⁹. Efetivamente a idade tem alguma influência, uma vez que as alterações fisiológicas com a idade são significativas. O médico psiquiatra Afonso Albuquerque defende que “o facto da resposta sexual estar sujeita a alterações não significa que estas sejam inibidoras da sexualidade. A indispensável adaptação a novas necessidades e a novas limitações acarreta frequentemente a ideia de incapacidade e impotência”²⁰⁰. A diminuição do interesse sexual deve-se, assim, mais frequentemente a razões psicológicas e emocionais do que a razões hormonais.

Apesar de não podermos vincular todas as dificuldades que caracterizam o modo de vida dos idosos a fatores sociais, uma vez que fatores biológicos e psicológicos são determinantes na capacidade de adaptação do idoso às novas realidades, aqueles têm um peso significativo no processo de envelhecimento, uma vez que “os idosos são extremamente sensíveis e vulneráveis à opinião dos outros e à atenção que estes dão aos seus feitos e aos seus gestos”²⁰¹. A consciência coletiva marcada por representações

¹⁹⁸ Joaquim Marujo, “O que nos espera? Um futuro idoso, dos idosos e «grisalho»”, acessido a 5 de abril de 2017, <http://www.portaldoenvelhecimento.com/longevidade/item/936-o-que-nos-espera>

¹⁹⁹ Danielle Mailloux-Poirier e Louise Berger, *Pessoas Idosas: uma abordagem global. Processo de enfermagem por necessidades* (Lisboa: Lusodidacta, 1995), 65.

²⁰⁰ Afonso de Albuquerque, “A sexualidade na terceira idade”, *Geriatrics* 2,12, (1998): 15.

²⁰¹ Mailloux-Poirier. *Pessoas idosas*, 65.

negativas, as condições socioeconómicas adversas e a limitação de oportunidades fazem com que a velhice se torne um período difícil de enfrentar, ainda que muitos idosos vivam em condições individuais favoráveis, uma vez que os que “consideram a velhice como um fenómeno natural dão sentido á sua vida, são mais felizes e implicam-se mais no seu meio e na sociedade”²⁰².

Infelizmente e, de um modo geral, o envelhecimento é ainda “pintado com cores sombrias, quer pelos mais novos quer pelos próprios idosos. Os estereótipos a respeito do envelhecimento e do velho marcam sobretudo as sociedades ocidentais e desenvolvidas, havendo a perceção (porque os estudos não abundam) de que em geral a sociedade africana e oriental os estimam mais”²⁰³.

Danielle Mailloux-Poirier e Louise Berger identificam sete estereótipos a respeito dos idosos: o idoso visto como uma pessoa doente, infeliz, improdutivo, a necessitar de ajuda, conservador, igual a todos os outros velhos e um indivíduo que sofre de isolamento e de solidão²⁰⁴.

Há fatores, desenvolvidos por Ian Stuart-Hamilton, que agravam a imagem negativa do idoso frente a si mesmo (autoimagem e autoestima) e frente aos outros, como a reforma, o casamento ou a viuvez, as condições de saúde, a sexualidade, a família, a situação económica e financeira, o estatuto socioeconómico e a etnicidade²⁰⁵. Uma das representações que se tem dos idosos é a de que eles gastam e não produzem. Mas muitas vezes não é assim e, se não produzem mais é porque não se lhes dá oportunidade. Está provado “que os trabalhadores idosos têm uma taxa de absentismo menos elevada (que os jovens), têm menos acidentes e um rendimento mais constante”²⁰⁶.

Em todo o caso, é necessário que, quer os idosos, quer a sociedade envolvente, os ajude a envelhecer criativamente, não apenas desmistificando os diversos mitos ou estereótipos, mas promovendo de todos os modos as suas capacidades e criando uma cultura de respeito por eles, ao mesmo tempo que cuidam mais da sua saúde física e psíquica.

Todos estes tipos de exclusão e discriminação em função da idade “podem ser considerados como formas de violência, que é exercida de um modo mais ou menos

²⁰² *Ibidem*.

²⁰³ Oliveira, *Psicologia*, 27.

²⁰⁴ Cf. Mailloux-Poirier, *Pessoas Idosas*, 63-71.

²⁰⁵ Ian Stuart-Hamilton, *Psicologia do Envelhecimento* (Artmed, 2002), 134-147.

²⁰⁶ Mailloux-Poirier. *Pessoas idosas*, 67.

subtil, mas que não precisa de implicar agressões físicas para provocar graves sequelas nestes indivíduos”²⁰⁷.

É desvalorizado o papel dos idosos sempre que são privados dos seus direitos mais elementares. Logo, “garantir que os direitos de todos são reconhecidos para além dos sessenta e cinco anos constitui, para além de um dever de cada um de nós, também uma forma de dignificar aquele estágio da vida que a sociedade convencionou iniciar-se em meados da sexta década de cada um”²⁰⁸.

De acordo com o psicólogo Roger Fontaine, o motivo por que existe ainda hoje uma imagem bastante negativa em relação ao envelhecimento deve-se aos “investigadores que contribuíram para a difusão de uma imagem muito negativa do envelhecimento”²⁰⁹. O psicólogo esclarece que “envelhecimento não é sinónimo de velhice. Este é o estado que caracteriza um grupo de pessoas de determinada idade”²¹⁰.

Contudo e felizmente, “após a segunda guerra mundial numerosos trabalhos mostraram que o envelhecimento poderia ser também fonte de inúmeras oportunidades para melhorar ou conservar uma boa qualidade de vida”²¹¹. Continua a ser necessário defender e conservar uma representação positiva da imagem da velhice. Antes de mais, as pessoas são todas muito diferentes umas das outras e “o envelhecimento não é um estado, mas sim um processo de degradação progressiva e diferencial. Ele afeta todos os seres vivos e o seu termo natural é a morte do organismo. É assim, impossível datar o seu começo porque de acordo com o nível no qual ele se situa (biológico, sociológico ou psicológico), a sua velocidade e a sua gravidade são extremamente variáveis de indivíduo para indivíduo”²¹². O envelhecimento é então entendido de forma diversa de indivíduo para indivíduo o que “significa que cada um de nós tem diversas idades”²¹³.

Partindo dos mitos identificados, os próprios idosos acreditam neles de tal modo que muitos se conformam com eles, influenciando-os significativamente.

²⁰⁷ Maria Eugénia Duarte Silva, “O idoso e a violência. A convivência no dia-a-dia”, *Cidade Solidária* 3, Ano II, Santa Casa de Misericórdia de Lisboa (1999): 52.

²⁰⁸ Simone Marques, “A solidariedade intergeracional: o papel dos filhos na velhice dos pais”, *Cidade Solidária*, 3, Ano II, Santa Casa de Misericórdia de Lisboa (1999): 37.

²⁰⁹ Roger Fontaine, *Psicologia do envelhecimento* (Lisboa: Climepsi Editores, 2000), 15.

²¹⁰ *Ibidem*, 14.

²¹¹ *Ibidem*, 15.

²¹² *Ibidem*, 19.

²¹³ Fontaine, *Psicologia*. 23.

2.4. *A imagem que os idosos constroem de si mesmos*

Todos os aspetos ligados à tendencial desvalorização do papel e das capacidades dos idosos estão ligados às opiniões que são expressas sobre a imagem de si, sobre a sua inserção social e sobre as representações sociais da velhice. Os estereótipos e mitos a que já aludimos, influenciam a imagem que o idoso tem de si próprio, de forma negativa, sendo difícil que conserve uma representação de si próprio positiva e valorizada. Essa imagem influencia significativamente as suas práticas e condiciona a sua maneira de estar, “estão tão bem enraizados que chegam a tornar-se uma realidade”²¹⁴. Em certos casos, as pessoas idosas sentem que há uma imagem tão desvalorizada, que acabam por se conformar com ela e agir de acordo com essa mesma imagem, uma vez que não lhes é dada a possibilidade de demonstrar que esta é infundada e distorcida.

Esta situação leva-os a adotar uma atitude defensiva, interpretando toda a interpelação como um ataque. O idoso é estigmatizado e acaba por interiorizar e aceitar a marca que os outros lhe atribuem²¹⁵. Isto permite compreender alguns aspetos menos claros que escapam às famílias e aos agentes institucionais e que caracterizam o comportamento de alguns idosos tanto na família como nos lares de acolhimento.

3. As respostas sociais e o recurso à institucionalização em lar

“Até ao século XIX eram poucos os que atingiam a idade avançada e, como tal, a velhice não se tornava um problema social digno de reflexão. O apoio de que os idosos necessitavam era garantido pela solidariedade familiar ou pela caridade de alguns particulares ou instituições religiosas. Na pior das hipóteses, os idosos eram votados ao abandono, morrendo na miséria”²¹⁶. Convém reafirmar que o conceito de velhice é uma construção social que depende dos contextos sociais, culturais e históricos. Segundo Remí Lenoir o tema particular da velhice começa a ser objeto de discursos especializados a partir de meados do século XIX. É também nesta altura que começam a

²¹⁴ Mailloux-Poirier. *Pessoas idosas*, 67.

²¹⁵ Cf. Drulhe, *Vivre*, 30.

²¹⁶ Lúcia Andrade. “A flecha do tempo... As práticas de Serviço Social nas IPSS no Concelho de Coimbra”, 1999, 56, acedido em 30 de abril de 2017, <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/174/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Mestrado%20em%20Servi%c3%a7o%20Social.pdf>.

surgir as primeiras instituições para atender aos problemas específicos das pessoas consideradas de idade avançada, nomeadamente os asilos²¹⁷.

Apesar dos esquemas de proteção social terem começado a surgir em diferentes países da Europa desde essa altura (quer através do associativismo e da solidariedade de classes, quer pela iniciativa pública, com a progressiva implementação dos seguros sociais e das reformas), só após a segunda guerra mundial é que se verifica a generalização dos seguros obrigatórios e dos sistemas de segurança social²¹⁸. O Estado assume um papel cada vez mais ativo e interventor, criando ou apoiando a criação de todo o tipo de serviços e equipamentos para a população carenciada em geral e para os idosos em particular²¹⁹.

3.1. *Respostas sociais para os idosos*

A proliferação de agentes e instituições especializadas teve como consequência, por sua vez, transformações importantes na construção das relações entre gerações e nas formas de solidariedade. Assim, a relação que era estabelecida entre os idosos e as pessoas que deles cuidavam, pouco a pouco, foi dando lugar às instituições destinadas ao acolhimento temporário ou permanente de idosos, mediante a “criação de instituições e de agentes treinados e especializados no tratamento da velhice”²²⁰.

O Estado foi-se assumindo como o grande promotor do bem-estar social e o aumento das transferências de fundos deu origem a novos agentes que definiram a sua atividade através de intermediários entre gerações. Assim, como objetivo de melhorar as condições de vida das pessoas idosas, especialmente daqueles cujas redes de solidariedade primárias eram inexistentes ou ineficazes, surgiu um conjunto de serviços e equipamentos diversificados, de modo a abranger diferentes necessidades e diferentes níveis de carência.

Os equipamentos de maior implementação têm sido os chamados “lares da terceira idade”; a maior parte são pertença da Santa Casa de Misericórdia e Centros Sociais e

²¹⁷ Cf. Remí Lenoir, “L’invention du troisième âge: constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 26/27, Mars –Avril (Paris, 1979), 57-82.

²¹⁸ Cf. Segurar a Segurança Social - Soluções para uma sociedade em envelhecimento, acessado a 06 de março de 2017, <http://www.associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/filebase/artigos/ANONIMO%20Segurar%20a%20seguran%C3%83%C2%A7a%20social%20solu%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20para%20uma%20sociedade%20em%20envelhecimento.pdf>.

²¹⁹ Cf. Apoios sociais e Programas para idosos, acessado a 6 de março de 2017, <http://www.seg-social.pt/idosos>.

²²⁰ Lenoir. *L’invention*. 67.

Paroquiais, fruto da dedicação das paróquias, incentivo dos párocos e apoios de particulares e do Estado.

Preconiza-se, assim, como alternativa ao isolamento das pessoas idosas, a inserção na comunidade, a fim de lutar contra o risco de exclusão. Porém há ainda um longo percurso a percorrer tanto a nível de formação para quem cuida de idosos como a nível de apoios financeiros.

Segundo Lesemann e Martin, a “prestação de serviços em pequenas unidades ou no domicílio procura valorizar a perspetiva social em detrimento de uma perspetiva quase exclusivamente médica, em que a grande preocupação é a manutenção dos cuidados de saúde, dando-se pouca importância à dimensão social da vida dos indivíduos”²²¹. Basta pensar também na falta de criatividade e na ausência de atividades em lares de idosos para combater o sedentarismo, realidade que também se verifica no apoio ao domicílio.

Assim, importa salientar a crescente diversidade de medidas e de respostas concretas, que têm sido criadas no sentido de facilitar o quotidiano dos idosos e dos seus familiares e de proporcionar um conjunto de serviços de âmbito comunitário e domiciliário que retardem ou evitem o recurso à institucionalização. Neste contexto, os serviços/equipamentos existentes no nosso país, de acordo com o Despacho Conjunto nº407/98 dos Ministérios da Saúde e do Trabalho e da Solidariedade Social, são: lares, centros de dia, centros de convívio, serviços de apoio domiciliário, acolhimento familiar e estruturas para pessoas em situação de grande dependência²²². Aquilo que se verifica é que estas informações são já do ano de 1998 e desde então não encontramos nenhuma outra tentativa concreta de criação de novas respostas sociais adequadas a esta faixa etária da população.

Assistimos a um número elevado de lares criados por particulares que funcionam na base da clandestinidade e, quando a fraude é detetada são obrigados a fechar portas. Defendemos que se deve apostar em apoiar os idosos e as suas famílias na própria residência apoiando aqueles que deles cuidam não só através de formação mas, as famílias, serem também apoiadas financeiramente. Desde modo, a institucionalização em lar seria o último recurso.

²²¹ Frédéric Lesemann e Claude Martin, “Solidarités familiales et politiques sociales”, in *Les personnes âgées. Dépendance, soins et solidarité''es familiale*, ed. Lesemann e Martin. (Paris : La Documentation Française, 1993), 24.

²²² Cf. Despacho Normativo n.º 12/98 de 25 Fevereiro de 1998 - DR 47/98 - SÉRIE I-B Emitido por Ministério do Trabalho e da Solidariedade, acedido a 4 de abril de 2017, http://www.seg-social.pt/documents/10152/35243/Desp_C_407_98/9fe96ede-8089-40d1-91c0-8671614b8bee/9fe96ede-8089-40d1-91c0-8671614b8bee.

3.2. *A institucionalização em lar: último recurso*

Infelizmente as listas de espera para ingressar num lar continuam extensas e, outros serviços destinados a pessoas idosas, por um lado, continuam desconhecidos para muitos e, por outro lado, a sua eficácia depende do facto do idoso ter ainda um grau de autonomia que lhe permita fazer várias tarefas sozinho.

Em muitos casos, os lares não apresentam condições minimamente dignificantes para os idosos. O progressivo envelhecimento da população, aliado a condições como o a alteração na estrutura familiar²²³, a dificuldade de mobilidade dos idosos, a falta de adaptação das habitações às necessidades do idosos e os problemas de saúde, têm provocado um aumento na procura dos “lares da terceira idade”.

A propósito da falta de condições habitacionais para que os idosos continuem na sua residência, numa Carta Pastoral, o Patriarca da Diocese de Lisboa escreve: “o reduzido espaço das habitações priva, com frequência, os idosos do ambiente e dos cuidados familiares a que têm direito”²²⁴. Em muitos casos, sobretudo na cidade, os idosos “sentem-se ou são considerados a mais, sem lugar para si ou pensando que o estão a tirar a outros membros da família com quem vivem. Assim, reduz-se progressivamente a comunidade familiar, excluindo dela pessoas cujo convívio a enriqueceria e que desse modo são forçadas a viver sós ou em pensionatos, isoladas de parentes e amigos”²²⁵.

De acordo com a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), num estudo realizado em 2012, concluiu-se que os lares das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) são insuficientes, enquanto os privados proliferam. Apesar de muitos lares das IPSS não reunirem as condições mínimas de qualidade, é nos lares privados com fins lucrativos que se encontram as situações mais graves de dependência e de carência²²⁶.

Vários estudos têm confirmado que os problemas de saúde e a consequente perda de autonomia não surgem como os principais fatores apontados pelos idosos para a decisão de internamento²²⁷. O motivo, mais frequente e que se mantém, é o isolamento, ou seja,

²²³ Cf. Capítulo I.

²²⁴ Secretariado Geral do Episcopado, *A família, situações difíceis. Documentos do Magistério da Igreja sobre o matrimónio e o divórcio, as situações familiares difíceis e a pastoral dos divorciados, novamente casados civilmente* (Lisboa: Rei dos Livros, 1995), 176.

²²⁵ *Ibidem*, 176-177.

²²⁶ Cf. Lares de idosos, acedido a 5 de abril de 2017, <http://www.deco.proteste.pt/nt/nc/artigo/dinheiro-direitos-116-lares-de-idosos>.

²²⁷ Nomeadamente em Portugal, um estudo da DECO, em 1995 e o estudo de Souto-Lopes, em 1990, incidindo sobre três lares e abrangendo um total de 80 idosos e, em França um estudo referido por Drulhe na obra *Vivre ou survivre?* (1981).

a inexistência de uma rede de interações que facilite a integração social e familiar do idoso e que garanta um apoio efetivo em caso de maior necessidade. A falta de recursos económicos e habitacionais também é frequentemente apontada como motivo.

Apesar do recurso aos lares ser cada vez mais frequente, estes “são conotados com imagens negativas e, são poucas as pessoas que aceitam a institucionalização de forma tranquila”²²⁸, porque muitas vezes a entrada para o lar significa o último passo na vida do idoso, além de provocar uma quebra profunda nas rotinas diárias e a nível das relações humanas. Segundo o sociólogo Marcel Drulhe, esta situação representa, normalmente, para as pessoas idosas, o abandono e a exclusão, o sofrimento e a morte²²⁹. É usual considerar as pessoas que vivem em família como fazendo parte da sociedade e os que estão em instituições como dela estando excluídos.

A imagem negativa criada em relação à instituição ajuda a compreender a resistência que alguns idosos apresentam ao envolvimento na vida institucional e “mesmo quando é dado espaço às pessoas para que desenvolvam os seus interesses, existem muitos casos em que estas usam estratégias de fuga”²³⁰. Os institucionalizados sentem-se “limitados ao círculo das relações internas, àquilo que se passa no lar e, mesmo quando mantêm um contato frequente com os familiares ou amigos, este decorre no espaço institucional e os idosos sentem-se completamente afastados do meio familiar”²³¹.

Como consequência, as relações com o exterior são, em muitos casos inexistentes. Como refere Louis Roussel, as visitas e a procura de informação são cada vez menos frequentes à medida que o tempo passa. Este distanciamento, normalmente, é sentido de forma dolorosa pelo idoso²³². A interação com a família próxima constitui “uma das condições mais importantes para a abertura ao exterior por parte dos idosos”²³³.

De um modo geral, a existência de contatos frequentes com a família (visitas, telefonemas, correspondência) é um incentivo muito positivo para que os idosos mantenham uma vida social mais ativa e tenham uma maior autonomia pessoal. Para aqueles que forem votados ao esquecimento, a sua vida reduz-se a pouco mais que a

²²⁸ Ilda Fonseca, “A importância da família no processo de envelhecimento”, acessado a 10 de maio de 2017, http://www.cerlar.pt/fotosnot/ficheiro_39.pdf.

²²⁹ Cf. Marcel Drulhe, *Vivre ou Survivre? Les centre d’Hébergement pour personnes âgées* (Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1981), 16.

²³⁰ Juan Manuel Martínez Gómez et al. *Gestión asistencial de residencias para mayores : manual práctico* (Madrid : Ars Medica, 2003), 5.

²³¹ *Ibidem*.

²³² Cf. Louis Roussel, Les relations inter-générationelles au moment de la vieillesse des parents, in: Relations intergénérationelles. Parenté – Transmission – Mémoire, Actes du Colloque de Liège 17-18 mai 1990, 18.

²³³ Arrazola. *La valoración*, 159.

reprodução física. Infelizmente, “o respeito que se tinha pelos mais velhos, baseado na sua autoridade, vai-se perdendo e, em seu lugar, fica cada vez mais a afetividade nascida das relações familiares, de parentesco ou de vizinhança”²³⁴.

As tradições e a forma como viveram toda a vida, leva a que os idosos, mesmo em condições difíceis de vida não se mostrem interessados nem disponíveis em sair de sua casa ou da sua família para se entregarem ao cuidado de estranhos, num lar. A família, mesmo nas piores condições deveria organizar-se para “assumir o que considera a sua obrigação – retribuir o sacrifício dos pais. Fá-lo muitas vezes, apenas para dar o exemplo aos filhos ou para evitar a censura dos vizinhos”²³⁵; deveria fazê-lo por amor e não como obrigação, como recomendam os documentos da Igreja.

4. Os idosos/avós nos Documentos da Igreja

Na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, o Papa João Paulo II destaca como exemplo para todos os povos:

“As culturas que manifestam uma veneração singular e um grande amor pelo ancião: longe de ser excluído da família ou de ser suportado como um peso inútil, o ancião continua inserido na vida familiar, tomando nela parte ativa e responsável - embora devendo respeitar a autonomia da nova família - e sobretudo desenvolvendo a missão preciosa de testemunha do passado e de inspirador de sabedoria para os jovens e para o futuro”²³⁶.

Ao classificá-los como inspiradores de sabedoria para os jovens e para o futuro, o Papa confere-lhes um valor singular na comunidade e nas famílias apelando assim à necessidade de amar as pessoas de idade.

O Catecismo da Igreja Católica, com base no quarto Mandamento, lembra que os filhos adultos, tanto quanto possível, devem prestar aos pais “ajuda material e moral, nos anos da velhice e no tempo da doença, da solidão ou do desânimo”²³⁷. Lamentavelmente, os filhos, muitas vezes, não cumprem as suas obrigações e deveres

²³⁴ Maria José Ferros Hespânia, “Para além do Estado: a saúde e a velhice na sociedade-providência”, in: *Portugal: Um retrato singular*, ed. Boaventura Sousa Santos (Porto: Afrontamento, 1993), 321.

²³⁵ *Ibidem*, 326.

²³⁶ Papa João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 27.

²³⁷ Catecismo da Igreja Católica, 2218.

para com os familiares idosos e “não recebem os cuidados de que precisam, porque as famílias parecem já não ter tempo para lhes dedicar a atenção necessária”²³⁸.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de 24 de novembro de 2013, ao falar dos novos pobres e na necessidade de cuidar a pessoa humana, insiste no respeito pela dignidade humana de cada um²³⁹, porque “embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem-abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc.”²⁴⁰. Assim, considerando os idosos como novos pobres, o Papa Francisco apela às famílias para um cuidado especial com eles.

Também sobre a solidão na velhice, já na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* podemos ler que, “os, filhos, como membros vivos da família, contribuem a seu modo para a santificação dos pais. Correspondendo, com a sua gratidão, piedade filial e confiança aos benefícios recebidos dos pais assisti-los-ão, como bons filhos, nas dificuldades e na solidão da velhice”²⁴¹. Infelizmente os idosos são “muitas vezes ignorados tornando-se mesmo um estorvo para as famílias”²⁴².

Passadas várias décadas, as palavras do Concílio Vaticano II continuam atuais. Neste sentido, falando dos idosos e dos mais necessitados, as palavras da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, podem também hoje ser proferidas:

“Sobretudo em nossos dias, urge a obrigação de nos tornarmos o mais próximo de todo e qualquer Homem, e de o servir efetivamente quando vem ao nosso encontro – quer seja o ancião, abandonado de todos, ou o operário estrangeiro injustamente desprezado, ou o exilado, ou o filho de uma união ilegítima que sofre injustamente por causa dum pecado que não cometeu, ou o indigente que interpela a nossa consciência, recordando a Palavra do Senhor: «Todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25,40)”²⁴³.

²³⁸ Elisa Urbano, Coord. *Conto Contigo: Manual de Educação Moral Religiosa Católica, 5º ano* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 85.

²³⁹ Cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 203.

²⁴⁰ *Ibidem*, nº210.

²⁴¹ Concílio, *Gaudium et Spes*, 48.

²⁴² Urbano, *Conto Contigo*, 85.

²⁴³ Concílio, *Gaudium et Spes*, 27.

Várias são as ocasiões em que o ser humano não é valorizado. Quando se trata de uma pessoa idosa essas ocasiões aumentam de forma muito considerável. Ora isto torna as nossas famílias e comunidades mais pobres e desumanizadas. Cada vez mais, “a abertura a um «tu» capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana”²⁴⁴. A ausência desta abertura ao outro, este não cuidar do seu semelhante, “fugindo” das suas responsabilidades, especialmente no relacionamento com o familiar idoso, faz-nos recordar as palavras do Papa João Paulo II: “a falta de solidariedade com os membros mais débeis da sociedade – como são os idosos, os doentes, os imigrantes, as crianças –, e a indiferença que tantas vezes se regista”²⁴⁵.

Embora poucas, felizmente ainda encontramos famílias “que, para além do seu serviço quotidiano à vida, sabem também abrir-se ao acolhimento de crianças abandonadas, de adolescentes e jovens em dificuldade, de pessoas inválidas, de idosos que vivem na solidão”²⁴⁶. Ora, isto mostra precisamente que a família “é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura de morte, a família constitui a sede da cultura da vida”²⁴⁷.

Um lugar especial deveria ser reconhecido aos avós no contexto familiar. A sua rejeição “é intolerável. A sua presença na família, ou, pelo menos, a estreita solidariedade desta com eles quando, pelo reduzido espaço da habitação ou outros motivos, essa presença não seja possível, é de importância fundamental para criar um clima de intercâmbio recíproco e de comunicação enriquecedora entre as várias idades da vida”²⁴⁸.

É urgente e necessário, como afirma o Papa João Paulo II que se conserve ou restabeleça “uma espécie de pacto entre as gerações, de modo que os pais idosos, chegados ao termo da sua caminhada, possam encontrar nos filhos aquele acolhimento e solidariedade que lhes tinham oferecido quando estes estavam a desabrochar para a vida: exige-o a obediência ao mandamento divino que ordena honrar o pai e a mãe (Ex 10,12; Lv 19,3)”²⁴⁹.

²⁴⁴ Papa Francisco, “*Carta Encíclica «Laudato Si»*” (24 de maio de 2015), *Acta Apostolicae Sedis* 107 9 (2015): §119.

²⁴⁵ Papa João Paulo II, *Evangelium Vitae*, 8.

²⁴⁶ *Ibidem*, 26.

²⁴⁷ Papa João Paulo II, *Centesimus annus*, 39.

²⁴⁸ Papa João Paulo II, *Evangelium Vitae*, 94.

²⁴⁹ *Ibidem*.

Neste sentido, “o idoso não há-de ser considerado apenas objeto de atenção, solidariedade e serviço. Também ele tem um valioso contributo a prestar ao Evangelho da vida. Graças ao rico património de experiência adquirido ao longo dos anos, o idoso pode e deve ser transmissor de sabedoria, testemunha de esperança e de caridade”²⁵⁰.

No artigo 9º da Carta dos Direitos da Família (Santa Sé) afirma-se: “As pessoas idosas têm o direito de encontrar dentro da sua família ou, quando isto não seja possível, em instituições adequadas, um ambiente que lhes facilite viver os seus últimos anos de vida serenamente, exercendo uma atividade compatível com a sua idade e que lhes permita participar na vida social”²⁵¹.

No Diretório da Pastoral Familiar da Conferência Episcopal Italiana, a respeito dos casais de idosos e do poderoso contributo que podem dar à família alargada, podemos ler:

“Na sua situação, é possível quer aprofundar o amor conjugal oferecendo o testemunho de uma fidelidade longa e ininterrupta, quer pôr ao serviço dos outros, de uma forma nova, a sabedoria acumulada e as energias que ainda restam. Mas é também uma situação facilmente caracterizada por recíprocas impaciências, pesada solidão, sofrimento em razão da doença ou do declínio progressivo da força, amargura por se sentir um peso para os outros”²⁵².

Deste modo, torna-se fundamental e necessário:

“Recordar às famílias o dever de providenciarem diretamente, tanto quanto possível, pela assistência dos seus anciãos, rodeando-os de afeto e reservando-lhes um lugar honroso na vida doméstica. Quando isto não for possível, é necessário recordar-lhe, apesar disso, o dever de os não abandonarem e de estabelecerem formas diversas mas reais de proximidade, afeto, reconhecimento e cuidado carinhoso”²⁵³.

Embora muitos avós se encontrem institucionalizados, muitos outros “estão, felizmente, integrados em comunidades familiares mais alargadas, constituídas pelos seus descendentes”²⁵⁴. Nestas famílias, “a sua presença e a sua afetividade são particularmente importantes no apoio, no acompanhamento e na transmissão de valores

²⁵⁰ *Ibidem*.

²⁵¹ Santa Sé, *Carta dos Direitos da Família*, Artº 9.

²⁵² Secretariado, *A família, situações difíceis*, 126.

²⁵³ *Ibidem*, 127.

²⁵⁴ Conferência, *Carta Pastoral*, 20.

às gerações mais jovens da comunidade familiar”²⁵⁵, já que “para os filhos e para os netos, eles dão testemunho do valor da família e são, por sua natureza, fonte de dádivas, tesouro de experiências, conselheiros sábios e prudentes”²⁵⁶, lembra a Conferência Episcopal Portuguesa.

5. Os avós na família

Devido à desertificação do interior do país e das pequenas aldeias, dado que muitos emigram ou procuram o litoral, “muitas das nossas aldeias são terras de velhos, onde fecham as escolas primárias e abrem lares. Aí, os velhos permanecem, ora entregues a si próprios, aos seus cônjuges e companheiros de uma vida, ora institucionalizados”²⁵⁷.

Em relação ao cuidar dos avós no seio da família, a professora Isabel Lage lembra que:

“Cuidar faz parte da história, experiência e valores da família. A função assistencial tem estado intimamente vinculada à família, até ao ponto de ser considerada como uma tarefa diretamente sua. A maior parte dos cuidados de saúde tem lugar nos extremos do ciclo da vida (infância e velhice) e são fundamentalmente prestados pela família. Desde sempre as famílias são reconhecidas como o principal contexto para a promoção e manutenção da independência e da saúde dos seus membros, como a principal entidade prestadora de cuidados em situações de dependência dos seus familiares e como a instituição fundamental onde se desenrola a vida das pessoas, se expressam e satisfazem a maioria dos seus direitos, obrigações e necessidades, desde o nascimento até à morte”²⁵⁸.

Mesmo quando o idoso tinha um papel fundamental na família ao nível instrumental, enquanto prestador de serviços, de ajudas financeiras ou na realização das tarefas, havia uma tendência para o desvalorizar enquanto ser social, enquanto ser humano total, com todo um conjunto de necessidades físicas, sociais, culturais ou afetivas. Assistimos a casos em que o medo do ridículo, da crítica familiar e social inibem os idosos de desenvolverem atividades para as quais estão extremamente motivados.

²⁵⁵ *Ibidem*, 21.

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ Constança Paúl e António M. Fonseca, (Coord.), *Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados* (Lisboa: Climepsi Editores, 2005), 79.

²⁵⁸ *Ibidem*, 203.

Hoje, cada vez mais, as reflexões sobre as solidariedades familiares, a entajuda, o suporte relacional e comunitário adquirem enorme importância, dada a pouca evolução dos sistemas de proteção social e do papel deficiente do Estado na prossecução do bem-estar social.

É num contexto de crescente instabilidade social, política, económica e de insuficiência de respostas credíveis e viáveis (a longo prazo) que cresce a preocupação e a discussão em torno de um conjunto de fatores desfavoráveis que conduzem ao enfraquecimento dos sistemas de assistência e de segurança social como, por exemplo, o crescimento do desemprego, o envelhecimento da população, a dificuldade de inserção social e profissional dos jovens, o aumento das despesas de saúde, entre outros.

Uma das características da sociedade portuguesa ainda é uma forte ligação que existe entre os meios urbanos e os meios rurais. De um modo geral, as pessoas que, por condicionalismos vários, se deslocam para os meios urbanos mantêm contatos significativos com o meio rural, materializados em relações de entajuda, em visitas regulares ou em trocas de bens e de serviços.

Mesmo nos momentos mais difíceis, “a família, mesmo nas piores condições, organiza-se para assumir o que considera a sua obrigação – retribuir o sacrifício dos pais. Fá-lo, infelizmente, muitas vezes, apenas para dar o exemplo aos filhos ou evitar a censura dos vizinhos”²⁵⁹.

Por vezes, “a garantia de determinados cuidados pode ser considerada como um esforço elevado e como uma sobrecarga”²⁶⁰, apesar de, moralmente, os membros da família considerarem que devem e querem assegurar o apoio aos elementos mais dependentes. Porém, Maria Hespanha defende que a preocupação de não recorrer à institucionalização é constante, quer por parte dos idosos, quer por parte dos familiares, pois existe uma opinião depreciativa generalizada em relação às instituições²⁶¹. É assim, em função dos julgamentos esperados e do que é interiorizado sobre o apoio que os familiares devem dar aos mais dependentes, que as pessoas dão sentido à sua própria responsabilidade.

Não há dúvida alguma de que a permanência dos avós no seu meio familiar é o ideal para continuar a manter relações com os seus familiares de modo a viver o período do

²⁵⁹ Hespanha, *Para além*, 326.

²⁶⁰ Carlos Monteiro. “1,2,3 Enfermeiros”, acedido a 15 de maio de 2017, <http://journalofagingandinnovation.org/tag/doente-psicogeriatrico/>.

²⁶¹ Hespanha, *Para além*, 326.

envelhecimento de forma equilibrada, contando com o apoio e solidariedade dos que lhe são mais queridos.

A família ocupa um lugar privilegiado. É, no entanto, necessário equacionar os condicionalismos que envolvem as formas familiares da sociedade atual para perceber até que ponto se pode responsabilizar a família pelo prosseguimento de determinadas formas de solidariedade²⁶².

Agnés Pitrou, há quase quarenta anos, constatava que, em França, o apoio por parte dos serviços públicos veio substituir os laços familiares e, a criação de equipamentos específicos para cada grupo etário veio fomentar a segregação desses mesmos grupos e reforçar o afastamento entre gerações²⁶³. Verifica-se, mais tarde, também em Portugal, uma maior intervenção das instituições públicas numa área que anteriormente era, no essencial, da responsabilidade da família.

Temos que concordar que é bem mais fácil a família mobilizar-se para ajudar um indivíduo a subir profissionalmente e a encontrar emprego do que para cuidar de uma pessoa idosa. É o encargo resultante da situação de dependência que dificulta a responsabilização: é mais fácil apoiar alguém que irá, possivelmente reencontrar a sua autonomia.

Os direitos e as obrigações das pessoas “não são definidos em geral e de modo idêntico para todos. Eles dependem do sexo, idade, geração, relações de parentesco, proximidade de residência, profissão ou ocupação e do comportamento que se espera dessas pessoas. Depende ainda daquilo a que João Nunes chama de “relações ancoradas”²⁶⁴, que se traduzem na definição de certas condições de pertença à rede e do grau de proximidade entre os diferentes membros.

Atualmente, em certos contextos rurais, e em alguns bairros mais antigos e tradicionais das grandes cidades, ainda encontramos formas de solidariedade baseadas em relações comunitárias. Maria Hespanha constata que, em determinados meios rurais, a família e a comunidade continuam a desempenhar um papel importante na prestação de cuidados aos avós idosos e que estes se mantêm integrados no seu contexto familiar e social²⁶⁵. Mas a tendência é, visivelmente, a de uma diminuição dessas formas de

²⁶² Cf. Capítulo I.

²⁶³ Cf. Agnés Pitrou, *Vivre Sant Famille? Les solidarities familiales dans le monde d'aujourd'hui* (Toulouse: Privat, 1978), 19-22.

²⁶⁴ João Arriscado Nunes, *Com mal ou com bem aos teus te atém. As solidariedades primárias e os limites da sociedade providência*, Separada da Revista Crítica de Ciências Sociais 42 (1995), 10.

²⁶⁵ Cf. Hespanha, Para além, 326.

solidariedade, colocando em causa o papel ativo e único dos avós na família e na sociedade.

5.1. *O lugar dos avós nos contextos familiar e social*

Um fator que pode ajudar na clarificação do contexto social que enquadra e condiciona o modo de vida dos avós idosos é a alteração das fontes e das formas de conhecimento nas sociedades ocidentais. Assim e, de acordo com Louis Roussel, uma das transformações que caracterizam a evolução geral das sociedades contemporâneas é aquilo a que se convencionou chamar a “aceleração da história”.²⁶⁶ As pessoas idosas sentem que a história evolui mais depressa do que a sua vida e elas não reconhecem o mundo dos seus filhos e netos, por este não coincidir com o da sua juventude, ou seja, acham-se ultrapassadas. Neste quadro, a experiência do avô e da avó parece perder toda a sua pertinência, pois reporta-se a uma realidade julgada como ultrapassada e obsoleta. A continuidade cultural que ligava as gerações foi rompida. Hoje, são os filhos que ensinam os pais e os netos que ensinam os avós.

A evolução tecnológica e científica contribui para aprofundar ainda mais o fosso entre o conhecimento dos mais velhos e o dos mais novos. Os mais velhos têm dificuldade em adaptar-se e os mais novos desvalorizam os saberes tradicionais que eram reproduzidos e transmitidos pelos avós mas, “apesar de muitas mazelas e perdas inevitáveis em todos os campos, o envelhecimento tem características positivas como a sabedoria, a maturidade emocional, a capacidade de usar estratégias pró-ativas capazes de dar maior significado à vida”²⁶⁷.

Esta evolução rápida do conhecimento reflete-se também no mundo do trabalho, levando muitas vezes a despedimentos ou reformas antecipadas, ainda que a reconversão e adaptação do trabalhador mais idoso não seja de todo impossível. Tal implica, contudo, mais tempo e investimentos acrescidos em formação, o que contraria a lógica dominante do lucro, como principal motor da atividade económica. Face a este panorama, o estatuto social do idoso é desvalorizado: “ninguém quer ser velho porque ser velho não oferece nenhuma vantagem”²⁶⁸. As transformações que se tem verificado nas últimas décadas na estrutura e nos comportamentos familiares são, também, um fator relevante para a análise do estatuto social dos idosos nos nossos dias.

²⁶⁶ Cf. Louis Roussel, “Les relations inter-générationnelles au moment de la vieillesse des parents”, in: *Relations intergénérationnelles. Parenté – Transmission – Mémoire, Actes du Colloque de Liège* 17-18 mai (1990), 11-26.

²⁶⁷ Oliveira, *Psicologia*, 9.

²⁶⁸ Cabrilho, *A Revolução*, 59.

Ser avô ou avó idosa, só por si, não pode ser tido como algo negativo e preocupante. Têm, no entanto, adaptar-se e compreender que é necessário adaptar-se a essa realidade mas, encontrar a forma adequada não é fácil mas necessária, pois torna-se necessária para uma adequada reapreciação das qualidades pessoais e do potencial dos idosos nas sociedades contemporâneas, a riqueza dos avós nas famílias. Contrariamente ao que se possa pensar, não existem pessoas idosas a mais; existem sim crianças e jovens a menos

Na realidade, muitas vezes o ser avô ou avó idosa é menosprezado pelos mais jovens, “estes não se lembram que também lá chegarão um dia, se chegarem. Ao menos o velho, do alto dos seus longos anos, pode contemplar os mais novos e desafia-los a avançar na idade”²⁶⁹. Também o Papa Francisco, por variadíssimas ocasiões, apela à importância dos avós, na família, na sociedade e para a Igreja.

5.2. *A importância dos avós nas palavras do Papa Francisco*

O papa Francisco reconhece às avós a importante tarefa de testemunhar e transmitir o dom da fé. Destaca-o quando explica aos novos sacerdotes a missão à qual são chamados: “Recordai as vossas mães, as vossas avós, os vossos catequistas, que vos deram a Palavra de Deus, a fé... o dom da fé!”²⁷⁰

Da sua biografia, o papa Francisco conta: “Tive a graça de crescer numa família, na qual a fé se vivia de um modo simples e concreto; mas foi sobretudo a minha avó, a mãe do meu pai, quem marcou o meu percurso de fé. Era uma mulher que nos explicava, nos falava de Jesus, nos ensinava o Catecismo. Recebi o primeiro anúncio cristão precisamente desta mulher, a minha avó!... Isto faz-me pensar no amor de tantas mães e tantas avós na transmissão da fé. Isto acontecia também nos primeiros tempos, porque São Paulo dizia a Timóteo: «Evoco a recordação da fé da tua avó e da tua mãe» (2Tim 1,5)”²⁷¹.

Por ocasião da festa dos santos Ana e Joaquim, avós de Jesus, que a Igreja celebra a 26 de julho, o Papa Francisco afirma:

“Na casa deles, veio ao mundo Maria, trazendo consigo aquele mistério extraordinário da Imaculada Conceição; na casa deles, cresceu, acompanhada pelo seu amor e pela sua fé; na casa deles, aprendeu a escutar o Senhor e

²⁶⁹ Oliveira, *Psicologia*, 10.

²⁷⁰ Palavras do Papa Francisco numa homilia, nas Ordenações sacerdotais na Basílica Vaticana, 21 de abril de 2013, in Toso, *El Papa Francisco*, 33.

²⁷¹ Palavras do Papa Francisco num discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, 18 de maio de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 34.

seguir a sua vontade. São Joaquim e Santa Ana fazem parte de uma longa corrente que transmitiu a fé e o amor de Deus, no calor da família, até Maria, que acolheu em seu seio o Filho de Deus e o ofereceu ao mundo, ofereceu-o a nós. Vemos aqui o valor precioso da família como lugar privilegiado para transmitir a fé! Olhando para o ambiente familiar, queria destacar uma coisa: hoje, na festa de São Joaquim e Santa Ana, no Brasil como em outros países, se celebra a festa dos avós. Como os avós são importantes na vida da família, para comunicar o patrimônio de humanidade e de fé que é essencial para qualquer sociedade!”²⁷²

Com muito carinho e sabedoria devemos agradecer aos avós o testemunho de sabedoria com que sempre nos brindam. O próprio papa Francisco dá prova disso. À pergunta sobre a sua relação com o emérito Bento XVI, o papa Francisco responde assim: “Encontrei uma frase para responder a isso: é como ter um avô em casa, mas um avô sábio. Quando numa família o avô está em casa, é venerado, querido, escutado... Para mim é como ter um avô em casa: meu pai.”²⁷³

São interessantes as frequentes referências do Papa às figuras dos idosos como avós, porque “assim chamamos às pessoas idosas na Argentina”²⁷⁴ e, noutra ocasião: “A velhice é a sede da sabedoria da vida. Os velhos têm a sabedoria de terem caminhado na vida, como o ancião Simeão, a anciã Ana no templo. E, justamente esta sabedoria, os fez reconhecer a Jesus. Ofereçamos esta sabedoria aos jovens: como o vinho bom, que melhora ao longo dos anos, ofereçamos essa sabedoria de vida.”²⁷⁵

O Papa apela a uma cultura de encontro, encontro dos jovens com os idosos, dos netos com os avós. Ele insiste: “necessitamos saber encontrarmo-nos. Necessitamos edificar, criar, construir, uma cultura do encontro. Tantos desencontros, conflitos na família, sempre! Conflito no bairro, conflitos no trabalho, conflitos em todo o lado. Os desencontros não ajudam. A cultura do encontro. Sair e encontrarmo-nos”²⁷⁶.

²⁷² Palavras do Papa Francisco numa homilia, na festa de Santa Ana e São Joaquim, 26 de julho de 2013, acedido em 15 de março de 2017, https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html.

²⁷³ Palavras do Papa Francisco numa entrevista, in *El Papa*, ed.Toso, 37-38.

²⁷⁴ Palavras do Papa Francisco no Angelus, 17 de março de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 39.

²⁷⁵ Palavras do Papa Francisco num Discurso na ocasião da audiência aos cardeais, Sala Clementina, 15 de março de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 40.

²⁷⁶ Videomensagem do Papa Francisco na festa de São Caetano, Argentina, 7 de agosto de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 44.

Concordando que os jovens são o futuro da humanidade, o Papa Francisco insiste:

“Também no outro extremo da vida, os anciãos, são o futuro dum povo. Um povo tem futuro se vai à frente com dois pontos: com os jovens, com a força, porque o levam à frente; e com os anciãos porque eles são os que conservam a sabedoria de vida. E tantas vezes penso que cometemos uma injustiça com os anciãos quando os deixamos de lado como se não tivessem nada a transportar (a ensinar, a trazer); têm a sabedoria, a sabedoria de vida, a sabedoria da história, a sabedoria da pátria, a sabedoria da família”²⁷⁷.

Infelizmente, estamos habituados a “esta cultura do descarte,”²⁷⁸ diz o Papa Francisco. Infelizmente, esta cultura pratica-se em grande escala com os idosos; é necessário terminar de vez com esta cultura de jogar fora o que já não nos interessa, basta de descartar, nas palavras do Papa. Assim, é imperiosa uma cultura de inclusão, cultura do encontro; é necessário incluir a todos na sociedade. Aquilo que mantém uma família unida é precisamente:

“O amor e quem semeia o amor no nosso coração é Deus, é precisamente o amor de Deus que dá sentido aos pequenos compromissos quotidianos e inclusivamente ajuda a enfrentar as grandes provas. Este é o verdadeiro tesouro do Homem. Seguir em frente na vida com amor, com esse amor que o Senhor semeou no coração, com o Seu amor... um amor que dá força à família”²⁷⁹.

Nem sempre as relações interpessoais são fáceis no interior da família. Assim é imperioso e necessário “preocupar-se com todos, com cada um, com amor, especialmente com as crianças, os anciãos, aqueles que são mais frágeis e que facilmente ficam na periferia do nosso coração. É a preocupação de um pelo outro na família; os cônjuges cuidam-se reciprocamente e por isso, como pais, cuidam dos filhos; com o tempo, também os filhos se converterão em cuidadores dos seus pais”²⁸⁰.

Também no âmbito civil é certo que a fé nos confere segurança: nunca se pode perder a esperança. Quantos exemplos nos deram os nossos pais e avós, enfrentando no seu tempo duras provas com grande valor e espírito de sacrifício! E ainda hoje “quantos

²⁷⁷ Discurso do Papa Francisco por ocasião do Encontro com os jornalistas durante o voo para o Rio de Janeiro, 22 de julho de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 45.

²⁷⁸ *Ibidem*.

²⁷⁹ Palavras do Papa Francisco no Ángelus, 11 de agosto de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 50.

²⁸⁰ Palavras do Papa Francisco na Homilia da Missa Solene do início do seu Pontificado, 19 de março de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 52.

jovens renunciam aos próprios interesses para se dedicarem às crianças, aos descapacitados, aos anciãos....”²⁸¹.

Na mesma linha, Também o Papa João Paulo II se refere á importância dos avós e dos idosos, dizendo:

“Estas pessoas algumas vezes são abandonadas, sofrem em consequência da própria comunidade. Mas o seu maior sofrimento vem de não encontrarem a devida compreensão e gratidão da parte daqueles que têm o direito a esperá-la. Precisamente para os mais velhos, devemos olhar com respeito (honra); a eles devem as famílias a própria existência, a educação, a manutenção, que não raro foram pagos com trabalho duro e com muito sofrimento. Não podem ser tratados como se fossem inúteis. Embora algumas vezes lhes faltem as forças para poderem executar as ações mais simples, têm porém a experiência da vida e a sabedoria, que muito frequentemente faltam aos jovens”²⁸².

No último dia no ano de 1978, na Alocução do Ângelus, o Papa João Paulo II lembra que os avós idosos são indispensáveis: “os anciãos são mais do que nunca preciosos, e diria indispensáveis à família e à sociedade. Que auxílio são eles aos jovens pais e aos pequeninos com a sua ciência e experiência”²⁸³!

5.3. *Avós e netos*

Vivemos numa sociedade cada vez mais “retalhada”, com separação espacial e comunicacional entre as gerações, que comenta o passado e disserta sobre o futuro, mas ignora muitas vezes o presente. Pouco se fala de que todos os seres vivos são presente, o qual pertence a todos por igual. E, nesta perspectiva, é tão indecente fazer parques infantis só para crianças como excursões para idosos em que apenas são admitidas pessoas com “passe de terceira idade”; juntar gerações deveria ser um dos grandes objetivos.

É preciso refletir sobre os avós²⁸⁴, sobre o que foram e o que são, desde refúgios afetivos, a quem se recorre na dúvida e dificuldades a educadores e orientadores. Os avós continuam a ser imprescindíveis, apesar das alterações do dia-a-dia, de alguns

²⁸¹ Palavras do Papa Francisco no Ângelus, 23 de junho de 2013, in *El Papa*, ed.Toso, 66.

²⁸² Ministério, *A família*, 29.

²⁸³ *Ibidem*, 30.

²⁸⁴ A reflexão que se segue é fruto da nossa experiência pessoal, como filhos, pais e netos. É da experiência vivida com os avós e dos muitos momentos gratificantes vividos em família que destacamos os mais significativos.

conflitos entre avós e pais no que toca à educação ou à alimentação, normais e naturais numa geração que, ela própria, aprendeu muito à custa da sua própria experiência, dos seus sucessos mas também das suas dúvidas e ansiedades; não havia muita informação disponível, para lá do que se passava de geração em geração, da “intriga de aldeia” e da experiência adquirida no percurso de vida.

Os avós, tenham a idade que tiverem, já não serão iguais à avozinha do Capuchinho Vermelho. Aliás, dado o dinamismo das transformações sociais, os “segundos” casamentos, com filhos já em idades mais avançadas, e o aumento da longevidade proporcionam avós bastante mais velhos ou o aparecimento dos “avodraços”²⁸⁵. Os avós hoje são mais letrados, mas mais letrados não quer dizer que sejam mais cultos. Embebem-se nos mesmos programas televisivos e cibernéticos dos filhos mas ainda acham muitas vezes que o método de ensino e educação “dos seus tempos” é que era bom, mesmo quando os “seus tempos” não foram os melhores. Sabem que o tempo não perdoa e sentem-no todos os dias na pele, nas dores de ossos (especialmente nos dias frios, húmidos e cinzentos no inverno) e nas forças que já não têm ou começam a sentir faltar. A sociedade não lhes reserva muito ou os obriga ainda a trabalhar, em empregos muitas vezes maçadores e repetitivos, constrangedores de liberdade.

Na mensagem para o dia mundial dos avós, em 2012, da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas, pode ler-se:

“Há avós que são um farol, um abrigo, uma referência. Acompanham-nos pela vida fora. Pelos laços que firmam, pelas palavras, gestos e valores que evocam, estão sempre presentes ainda que estejam distantes ou fisicamente ausentes. São avós que enchem o coração aos netos, que os seguram à família e lhes mostram que, aconteça o que acontecer, estão lá. Porque esses avós nunca partem, nunca deixam de existir, tornam-se imortais na vida dos netos”²⁸⁶.

O nascimento de um neto pode significar o despertar um sentimento de arrebatamento, êxtase, paixão, de calor humano intenso, como há muito, os avós não sentiam. É como se vivessem de novo a paixão adolescente, com as emoções à flor da pele, com o desejo ardente de estar sempre ao lado, a acompanhar cada instante, a

²⁸⁵ Daniel Sampaio, *A razão dos avós* (Lisboa: Caminho, 2ª Ed., 2008), 127.

²⁸⁶ Mensagem para o Dia dos Avós, Acedido em 5 de fevereiro de 2017, http://www.apfn.com.pt/news_detalhe.php?id=1024.

participar em todos os rituais que envolvem o novo elemento da família²⁸⁷. Não querem perder nada, “inicia-se a aprendizagem diária do papel de avós e, gradualmente, cada qual desenvolve a sua forma de assumir o seu papel parental”²⁸⁸.

Há quem lamente que se tenha perdido o sentido de respeito pelos mais velhos. A socióloga Ana Alexandre Fernandes refere que a ideia de que no passado os mais velhos eram sempre respeitados é um mito. Assim, “a autoridade da pessoa mais velha era determinada pela posição que ocupava na família. Era respeitada e temida quando havia transmissão de património e se tivesse um papel importante na posição que os filhos iam auferir”²⁸⁹.

Os avós têm mais tempo (livre) do que os pais. Costumam ter, porque ainda que trabalhem, não estão no início ou no pico da carreira e estão mais libertos das preocupações profissionais. A grande diferença é que os avós, além de estarem mais disponíveis são educadores por prazer e não por dever. É curioso observar como os avós vão buscar os netos à escola: “sem pressas, com tranquilidade, por vezes com algum excesso de gratificação”²⁹⁰. Contrariamente aos pais que chegam em cima da hora e deixam muitas vezes o carro mal estacionado, os avós chegam muito cedo. Não sentem o peso da responsabilidade de educar e a relação descontraída é notada pelas crianças.

5.3.1. avós de hoje e avós de antigamente

Não há dúvida de que os avós de hoje estão diferentes. Podem até ter a mesma idade do “avós de antigamente” mas não são “velhos”, nem dependentes, nem incapazes, nem severos e distantes para com os netos. Pelo menos, a maioria não o é. Basta compararmos uma foto de família de há cem anos – daquelas a preto e branco em que todos rodeavam o patriarca de acordo com a sua posição hierárquica – com uma foto atual para constatar as enormes diferenças. Os avós estão muito mais próximos das novas gerações, gozam de mais meios e de melhor saúde.

A figura da avó da aldeia, sentada à lareira, já não é a imagem dominante. O estereótipo da avozinha com manta e bengala corresponde quanto muito à quarta geração, à bisavó, que os miúdos tratam por “bisa” para a distinguir das outras avós.

²⁸⁷ Cf. Eu vou ser avó... pela primeira vez... que felicidade!, acessado a 19 de maio de 2017, <https://oterceiroato.com/2015/10/29/eu-vou-ser-avo-pela-primeira-vez-que-felicidade/>.

²⁸⁸ Francine Ferland, *Os avós nos dias de hoje: Prazeres e armadilhas* (Lisboa: Climepsi, 2006), 20.

²⁸⁹ Ana Alexandre Fernandes, *Velhice e Sociedade. Demografia, família e políticas sociais em Portugal* (Oeiras: Celta Editora, 1997), 10.

²⁹⁰ Sampaio, *A razão*, 86.

Estamos perante novos avós. Novos, pela idade e energia, mas também pela forma de encarar a vida. Temos avós bastante jovens – não é que antes as pessoas não fossem avós nas mesmas idades, mas hoje alguém com sessenta e cinco anos é considerado muito mais jovem do que se tivesse essa idade há vinte anos atrás. Sessenta e cinco anos corresponde tecnicamente à idade da reforma e ao limiar da velhice, mas não significa, de todo, ser velho. Nem todos os avós vestem calças de ganga, conduzem, têm telemóvel, usam dinheiro de plástico, navegam na internet ou têm um perfil no *Facebook*, mas este retrato assenta que nem uma luva a muitos deles; “os avós dos dias de hoje são bastante diferentes dos de outrora: são entre outras coisas, mais jovens e mais ativos”²⁹¹.

Velho aos sessenta e cinco anos? Nem pensar. Hoje vive-se mais tempo e com mais saúde e as pessoas que atualmente estão a chegar à casa dos cinquenta ou dos sessenta anos – e que foram pais e mães cedo – podem ser avós numa fase ainda cheia de vitalidade. E sendo avó ou avô aos cinquenta anos, provavelmente ir-se-á desempenhar esse papel durante cerca de trinta anos, tendo em conta a esperança média de vida; neste sentido, pode afirmar-se que “os avós nunca foram tão jovens, ativos e nunca estiveram em tão boa forma”²⁹².

5.3.2. a experiência de vida e as tipologias de avós

Os nossos avós têm pouca instrução mas dispõem da experiência de vida e de outros meios que lhes permitem colmatar essa falta de formação escolar. Como “garantes da ligação intergeracional e genética, os avós dão vida aos valores de pertença, de providência e de coesão na família”²⁹³.

Perguntando às crianças mais novas como são os seus avós²⁹⁴ e que adjetivo usariam para os classificar, as respostas são espantosas. Na classificação deles, há as avós chatas, avós com muito cabelo, avós velhinhas, avós amigas, avós que ralham, avozinhas, avós gulosas, avós com dores nas pernas, avós vaidosas, avós que fazem bolos,... e avôs carecas, avôs dorminhocos, avôs que picam, avôs barrigudos, avôs amigos, avôs do céu, avôs queridos, avôs preguiçosos, avôs zangados, avôs que levam ao parque...

²⁹¹ Ferland, *Os avós*, 19.

²⁹² *Ibidem*, 24.

²⁹³ *Ibidem*, 27.

²⁹⁴ As questões foram colocadas na sala de aula, aos alunos do 5º 3, do Agrupamento de Escolas Doutor Francisco Sanches, durante a Prática de Ensino Supervisionada.

Com mais ou menos idade, com emprego, sem trabalho ou reformados, a verdade é que os avós são todos desiguais. E a relação que estabelecem com os netos pode ser muito diferente. Fazendo uma pesquisa na internet, encontramos quase tantos tipos de avós quanto os estudiosos desta tipologia. Analisando os diferentes tipos de papéis que os avós desempenham, parece-nos que podemos definir a existência de três tipos de avós: avós dedicados, avós envolvidos e avós distantes²⁹⁵.

Na primeira categoria encaixam os avós cuidadores, aqueles que se dedicam a tomar conta dos netos e a dar assistência à família, assumindo-se, em muitos aspetos, como um prolongamento dos pais ou substituindo a sua função. São avós insaciáveis, que ficam com os netos bebés, que os vão levar e buscar à escola, que ficam de serviço durante as férias escolares, que estão sempre prontos para lhes preparar as refeições e tratar do que for preciso.

Há depois os avós envolvidos ou companheiros que aproveitam o tempo que estão com os netos sem a preocupação de os educar. São avós que estão presentes numa atitude mais descontraída e lúdica. Muitos continuam a ter responsabilidades profissionais ou cívicas e dão um apoio complementar aos pais. E esse apoio tanto pode ser ir buscar os netos à creche e levá-los ao parque infantil, como organizar uma festinha de aniversário lá em casa. Cada um envolve-se como pode e à sua maneira e “são menos ansiosos que os pais porque a experiência acumulada com os seus próprios filhos lhes permite relativiza as diferentes situações²⁹⁶.

Por fim, os avós distantes são aqueles que, por diversas razões, ficam afastados do dia-a-dia dos netos. Muitos vivem longe e não podem estar presentes para darem o apoio que gostariam. Com o passar do tempo, a distância física pode levar ao afastamento emocional dos netos, que não estabelecem vínculos tão fortes com os avós. Neste grupo há também os avós que vivem perto e não convivem com os netos, por desavenças familiares ou simplesmente porque preferem estar no seu canto sem o reboliço das crianças.

²⁹⁵ Apesar de Francine Ferland, na obra já referenciada não definir estes três tipos de avós, refere-se igualmente à existência de alguns tipos de avós que, julgamos estarem em sintonia com a nossa classificação proposta. Neste sentido, a autora, nas páginas 43-44, refere que há avós que “consideram não ter qualquer papel a desempenhar junto do neto e não sentem ter qualquer responsabilidade ou razão para se envolverem com ele, no plano afetivo ou noutra”; menciona que “outros avós gostam de estar por perto do neto, mas desejam proteger ciosamente a sua independência” e há aqueles que se “empenham intensamente, por vezes até com desmesura”.

²⁹⁶ Ferland, *Os avós*, 46.

5.3.3. muitos avós e poucos netos

A multiplicação dos avós é uma novidade. Nunca, como agora, houve tantos avós para tão poucos netos; “os avós deste início do século XXI são proporcionalmente muito numerosos em relação ao número de crianças existentes nas nossas sociedades”²⁹⁷. Essa tendência deve manter-se ou acentuar-se, tendo em conta as projeções de que, em breve, as sociedades ocidentais terão mais idosos do que crianças e jovens. Ou seja, haverá mais avós do que netos. Já se fala que o século atual é o século dos avós²⁹⁸. O número dos netos está a diminuir, ao contrário do número dos avós, que está a aumentar. Esta contradição é explicada pela queda da natalidade (nascem menos bebés e a maioria são filhos únicos) e pelo aumento da esperança de vida (a morte “leva-nos” mais tarde). Mas há também uma outra razão para o surgimento de mais avós: o divórcio, quer entre os pais das crianças, quer entre os avós, e as novas uniões que daí resultam.

Se no início do século XX era raríssimo alguém ultrapassar os setenta anos de vida, hoje é vulgar chegar a essa idade. A esperança média de vida em Portugal situa-se nos homens com “uma esperança média de vida à nascença de 77 anos de idade e, nos 83 anos de idade para as mulheres”²⁹⁹. Graças à melhoria das condições de vida e dos cuidados de saúde, as pessoas vivem muito mais tempo.

Em situações de adoção, muitos avós acolhem as crianças de coração aberto, como netos de pleno direito. O divórcio e os novos casamentos vieram acrescentar os chamados “avodraustos”³⁰⁰ e “enteados-netos”³⁰¹, como lhes chama o psiquiatra e escritor português, Daniel Sampaio. As crianças convivem com os progenitores do novo companheiro do pai ou da mãe, adicionando-os também como avós. E se o avô ou a avó voltar a casar, os novos membros da família passam a incluir os recém-chegados “enteados-netos” no grupo dos netos.

Há crianças que não gostam destas designações e preferem tratar apenas por avô e avó ou referir simplesmente os seus nomes próprios. “Avodraustos” é, na verdade, uma palavra com uma carga pesada e mesmo a esses novos avós “pode ser difícil aceitar esse

²⁹⁷ *Ibidem*, 23.

²⁹⁸ Cf. Barros de Oliveira, *Psicologia do envelhecimento e do Idoso*, acessido a 5 de abril de 2017, <http://www.paisefilhos.pt/index.php/familia/pais-a-maes/5631-avos-do-seculo-xxi>.

²⁹⁹ Natália Faria, *Portugueses estão a viver até aos 80, 41anos em média*, acessido a 20 de dezembro de 2016, <https://www.publico.pt/2016/09/30/sociedade/noticia/esperanca-de-vida-a-nascenca-e-aos-65-anos-aumentou-em-portugal-1745700>.

³⁰⁰ Sampaio, *A razão*, 127.

³⁰¹ *Ibidem*.

novo papel”³⁰². Além disso, estes avós ocupam mais um lugar supletivo, digamos que são suplentes, já que em grande parte das situações os avós biológicos continuam a existir e o seu lugar não foi deixado vago.

Os pais da madrasta ou do padrasto podem ter um papel importante mas não substituem os outros avós³⁰³. O mesmo sucede quando a criança ganha uma madrasta ou um padrasto: estes não tomam o lugar do pai ou da mãe. No passado não era assim, a madrasta ou o padrasto exerciam uma autoridade parental, ocupavam o lugar de alguém que tinha morrido e a conotação era muito negativa. Mas hoje os novos companheiros do pai ou da mãe, da avó ou do avô, não costumam ser uma autoridade parental, pois estabelecem uma relação mais descontraída. A ligação afetiva é mais difícil de estabelecer quando as crianças aparecerem já a meio do percurso de vida e trazem hábitos e estilos de vida diferentes. Tal exige uma adaptação de parte a parte, e nem sempre os avós e os enteados – netos estão recetivos.

Algumas crianças somam quatro avós, quatro “avodraustos”, para além das bisavós e dos bisavôs. E quando o divórcio ocorre entre os avós, podem ter ainda mais dois: o novo marido da avó ou a nova esposa do avô. É preciso encontrar designações para estas novas realidades instituídas. Pierre Bourdieu refere-se a esta problemática como “a família sem nome”³⁰⁴; nós não conseguimos ainda dar nome a estes novos elementos da família.

6. Encontro de gerações

Vivemos hoje uma fase peculiar. As famílias são mais pequenas mas multigeracionais, isto é, com várias gerações em contato. No início do século passado, era raro as crianças terem a oportunidade de conhecer os quatro avós, hoje não só têm essa possibilidade como ainda a de conviverem com os bisavós.

O aumento da longevidade tem permitido esse encontro de quatro gerações: bisavós, avós, pais e filhos convivem e partilham muitos momentos, especialmente em ocasiões festivas, como as datas de aniversário e o Natal. Quando moram perto ou até na mesma casa, o convívio é diário. Há bisavós que continuam ativas no seu papel de cuidadoras

³⁰² *Ibidem*.

³⁰³ Esta afirmação bem como as seguintes são reflexão da experiência como professor e assistente social, no acompanhamento de crianças e jovens e suas famílias.

³⁰⁴ Cf. Pierre Bourdieu, “*Des familles sans nom*”, Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 1996, 3-5, acedido em 14 de abril de 2017, http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1996_num_113_1_3177.

dos novos elementos da família: criaram os filhos, os netos e voltam-se para os bisnetos enquanto a saúde ainda o consente.

Se recuarmos até à infância dos atuais avós, apercebemo-nos que a figura dos bisavós era rara. Vivia-se menos tempo, com menos saúde e as crianças não chegavam a conhecer os bisavós, especialmente os bisavós, homens.

Cabe às avós uma posição de destaque na família, a qual nem sempre é confortável. Por um lado, dão apoio aos netos, por outro, prestam auxílio aos próprios pais em fim de vida quando estes precisam. As atuais avós têm assim que se desdobrar entre uns e outros. A pressão é sentida particularmente pelas avós que continuam ativas nas suas profissões e não conseguem acorrer a todas as solicitações. Outras estão reformadas mas consideram a tarefa hercúlea, sentem-se exaustas numa missão demasiado pesada para as poucas forças que lhes sobram. Mesmo assim fazem-no por amor, por isso, reservam “tempo para brincar, discutir, passear, estar com a criança”³⁰⁵, “o mais belo dos presentes (...) dar-lhe tempo e dar-lhe amor”³⁰⁶.

Os pais contam com os apoios dos avós, mas estes têm vida para lá dos netos. Os avós têm expectativas sonhos e desejos que foram adiando, na esperança de os concretizar quando chegassem à idade da reforma. De qualquer modo, fará sentido ter de decidir se os netos ficam com os avós ou vão para a creche, na ausência dos pais?

6.1. *Os avós ou a creche*

Será a creche a melhor solução para o bebé quando há avós disponíveis por perto?³⁰⁷ Mesmo quando as famílias têm facilidade em pagar elevadas mensalidades das creches privadas, a possibilidade de o bebé permanecer num ambiente familiar não deve ser descurada. Nota-se uma grande pressão de marketing para que as crianças entrem cedo na creche. Em geral, colocar uma criança na creche não parece uma necessidade da criança mas uma necessidade dos pais. Na maior parte dos casos, parece-nos que as crianças até cerca dos três anos de idade não têm necessidade de estar em situação de grupo durante grande parte do dia. Nestas idades, o mais importante é o acompanhamento individualizado e a continuidade de cuidados.

Muitos pais não têm escolha: para trabalhar, precisam deixar os filhos na creche. Outros decidem em função do que julgam ser o melhor para o bebé. A hipótese de ficar

³⁰⁵ Ferland, *Os avós*, 30.

³⁰⁶ *Ibidem*.

³⁰⁷ A tentativa de dar resposta a esta questão é meramente pessoal, fruto da nossa reflexão e experiência como pai.

com os avós ou ao cuidado de alguém “competente e sensível” julgamos ter vantagens. Nesse sentido, receber uma atenção individualizada pode ser mais favorável do que estar num contexto de creche, em que as crianças têm de competir entre si para conseguir a atenção de um adulto. Há um grande “mercado” à volta das crianças e criou-se a ilusão de que elas precisam frequentar a creche. Como se por não andarem na creche aos dezoito meses, perdessem a oportunidade de entrar em medicina! Se os meninos ficarem em casa dos avós não ficam a perder curriculum.

Vários especialistas da infância têm defendido o adiamento da entrada para a creche. É conhecida a opinião do psicólogo Eduardo Sá, que sugere que as crianças não devem sair de casa antes dos dois anos e considera o facto de passarem tantas horas nas instituições “um problema de saúde pública”³⁰⁸.

Na dificuldade de encontrar uma pessoa de confiança para tratar dos bebés, os avós têm uma grande vantagem: são dedicados e fazem tudo por amor, “dar-lhe tempo (aos netos) é dar-lhe amor”³⁰⁹. O seu único interesse é o interesse da criança. Quando os avós – na maioria dos casos as avós maternas – se disponibilizam para ficar com os netos, há vantagens que são de imediato associadas: o bebé permanece em ambiente familiar, tem menos mudanças na sua rotina e fica menos exposto a infeções.

Os avós costumam orgulhar-se da sua experiência com crianças – afinal já foram pais anteriormente – mas o conhecimento sobre a infância evoluiu muito nos últimos anos e pode faltar-lhes alguma atualização, nomeadamente, quanto a práticas pedagógicas. Os pais terão de estar preparados para aceitar as diferenças na forma como os avós lidam com as crianças, eles “são educadores por prazer, não por dever ou por missão”³¹⁰. E os avós, mesmo tendo opiniões diferentes, devem estar em sintonia com os pais nas questões mais importantes, ou seja, “na presença dos pais, nunca intervir em questões de autoridade”³¹¹. Os desabafos de que “já não tenho saúde para isto”, “dá mais trabalho do que se imagina”, ou “ficar com o neto é uma prisão” não passam de desabafos. Não devem ser levados demasiado a sério nem vale a pena os pais sentirem-se culpados. Os meses e os anos “voam” e a oportunidade de ficarem com o bebé não volta a repetir-se.

³⁰⁸ Acedido a 5 de fevereiro de 2017, <https://pt.slideshare.net/mariarmacedo/o-psicologo-eduardo-s-defende-uma-politica-para-a-familia>.

³⁰⁹ Ferland, *Os avós*, 30.

³¹⁰ Sampaio, *A razão*, 85.

³¹¹ *Ibidem*, 90.

Há avós que, independentemente de estarem ou não ativos nas suas profissões, são um suporte da família. É evidente que “quando os avós ainda estão inseridos no mercado de trabalho estão numa situação que influencia a sua participação na vida da criança, reduzindo, em certos momentos, os contatos mas dando um estímulo particular noutros”³¹². Estão na retaguarda, uns mais disponíveis e solícitos do que outros, às vezes mal se dá por eles, mas o papel que desempenham é essencial para o equilíbrio familiar, “garantes de ligação intergeracional e genética, os avós dão vida aos valores de pertença, de proveniência e de coesão na família”³¹³. Ficam com os netos quando são bebés, vão levá-los à creche, ao jardim-de-infância ou à escola, vão recolhê-los ao fim do dia, levam-nos à natação, às aulas de música ou ao médico, ficam com eles quando adoecem, ajudam nos trabalhos de casa, Já para não falar das refeições que preparam, dos “mimos” que oferecem e do apoio financeiro que, direta ou indiretamente, asseguram..

A imagem da avó que fica em casa a tomar conta do neto é uma realidade. No nosso país, há mais bebés que crescem na companhia da família, do que ao cuidado de técnicos nas creches. As estatísticas (em 2010, a taxa de cobertura de creches e amas profissionais subiu para 35%, o que significa que 65% das crianças até aos 3 anos ficou em casa, na sua própria residência, em casa de familiares e amigos, ou de amas não certificadas. Ou seja, a maioria estará em ambiente familiar) mostram que as crianças vão cada vez mais para a creche, sobretudo nas cidades³¹⁴. Mas ao contrário do que se poderia supor, a maioria dos bebés no nosso país não frequenta infantários, creches ou outras estruturas de apoio.

As avós continuam a ser muito procuradas e têm assumido um protagonismo crescente. Curiosamente, hoje há mais avós a cuidar dos netos do que há duas décadas. É o resultado das circunstâncias, da desocupação dos avós e da ocupação dos pais em profissões instáveis e cada vez mais exigentes. Se antes muitas mães ficavam em casa a cuidar dos filhos pequenos, hoje trabalham e não podem abdicar da sua profissão, delegando essa função às avós que estão livres. A solução dos avós sai sempre mais barata e é mais segura (para os pais) que uma ama ou a creche. Infelizmente são poucos os países que canalizam apoio (direto ou indireto) a quem opta por ter os filhos com a

³¹² Ferland, *Os avós*, 37.

³¹³ *Ibidem*, 27.

³¹⁴ Conselho Nacional de Educação. *Estado da Educação 2014*, acessado em 5 de março de 2017, http://www.cnedu.pt/content/edicoes/estado_da_educacao/Estado_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_2014_VF.pdf.

família, mas é preciso refletir com urgência “se a transição para os cuidados fora de casa é um avanço ou um recuo”³¹⁵, advertiu a UNICEF.

6.2. *Os avós, educadores com os pais*

A educação dos filhos é sempre uma função dos pais, pelo que não faria sentido os avós sobreporem-se nem os pais se demitirem. Os filhos não podem simplesmente ser entregues aos avós ou a empregadas. Essa tarefa não pode ser entregue aos avós até porque o modo de educar é diferente: “a mais perigosa de todas as ciladas a evitar é a ingerência dos avós nas decisões parentais no que diz respeito à educação da criança”³¹⁶. Assim, “a regra de ouro para o sucesso dos avós deve ser: na presença dos pais, nunca intervir em questões de autoridade”³¹⁷. É natural que os avós e os pais tenham ideias diferentes sobre a educação das crianças. Mas há um princípio básico que tem de ser aplicado para o bom funcionamento da família. Os avós não podem desqualificar e querer substituir-se aos pais. Ainda que discordem, devem evitar pôr em causa a decisão e o modo de atuar dos pais, principalmente à frente dos netos e de outros familiares e amigos: “Os avós não devem contrariar os pais, nem tomar partido por um lado ou por outro. Fazem melhor quando conseguem um equilíbrio que lhes permita um diálogo com todos (...) Podem também servir de confidentes (...) Decisivos em momentos de crise”³¹⁸.

Os avós não podem também ter a veleidade de pensar que sabem tudo e que os filhos não sabem nada só porque acabaram de ser pais. Cada momento da vida exige um comportamento e uma atitude e com o passar dos anos, os avós tendem a tornar-se mais condescendentes. “Connosco não eras assim”, ouvimos, por vezes, aos filhos, ao que os avós respondem com palavras deste género: “mas antes eu era pai e agora sou avô, não posso agir da mesma maneira, não me cabe a mim estar a ditar as regras aos netos”.

A noção de que só se pode ter um comportamento e o avô chega e estraga tudo é um equívoco. As crianças sabem perfeitamente quem é que está a educar e que há exceções à regra. Aprendem a lidar com uns de uma maneira e com outros de outra e essa diferença não é perturbadora. É antes um enriquecimento, desde que haja amor e

³¹⁵ Advertência feita no relatório: “a transição dos cuidados na infância”, Innocenti Report Card nº8, 2008, Centro de Pesquisa Innocenti da UNICEF, Florença. Disponível em https://www.unicef.pt/docs/ReportCard8_pt.pdf, consultado a 6 de março de 2017.

³¹⁶ Ferland, *Os avós*, 56.

³¹⁷ Sampaio, *A razão*, 90.

³¹⁸ *Ibidem*, 105.

amizade e não se caia no conflito; neste sentido, são de extrema importância, as visitas aos avós.

6.3. *As visitas entre avós e netos*

Arriscamo-nos a afirmar que quem priva as crianças de ver os avós está a cometer um crime. Pelo estatuto que conquistaram na família, os avós são os aliados naturais dos netos, são uma voz que se faz ouvir. Por isso, os netos quando estão em desacordo ou em conflito com os pais, procuram, muitas vezes, proteção nos avós; estes “podem revelar-se indispensáveis para o equilíbrio e para a felicidade da criança e contribuem para reduzir o seu *stress*”³¹⁹. Os avós podem ter um papel conciliador importante, se conseguirem “pôr água na fervura”, ouvindo uns e outros sem “tomar partido direto no conflito”³²⁰, por nenhuma das partes.

O bem-estar dos avós é também um bem para os netos. Os amigos vão e vêm, mas os avós estão sempre lá, são do mesmo sangue, aconteça o que acontecer. Nós sabemos que as relações familiares estão longe de ser perfeitas, há sempre aspetos a corrigir e a melhorar, daí surgir queixas de parte a parte.

6.3.1. a casa dos avós

Hoje, infelizmente, a casa dos avós já não é um espaço de convívio onde os netos crescem juntos e brincam com a vizinhança. Ainda acontece mas, deixou de ser norma e nas cidades é uma exceção. Os avós têm menos netos e mesmo os que ficam ao seu cuidado, raramente se cruzam devido às diferenças de idade. Mas, se por um lado, socializam menos com outras crianças, socializam mais com pessoas de todas as idades numa comunicação transgeracional, mais fiel à realidade.

A casa dos avós pode ser uma casa menos espaçosa, menos luminosa, menos confortável que q casa dos pais mas, para os netos a casa dos avós tem algo de mágico, de encantador. Se foi a casa de infância dos pais, se tiver móveis e objetos dessa altura ou de épocas ainda mais recuadas, a curiosidade e o fascínio aumentam. E se contar com um sótão, garagem, jardim, quintal ou qualquer outra extensão de terreno, com árvores de fruto, tanto melhor. Perde graça quando a casa dos avós é uma versão cidadina prática e sem tralhas acumuladas – como algumas avós modernas tanto anseiam.

³¹⁹ Ferland, *Os avós*, 31.

³²⁰ *Ibidem*.

É verdade que muitas crianças e adolescentes torcem o nariz quando chega a hora de mais uma visita à casa dos avós. Ficam “estendidos” só de pensar que lá não há computadores, *Wi-Fi*, *playStation* ou outras distrações eletrônicas, como se essas pudessem ser as únicas ocupações possíveis para uma tarde de domingo ou umas férias bem passadas. É uma excelente oportunidade para se libertarem de preconceitos e descobrirem que afinal pode não ser “uma seca” participar noutras tarefas e meter conversa com a avó ou com o avô sobre a escola, os tempos de antigamente ou sobre o neto do vizinho que mora mesmo em frente.

Há vida para além do telemóvel, computador e *playstation*! Não se deve nunca desistir de tentar aproximar os netos dos avós. É preciso um esforço mútuo quer por parte dos avós, para aliciar os netos com atividades interessantes quer por parte dos netos para estarem recetivos a darem sugestões sobre o que, em conjunto, podem fazer.

A casa dos avós é, por tradição, o local onde se reúne a família. Pela idade, pelo estatuto e segurança que inspiram, muitos avós são um polo aglutinador, que atrai e reúne os vários elementos dispersos da família, esperando “que todos estejam presentes”³²¹. O entusiasmo dos netos em participar nestes encontros familiares esmorece à medida que chegam à adolescência – na linguagem de alguns, “são uma grande seca” -, mas ficam registados no seu arquivo de memórias e, quem sabe, no futuro serão eles mesmos os impulsionadores das reuniões familiares.

Contudo, à medida que crescem, os netos podem revelar mais interesse pelos objetos que fazem parte da história da família. Os avós que se desfazem de todas as “velharias” estão a apagar memórias e a desperdiçar um potencial extraordinário.

6.3.2. conversas entre avós e netos

Os avós são os grandes depositários de histórias, os “historiadores da família”³²², de outras épocas, de contos e lendas intemporais que sempre fizeram parte do imaginário infantil. Os netos podem usufruir desse legado, em momentos a sós com os avós, em que as conversas fluem sem hora marcada. A ideia de que as crianças e jovens não gostam de falar com os mais velhos é um mito, uma crença falsa. Eles gostam de estar com os amigos, é verdade, mas também querem ter momentos com os adultos; “muitos

³²¹ *Ibidem*, 85.

³²² Sampaio, *A razão*, 143 e 240.

jovens encontram sobretudo no avô a pessoa indicada para falar das dúvidas em relação ao futuro”³²³.

Os netos conseguem extrair dos avós informações preciosas sobre a infância e adolescência dos próprios pais (como se comportavam, se eram bons alunos, se ajudavam em casa). Passar este manancial de informação aos filhos nem sempre agrada aos pais, que preferem preservar uma imagem imaculada. Muitas vezes são os avós que introduzem o erro através das histórias de família, porque os pais se apresentam como perfeitos, o que não é bom. O erro faz parte do processo de crescimento. Nas famílias deve haver regras e valores mas também tem de ser deixar espaço para as pessoas arriscarem e errarem³²⁴. A cumplicidade é particularmente útil na adolescência dos netos. Não há neto que não goste de contar com a clarividência dos avós para o ajudar a refletir sobre as decisões difíceis que tem de tomar. Para Ramos, Marujo e Baptista, “nas relações intergeracionais, muito particularmente entre avós e netos, a transmissão psíquica e cultural geracional é importante. Cada criança está inserida numa dada família e cultura e vai estruturar a sua vida psíquica e cultural através da herança psíquica e cultural recebida desde o nascimento e transmitida de geração em geração”³²⁵.

Com o decorrer dos anos, alguns avós desenvolvem a capacidade de escutar sem julgar, de falar sem sentenciar, sem recorrer a ameaças e castigos precipitados, como acontecia quando assumiam o papel de pai ou de mãe. Não é raro ouvir-se o desabafo: “A tua avó mudou como da noite para o dia, não parece a mesma pessoa. Quando era nova tinha a mão pesada, era rígida, não tolerava o mínimo deslize, aos filhos. Agora permite tudo, consente tudo e defende sempre os netos”.

7. Quando os atuais avós eram netos

Os avós não se cansam de dizer: “no meu tempo era tudo tão diferente!” e têm motivos para o afirmar. Em poucas décadas, a sociedade, o país, o dito mundo ocidental sofreram modificações profundas que alteraram a forma como vivemos e nos relacionamos com os outros. Se muitos avós ficam estupefactos com as novidades que são divulgadas diariamente, os netos não ficam menos surpreendidos quando os ouvem

³²³ *Ibidem*, 108.

³²⁴ Cf. *Ibidem*, 97 e ssg.

³²⁵ Natália Ramos, Manuela Marujo e Aida Baptista, *A Voz dos Avós – Migrações, Memória e Património Cultural*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012), 41.

falar do passado. À luz do presente, muitas situações vividas pelos avós com 70 ou 80 anos parecem improváveis.

Apesar disso, os “avós podem ter uma influência sobre os netos em diferentes aspetos. Transmissores da memória e das tradições familiares contribuem para reforçar as raízes identitárias”³²⁶. A maioria dos avós nasceram na primeira metade do século passado, cresceram após duas guerras mundiais e em plena ditadura, assistiram à revolução da eletricidade, do petróleo, da industrialização, do autoclismo, dos eletrodomésticos, presenciaram a guerra colonial, a queda do império do ultramar, o 25 de abril, a entrada de Portugal na União Europeia, a chegada das autoestradas e dos computadores. Hoje temos como adquiridos direitos fundamentais consignados na lei – como o direito à educação, liberdade de expressão, não-discriminação – mas estes direitos são conquistas recentes e o resultado de muita luta e perseverança. O atropelo aos mais elementares direitos está impresso na história de vida de muitos dos atuais avós³²⁷.

Os netos que têm acesso às memórias dos avós têm uma melhor percepção do passado, do presente e do futuro³²⁸. No tempo em que os atuais avós eram netos, receber roupa nova era um acontecimento solene. Mesmo em famílias com mais recursos, ocorria poucas vezes ao ano, geralmente na Páscoa e no Natal. Os mais sortudos “estrevavam” roupas feitas à medida, encomendadas à costureira com tecidos comprados no armazém. Era habitual costurar-se roupa em casa e todos os pedacinhos de tecido e lã eram reaproveitados e transformados em novas peças. As lojas que hoje conhecemos de “pronto a vestir” só chegaram na década de 60 e eram uma “modernice” inacessível à maioria das carteiras. A grande novidade deu-se com o aparecimento das minissaias, dos *jeans* e das calças à boca-de-sino. Mas “das moças de boas maneiras” não se esperavam tais “reparos”.

Até o namorar era um assunto muito sério. A escolha do pretendente era analisada em família, sendo preciso avaliar meticulosamente o candidato a noivo ou noiva. O pretendente deveria ser oriundo de “boas famílias”, ter “bons dotes” e “bons modos”, o que gerava imensas divergências. Nenhuma “moça séria” deveria namorar sem primeiro o pretendente pedir autorização ao seu pai e este dar a respetiva “bênção”.

³²⁶ Ferland, *Os avós*, 25.

³²⁷ Tratou-se neste parágrafo de identificar acontecimentos marcantes no nosso país, nos últimos cinquenta anos. A listagem está, no entanto, incompleta.

³²⁸ Partindo de histórias vivenciadas e contadas pelos nossos avós, tentou-se estabelecer as diferenças principais entre o período atual e o momento em que eles eram netos. Referimo-nos ao período entre os anos 40 e 60 do Século XX.

Há cinquenta anos era normal no nosso país uma filha com quinze anos já ter noivo e casar-se aos dezasseis. Aos dez anos de idade muitas meninas saíam da escola e ficavam em casa a ajudar as mães, iam servir para a cidade ou trabalhavam no campo ou nas fábricas. No entanto, não tinham autorização para saírem com as amigas e o ordenado que ganhavam era entregue aos pais. O casamento representava muitas vezes uma fuga a esta situação para adquirirem a autonomia e a liberdade que desejavam.

Não deve haver avô ou avó que se prezem de ter tomado banho diariamente em criança. Lavava-se apenas a cara e as mãos, os mais asseados lavavam os pés e as partes íntimas, antes de irem para a cama, e o banho completo acontecia, na melhor das hipóteses, uma vez por semana, ao domingo. Punha-se a panela ao lume, preparava-se o alguidar com a água fumegante e, de púcaro em riste, lá se ia molhando, ensaboando e passando por água cada um dos elementos da família, à vez. Em muitas zonas do interior do país o ritual do banho acontecia apenas uma vez por ano, no verão, antes da festa do Santo Padroeiro da aldeia. Só nessa altura é que se lavava o cabelo, já catado. Não estamos a falar de hábitos de higiene da Antiguidade mas do tempo dos atuais avós, de há algumas décadas atrás.

Ainda há poucos anos, quem tivesse uma sanita em casa era um privilégio e se esta fosse munida de um autoclismo, um feito notável. Ter banheira era um luxo igualmente raro, não só nas aldeias mas também nas grandes cidades. A evolução do bacio para a retrete e, mais tarde, para os sanitários com autoclismo foi assombrosa.

A chegada da eletricidade foi uma novidade emocionante e a compra do fogão e, mais tarde, do frigorífico abriram uma nova era. Era “fino” ter um frigorífico mas as pessoas pouco uso lhe davam porque continuavam a fazer a “salmoura” para conservar as carnes e o peixe. Ia-se raramente à mercearia e pedia-se para “assentar” para pagar no fim do mês. Quando surgiram os supermercados e, mais tarde, os hipermercados, as prateleiras repletas de embalagens coloridas e acessíveis causaram enorme impacto e admiração.

Perguntamo-nos que histórias contarão os netos de hoje quando forem avós. Eles têm hoje à disposição o que nenhum avô ou avó alguma vez teve nem ousara sequer imaginar. Não devem, pois, ir atrás apenas de coisas que impressionam, algumas podem mesmo prejudicar valores e, hoje, “é frequente ouvirmos falar com muita insistência em crise de valores. É uma constatação. Parece ser opinião unânime que existe uma crise de

valores”³²⁹. Deve ter-se em atenção que o que deve permanecer há-de ser o afeto, a verdadeira ligação à família, que nunca deve ser desvirtuada e amesquinhada. Como referido no Capítulo um, não somos senhores da vida, tudo é uma passagem.

8. Testemunhos

Ao longo do tempo em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada realizamos algumas visitas a um lar de idosos, no Nordeste Transmontano, nos meses de dezembro e fevereiro, disponibilizando-nos para conhecer alguns “avós”, conviver com eles e criar empatia para assim ouvir alguns testemunhos em relação ao seu relacionamento com as suas famílias. Ouvimos também alguns familiares dos avós institucionalizados (filhos e netos) bem como outros membros da comunidade.

Também durante a lecionação da Unidade letiva: “A família, comunidade de amor”, foi pedido aos alunos da turma 3, do 5º ano, do Agrupamento de Escolas Doutor Francisco Sanches que, do modo anónimo escrevessem também um pequeno texto sobre os avós.

As relações familiares, como sabemos, estão longe de ser perfeitas, há sempre aspetos a corrigir e a melhorar. Neste sentido, interessaram-nos sobretudo os comentários, observações e desabaços menos positivos, no sentido de constituírem um instrumento de trabalho para ajudar a refletir sobre relacionamentos e práticas menos positivas.

Selecionámos algumas dessas expressões e, salvaguardando a identidade de todos os que nos responderam (todos os nomes são fictícios), transcrevemos aquelas que mais mereceram a maior atenção.

8.1. *Testemunhos dos netos (sobre os avós)*

Inocentes e muito críticos, os netos falaram-nos dos seus avós. Por mais novos que o sejam, os netos gostam de sentir-se acarinhados, amados e reparam até nos pormenores mais improváveis.

“A minha avó está sempre a dizer-me: “faz isto”, “faz aquilo”, e não cumpre a regra das pessoas bem-educadas. Esquece-se de dizer por favor e obrigada! Não gosto quando ela fala assim comigo”.

Joana, 5 anos

³²⁹ Sampaio, A razão, 153.

“O meu avô materno é muito desligado. É capaz de estar seis meses sem me ver e passa por mim e nem repara que sou eu, nem me cumprimenta. Só me pergunta: “Tudo bem? Então e as notas? Apetece dizer que tirei negativa só para ver se ele reage. Não costuma mostrar o que sente. Já fui várias vezes com ele à caça e acho que ele me confunde com o cão! Quando apanha uma perdiz, grita para mim: “Vai buscar! Vai buscar!”.

Francisco, 11 anos

“Nem que eu coma um prato cheio de comida, a minha avó acha que eu não comi nada. Está sempre a ver se eu como mais, acha que estou magrinha, quer que eu coma à força. Isso às vezes cansa”.

Maria, 12 anos

“Os meus avós do lado do pai não querem saber de mim. Nunca vou lá a casa deles, nem no Natal! Não costumam mandar-me presentes, só às vezes. O pai e a mãe não se falam, deve ser por isso. Gostava de ter mais avós como as outras crianças”.

Luana, 6 anos

“O meu avô bebe demais! Ao pequeno-almoço, ao almoço, ao lanche, quando está a jogar às cartas... lá vai ele beber mais um copinho de vinho. O médico já o proibiu de beber mas ele continua. E está sempre com a mesma piada quando vou lá almoçar. Estamos à mesa e ele, com aquela cara, vira-se a perguntar: O Miguel não veio? O Miguel não veio hoje? Tenho de lhe dizer que aquela piada está gasta, já passou de moda”.

Miguel, 12 anos

“Quase não tenho relação com a avó paterna, nem eu nem o meu irmão. Não criámos laços com ela; é uma pessoa fria, distante. Só a vejo no Natal e trocamos telefonemas em datas festivas e, mesmo assim, ela esquece-se muitas vezes dos nossos aniversários. Em pequenos, só íamos a casa dela de passagem e ela mora a cinco minutos da nossa casa! Não nos convida a irmos lá lanchar ou almoçar, tenho pena que seja assim. Com a outra avó é completamente diferente, estou com ela todas as semanas e falamos ao telefone quase todos os dias”.

Beatriz, 19 anos

8.2. *Testemunhos dos pais (sobre os seus pais ou sogros)*

Fomos também ouvir alguns pais sobre a relação dos avós com os netos. Transcrevemos igualmente algumas opiniões:

“Acho que as avós têm ciúmes uma da outra, andam sempre em competição, se uma dá uma coisa, a outra não quer ficar atrás. Vai ser um problema quando eu voltar ao trabalho porque as duas já pediram para ficar a tomar conta da bebé e nós não queríamos arranjar chatices”.

Letícia, 35 anos

“Para os filhos da minha irmã, os meus pais estão sempre disponíveis, dão um apoio quase diário, mas para os meus não. Vivemos a meia hora de distância, mas eles são capazes de ficar meses sem ver os meus filhos porque não querem deslocar-se. Parece que têm netos de primeira e netos de segunda e as crianças começam a reparar nisso. Podíamos ser uma família muito mais unida”.

António, 43 anos

“A minha mãe está sempre disposta a ajudar-nos e até se dispõe a passar uns dias em nossa casa. Só tem um problema: é intrometida e demasiado ansiosa, preocupa-se com tudo e deixa-nos com os nervos em franja. Se ela fosse mais calma e não estivesse sempre a corrigir o que fazemos e a fazer comentários, era mais fácil. O meu marido começa a não achar piada que lhe digam que não percebe nada de nada (de bebés)”.

Susana, 35 anos

“A minha mãe vem sempre carregada quando vem a minha casa. Insiste em trazer carne, peixe, legumes, como se eu não tivesse tudo isso em casa! Acha que o que ela compra é sempre melhor, que tem mais qualidade e que faz melhor o menino. Mas não se apercebe de que isso me irrita! Parece que está sempre a dizer que eu não sou capaz de ir às compras! Ainda para mais eu acabo por lhe dar o dinheiro que ela gastou e, muitas vezes, as coisas estragam-se porque são demais. Já tentei dizer-lhe mas não adianta. Logo que tem oportunidade ela volta a fazer o mesmo”.

Glória, 28 anos

“A minha sogra só pensa nela e nos filhos dela e não gosta das noras. Sempre disse mal de mim, mesmo à minha frente. antes de me casar, teve a descompostura de dizer que eu não servia para o filho dela. Só queria ter um neto. Tenho muitas discussões com o meu marido porque ele adora a mãe e defende-a sempre. Já o meu sogro é muito diferente, é prestável, brinca com os netos e ajuda no que pode”.

Lara, 45 anos

8.3. *Testemunhos dos avós (sobre os filhos e/ou netos)*

Decidimos passar algum tempo com os avós institucionalizados; estes foram os que nos mereceram maior atenção e também os primeiros a serem ouvidos. Eis o que alguns deles nos transmitiram:

“Aqui, estou bem, estou em família. Sou velho e soffro... Há apenas a morte. Se voltaria à minha terra? Não. Ela nunca me deu nada”.

Joaquim, 88 anos

“ Custa-me muito estar aqui. Estou só, na minha vidinha. Tenho muita vontade de ver os meus netos. Eles vivem longe, coitados. Eu devia estar com eles para os ajudar”.

Marta, 87 anos

“Antes era jovem, agora estou velho, terminou. O país terminou para os novos e para os velhos. Quando és velho, terminou. Está tudo mal porque és velho, doente e sem dinheiro. Os portugueses são cada vez mais racistas e tu por qualquer coisa que faças és sempre ovelha negra.”

José, 76 anos

“Estas coisas já me cansam... Agora de velha é que vim para tão longe de minha casa”.

Maria, 84 anos

“Eu e o meu marido fizemos de tudo para dar o melhor aos nossos filhos, fartamo-nos de trabalhar e agora... olha... é o que se vê! Estamos os dois aqui e ninguém nos vem ver. Receberam o dinheiro e não querem mais saber de nós”.

Francisca, 73 anos

“Antes havia pobreza mas a gente tinha mais alegria, vivíamos em família. Hoje há de tudo mas cada um está em seu sítio”.

Josefina, 74 anos

“Antes tratava da minha horta mas aqui não me deixam fazer nada. Já pedi ao meu filho para me tirar daqui mas ele também não quer saber de mim. Os netos visitam-me mas mal os conheço. Ontem eram bebês, hoje estão mais altos que eu”.

Joaquina, 83 anos

“Gostava que os meus dois netos convivessem mais comigo. Por vezes, passam-se meses sem me virem visitar e acham-me antiquado, que não sei nem percebo nada”.

Amílcar, 72 anos

“A gente queixa-se mas no fundo só quer é estar com os netos. Quando não estou com eles, os dias nunca mais passam, fico cheia de saudades”.

Alzira, 68 anos

9. Conclusão

O que hoje cada um de nós é, é o resultado de um longo percurso, em que se cruzam famílias, genes, costumes, saberes e valores, ninguém nasce do nada³³⁰; o nome próprio que temos, os apelidos que herdamos, o local onde moramos, a nossa resiliência e atitudes face à vida, não são alheias à história da família³³¹.

Como ficou demonstrado neste capítulo, surgem algumas ideias pré-concebidas que conquistam o seu espaço e se estendem à sociedade em geral. Em muitos casos, a imagem do idoso triste e abandonado é uma imagem real e mais comum do que aquela que seria de desejar. Mas, a par desta imagem, vulgarizou-se também a ideia de que, há alguns anos atrás, quando a “família era uma instituição forte e estável”, o idoso não era alvo de discriminação e de abandono.

Apesar das relações intergeracionais se terem alterado em função de fatores como o acentuado envelhecimento demográfico, a mobilidade geográfica e social dos núcleos mais jovens, a alteração da condição feminina e a sua crescente integração no mundo laboral, a precarização das condições de vida ou o crescimento dos serviços formais de

³³⁰ Cf. Capítulo I

³³¹ Cf. Capítulo I.

apoio o idoso, a família continua a ser a principal fonte de apoio aos idosos nos cuidados diretos, no apoio psicológico e nos problemas sociais.

É importante conhecer e ter sempre em conta a imagem que o idoso tem de si próprio e da relação com os seus familiares; compreender o papel e o estatuto dos avós no grupo familiar e as razões que levam ao internamento dos idosos em lares. Os testemunhos recolhidos são fundamentais no sentido de nos obrigarem a pensar nestas realidades.

Conhecer o percurso da família é estruturante, mesmo quando uns e outros se afastam e seguem caminhos muito diferentes. As histórias de vida dos nossos pais e avós também são um pouco de cada um de nós. Tendo acesso às nossas raízes, compreenderemos melhor quem somos.

CAPÍTULO III – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A prática de Ensino Supervisionada constitui uma mais-valia para a prática docente, uma excelente oportunidade de aprendizagem a nível das competências pessoais e profissionais.

Neste último capítulo, far-se-á uma breve abordagem à importância do papel do professor de Educação Moral e Religiosa Católica e à importância da disciplina de EMRC no currículo dos alunos. Segue-se uma posposta de lecionação da Unidade Letiva: “A família, comunidade de amor” e consequente reflexão e avaliação da PES, no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, na turma 3, do 5º ano.

1. Ser professor de EMRC, hoje

A família e a escola são as “principais instituições de socialização de crianças”³³². Verifica-se, todavia, que neste processo, “a família tem vindo a perder influência em detrimento da escola”³³³, face à existência de uma multiplicidade de tipos de famílias³³⁴ e pelo facto das crianças e adolescentes passarem a maior parte do tempo, na escola. Na verdade, “as grandes transformações do mundo de hoje refletem-se na estrutura das famílias”³³⁵ e os pais passam cada vez menos tempo com os filhos. Sendo verdade que toda a nova estruturação das sociedades modernas enfraquece a família tradicional, esse mesmo enfraquecimento deve impor o reforço das ligações da escola com a família e desta com a escola, uma vez que “a escola reconhece a sua insuficiência e incapacidade para realizar plenamente as suas funções educativas. Os tecidos sociais são demasiado diversificados e complexos para que a escola sem a colaboração da família e a família sem a colaboração da escola possam acolher, compreender e orientar a nova geração no processo de edificação das novas pessoas e dos novos cidadãos”³³⁶.

As grandes mudanças estruturais nas famílias³³⁷ têm múltiplas implicações educativas: “acarretam, para as escolas, novas responsabilidades na socialização das crianças e dos jovens; são vistas por pais e professores, como obstáculos acrescentados ao

³³² Luís Souta, “Colaboração escola-famílias em contextos multiculturais. Um desafio para os professores, um teste à democracia”. In *Professor/a: uma profissão em mutação? Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996*, ed. António Teodoro e Rui Páscoa (Lisboa: Mira Gráfica, 1997), 69.

³³³ *Ibidem.*

³³⁴ Cf. Capítulo 1.

³³⁵ Souta, *Colaboração*, 69.

³³⁶ Manuel Ferreira Patrício, “Visão Prospectiva do professor para os anos 2000”. In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000. III Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*, ed. Manuel Ferreira Patrício (Porto: Porto Editora, 1997), 67.

³³⁷ Cf. Capítulo Um.

relacionamento escola-família”³³⁸. É curioso verificar que quando se falava da “filosofia da «escola isolada», tínhamos as mães e os avós em casa, hoje que queremos uma «escola aberta», as mães trabalham e os avós estão ausentes”³³⁹.

Podemos dizer que estamos no início de uma nova etapa de autoquestionamento conducente de uma redefinição da profissão e a uma construção de novas formas de credibilidade e de reconhecimento social. Assim,

“Se analisarmos a evolução que a profissão docente sofreu ao longo das últimas décadas, apercebemo-nos de uma sucessão de etapas que poderá ser interpretada dentro de uma perspetiva dialética. De uma profissão carismática, assente na função de mediação quase exclusiva do professor em relação ao saber e numa forte e inquestionada delegação social que fazia dele o guardião dos valores tradicionais, a profissão docente tornou-se numa profissão fortemente questionada, em crise consigo própria e em crise nas suas relações com a sociedade em que perdeu o monopólio de transmissão de conhecimentos e em que os valores que eram veiculados pela escola passaram a ser igualmente contestados”³⁴⁰.

Se a crise que tem atingido a profissão docente se manifesta “pela erosão da sua imagem social e pelo conseqüente sentimento de insatisfação ou mal-estar e pela diminuição de autoestima profissional que afeta uma percentagem considerável de docentes, manifesta-se também por algum enfraquecimento da ética revelada no dia-a-dia das escolas e pela indiferença que tem prevalecido em relação às acusações de falta de ética de que têm sido alvo os professores”³⁴¹. Não obstante o referido, os professores são “um elemento estrutural do sistema educativo da mais alta importância”³⁴². É necessário ter em conta que “cada professor transporta em si uma história de vida que lhe imprime especificidade no seu modo de ser e conceber o que é ser professor”³⁴³. Neste sentido, “a docência é uma prática social e, como tal, envolve teorias, crenças e práticas, incorpora habilidades e conhecimentos”³⁴⁴.

³³⁸ Souta, *Colaboração*, 73.

³³⁹ *Ibidem*.

³⁴⁰ Maria teresa Estrela, “Deontologia e profissionalismo docente”. In *Professor/a: uma profissão em mutação?* Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996, ed. António Teodoro, 367.

³⁴¹ *Ibidem*, 368.

³⁴² Manuel Ferreira Patrício (Org.), *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000*, III Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural (Porto: Porto Editora, 1997), 9.

³⁴³ Elza Mesquita, *Competências do professor: Representações sobre a formação e a profissão* (Lisboa: Edições Sílabo, 1ª Ed., 2011), 9.

³⁴⁴ *Ibidem*.

A escola é “lugar de comunicação, de diálogo, de integração de saberes, de vivências, de interação fecunda entre a identificação cultural e a reflexão crítica”³⁴⁵. Neste sentido, o professor deve fazer uma reflexão sobre a sua experiência e da valorização do processo de aprender como elemento essencial do seu percurso profissional³⁴⁶, para corresponder a essas exigências através da sua prática letiva.

O professor, sem ser totalmente autónomo, é “protagonista da orientação dos referenciais impostos. É autónomo na formulação dos objetivos de aprendizagem, nas atividades propostas e recursos utilizados, mas não na seleção e organização dos conteúdos «traçados a nível nacional»”³⁴⁷. Neste contexto, o professor atua com conhecimentos de base e aplica a técnica conforme as experiências educativas.

O professor não é “um simples objeto/sujeito da intervenção formativa, mas uma pessoa em desenvolvimento, com um conjunto de experiências que foram vividas e interpretadas de uma determinada maneira e que se tonam significativas face ao que virá a ser no futuro, ajudando também a compreender e a explicar aquilo que é no presente”³⁴⁸. No decurso da sua profissão foi enfrentando uma série “de experiências significativas que podem potenciar a sua ação profissional”³⁴⁹. Segundo Gimeno Sacristán, são os saberes profissionais que se vão adquirindo, que “constituem a especificidade de ser professor”³⁵⁰.

O bom professor é “alguém com vocação profissional, que responde a um modelo de militância quase religiosa, que com o seu trabalho, desenvolvido com sentido de austeridade, responde a uma ética do compromisso e entende o ensino como um serviço à comunidade”³⁵¹. Por outro lado, o professor “é um ser intelectual, com formação científica e pedagógica, consciente do seu papel na sociedade”³⁵².

Paquay e Wagner, no início deste século, analisando as competências que deveria ter o professor, definiram seis qualificativos:

- “Um professor culto, aquele que domina os saberes;
- um técnico, que adquiriu sistematicamente os saber-fazer técnicos;

³⁴⁵ Maria Natália da Rocha, “Escola cultural. Escola instituição. Interface de mudança(?)”. In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000*, ed. Manuel Ferreira Patrício, 136.

³⁴⁶ Mesquita, *Competências*, 11.

³⁴⁷ José Augusto Pacheco, *Currículo: Teoria e Praxis* (Porto: Porto Editora, 2001), 102.

³⁴⁸ Helena Ralha-Simões, *Dimensões pessoal e profissional na formação de professores*, (Aveiro: Cidine, 1995), 62-63.

³⁴⁹ Mesquita, *Competências*, 15.

³⁵⁰ Gimeno Sacristán, “Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores”. In *Profissão professor*, ed. A. Nóvoa, (Porto: Porto Editora, 1999), 65.

³⁵¹ Antón Costa Rico, “El maestro como artesano/práctico y como intelectual”. In *Os profesores na história*, ed. J. Magalhães e A. Escolano (Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999), 75.

³⁵² Mesquita, *Competências*, 23.

- um prático artesão, que adquiriu no próprio terreno esquemas de ação contextualizados;
- um prático reflexivo, que construiu para si um «saber da experiência» sistemático e comunicável mais ou menos teorizado;
- um ator social, implicado em projetos coletivos e consciente dos desafios antropossociais das práticas quotidianas;
- uma pessoa em relação a si mesma e em auto desenvolvimento”³⁵³.

Deste modo, “emerge uma visão multidimensional da ação do professor”³⁵⁴, contrariando a visão «monocultural» da escola tradicional portuguesa onde, para se ser um “professor competente, bastava dominar e expor os conteúdos científicos imprescindíveis, que os alunos memorizavam sem perceber”³⁵⁵. Porém, nalguns meios ainda subsiste a ideia de que “o professor é antes de tudo, um transmissor de saberes disciplinares”³⁵⁶.

O (bom e ideal) professor é “uma pessoa, uma personalidade única, um facilitador que cria condições que conduzem à aprendizagem e, para o conseguir, os professores devem conhecer os seus estudantes como indivíduos”³⁵⁷. Porém, o “professor tem de desempenhar papéis diferentes de acordo com os diferentes modelos e estratégias de ensino”³⁵⁸. Ao professor é também pedido que “assuma um número cada vez maior de responsabilidades”³⁵⁹, que vão muito para além da transmissão de conhecimentos, uma vez que “o ensino não consiste na transmissão de conhecimentos porque essa transmissão é impossível. Adquirir um saber é integrá-lo na personalidade e, para o fazer, cada um deve reconstruí-lo em pensamento”³⁶⁰, defende Louis Not. Esclarecendo esta afirmação de Louis Not, poderemos dizer que o professor e, de modo particular o professor de Educação Moral e Religiosa Católica, mais do que ser professor do saber construído tem que ser professor do saber a construir. Este saber

³⁵³ Léopold Paquay e Marie Cécile Wagner, “Competências profissionais privilegiadas nos estágios e na videoformação”. In *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?*, ed. Léopold Paquay, Philippe Perrenoud, Marguerite Altet e Évelyne Charlier (Porto Alegre: Artmed Editora, 2001), 135-136.

³⁵⁴ Mesquita, *Competências*, 24.

³⁵⁵ Luiza Cortesão, *Ser professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI* (Porto: Edições Afrontamento, 2001), 54.

³⁵⁶ Paquay *Competências profissionais*, 137.

³⁵⁷ Carlos Marcelo Garcia, *Formação de professores para uma mudança educativa* (Porto: Porto Editora, 1999), 38.

³⁵⁸ António Carrilho Ribeiro, *Formar professores: elementos para uma teoria e prática da formação* (Lisboa: Texto Editora, 1997), 81.

³⁵⁹ José Esteve, “Mudanças sociais e função docente”. In *Profissão professor*, ed. A. Nóvoa (Porto: Porto Editora, 1999), 100.

³⁶⁰ Louis Not, *Ensinar e Fazer Aprender: Elementos de Psicodidáctica Geral* (Rio Tinto: Edições ASA, 1991), 157.

deve construir-se “no e pelo diálogo Homem/realidade, por uma variedade de formas e caminhos, num movimento ternário, constituído pelo ontem, o hoje e o amanhã”³⁶¹.

Face ao aumento da “massa escolar heterogénea, as responsabilidades do professor, enquanto profissional do ensino,”³⁶² descentraram-se para outros novos papéis, conduzindo a uma “indefinição de funções”³⁶³. Hoje, “os muros da escola não a isolam da violência exterior”³⁶⁴, não impedem que entrem nela os males que afligem a sociedade. Assim, encontramos na escola, problemas de pobreza, de exclusão social bem como as formas de desvios que ela tende a originar e perante as quais “os professores sentem alguma dificuldade em se posicionar eticamente”³⁶⁵. Por outro lado, puseram-se em causa valores que estruturavam as sociedades tradicionais e a escola que as servia, “umas vezes sem que outros surgissem como alternativa, outras vezes permitindo a emergência de novos valores, nem sempre os mais desejáveis”³⁶⁶. Uma das preocupações que, hoje em dia, enfrentam os professores, “assenta na aspiração de serem reconhecida a sua ocupação como profissão, como acontece, por exemplo, no mundo da medicina e da advocacia”³⁶⁷.

A escola desempenha um papel que é central “não só na formação, mas também na própria vida dos indivíduos”³⁶⁸. Ela “acompanha-o, auxilia-o, norteia-o e acolhe-o fornecendo-lhe um espaço que onde ele pode reencontrar-se e reencontrar o seu lugar na sociedade, no mundo dinâmico em mutação”³⁶⁹. Deste modo, “pensar a escola como aquilo que se passa dentro dos muros de uma sala de aula onde adultos tentam formar jovens, ajudando-os a crescer, mesmo sabendo que estes processos de crescimento estão recheados de erros, talvez seja também cumprir aquilo que de melhor existe na condição humana”³⁷⁰.

³⁶¹ Maria Natália da Rocha, Escola cultural. Escola instituição. Interface de mudança(?). In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000*, ed. Manuel Ferreira Patrício, 142.

³⁶² Mesquita, *Competências*, 32.

³⁶³ Sacristán, *Consciência e acção*, 67.

³⁶⁴ Estrela, *Deontologia*, 370.

³⁶⁵ *Ibidem*.

³⁶⁶ *Ibidem*.

³⁶⁷ Mesquita, *Competências do professor*, 19.

³⁶⁸ Vítor Manuel Rodrigues Marecos, “O sistema formativo como projecto”. In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000*, ed. Manuel Ferreira Patrício, 234.

³⁶⁹ *Ibidem*.

³⁷⁰ Lucinda Atalaia, “Afinal essa escola é para amanhã? Ou há que dar tempo ao tempo?” In *Professor/a: uma profissão em mutação? Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996*, ed. António Teodoro (Lisboa: Mira Gráfica, 1997), 344.

Os professores são “detentores de um capital cultural assinalável”³⁷¹. Eles são a face oculta da escola, subtis mas eficazes na capacidade de levarem os alunos a apresentarem propostas que serão as suas (dos alunos) propostas”³⁷². No entanto, continuam a existir “dilemas e interrogações que revelam a dificuldade de conciliar os novos valores com as práticas profissionais e de os harmonizar com antigos valores que constituíam uma referência para a profissão e asseguravam alguma coesão do corpo profissional”³⁷³.

Para um bom exercício profissional da prática educativa, devem os professores apoiar-se “em princípios teóricos (curriculares e pedagógico-didáticos)”³⁷⁴, preparando-a mediante uma cuidada planificação, “instrumento de clarificação e gestão das opções e prioridades educativas assumidas em determinado momento”³⁷⁵.

2. A necessidade de planificar e os vários tipos de planificação

Planificar é um processo que prepara e está orientado para a ação, onde se pensa e planeia aquilo que se irá realizar, “um instrumento cuja finalidade consiste em otimizar a prática educativa”³⁷⁶, no qual estão implícitas as decisões e ações daquele que planifica, pressupondo “uma visão prévia do que se vai realizar. Por outras palavras, a prática educativa pressupõe uma planificação”³⁷⁷.

A planificação é um “importante auxiliar da prática educativa, contribuindo para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, uma vez que permite ao professor fazer uma previsão do que poderá ser a sua aula, definindo um conjunto de objetivos, conteúdos, experiências de aprendizagem, assim como a própria avaliação”³⁷⁸. Para além de selecionar os recursos didáticos auxiliares, o professor, ao planificar “deve sequencializar os objetivos de ensino e aprendizagem a alcançar e determinar os

³⁷¹ António Teodoro, “O tempo dos Professores? Conhecimento e poder: de uma intervenção acrescida na vida política a uma nova centralidade no processo educativo”. In *Professor/a: uma profissão em mutação?* Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996, ed. António Teodoro, 355.

³⁷² Marecos, *O sistema*, 240.

³⁷³ Maria teresa Estrela, “Deontologia e profissionalismo docente”. In *Professor/a: uma profissão em mutação?*, ed. António Teodoro, 370.

³⁷⁴ Alcino Matos Vilar, *O professor planificador* (Porto: Edições Asa, 1995), 5.

³⁷⁵ *Ibidem*, 15.

³⁷⁶ *Ibidem*.

³⁷⁷ *Ibidem*.

³⁷⁸ Diana da Silva Barroso, *A importância da planificação do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História e Geografia*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013, 3, acedido a 2 de maio de 2017, <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71580/2/28450.2.pdf>.

processos de avaliação”³⁷⁹. Ela serve como um mapa condutor para o professor chegar atingir os fins que nela se propôs.

O processo de ensino-aprendizagem “não pode ser entendido como linear e sequencial mas deve ser compreendido como circular e bidirecional, uma vez que as diferentes etapas do processo não são estanques, antes estão articuladas entre si”³⁸⁰. Os procedimentos de planificação e de avaliação acompanham as “fases pré, inter e pós-ativa do processo de ensino-aprendizagem. A planificação não só precede a interação como também acontece no seu decurso, em função da avaliação que continuamente o professor faz da situação. Por seu lado, a avaliação não se situa só depois da interação mas também antes dela e no seu decurso “³⁸¹.

Este é um processo que “exige do professor uma reflexão sobre a sua prática, o que pretende com ela, quais os objetivos a atingir, consciente de que a sua ação será determinante na aprendizagem dos seus alunos”³⁸². Ao planificar, cada professor “está a organizar a sua atividade, a preparar a sua ação, contribuindo simultaneamente para reduzir as suas incertezas e inseguranças perante o grupo turma a quem se dirige”³⁸³. Assim, ao planificar, “o professor terá que apoiar-se em princípios teóricos (curriculares e pedagógico-educativos) para, uma vez contextualizados esses princípios, adaptar o seu pensamento às componentes e características fundamentais da ação concreta”³⁸⁴.

Planificando, deve “organizar e prever, de um modo flexível, a interação professor/alunos”³⁸⁵, tendo em conta qual a função, os fatores intervenientes e modelos de planificação. Nunca se pode prever o que acontecerá numa sala de aula. Daí a necessidade de se tomarem decisões a longo prazo, envolvendo a reflexão e a curto prazo, “imediatas, com base em rotinas e experiências anteriores, no decurso da interação didática”³⁸⁶.

³⁷⁹ William Resende, *A importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem aplicado no Ensino Superior*. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-importancia-da-avaliacao-no-processo-de-ensino-aprendizagem-aplicado-no-ensino-superior/53145/>, consultado a 3 de maio de 2017.

³⁸⁰ Maria Helena Damião, *Pré, ré, inter e pós acção: Planificação e avaliação em Pedagogia*, (Coimbra: Minerva, , 2010), 32.

³⁸¹ *Ibidem*.

³⁸² Barroso, *A importância da planificação*, 3.

³⁸³ *Ibidem*.

³⁸⁴ Vilar, *O professor*, 5.

³⁸⁵ Pacheco, *Curriculo*, 105.

³⁸⁶ *Ibidem*, 115-116.

Para que a tarefa de planificar seja bem-sucedida, é fundamental “que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a lecionação tanto aos Objetivos e conteúdos como à população discente”³⁸⁷.

Seguindo a classificação feita por Rey e Santamaria, por referência à duração da planificação, “de longo prazo, de médio prazo, de curto prazo”³⁸⁸, podemos afirmar que na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), a planificação a longo prazo é representada pelo plano anual ou planificação anual, a planificação a médio prazo é representada pela unidade letiva e a planificação a curto prazo, representada pelo plano de aula.

A planificação anual é:

“Um instrumento de planificação comum a todos os professores de qualquer disciplina e por isso deverá ser elaborada, se possível, em equipa, no início do ano letivo. Nesta planificação devem estar contemplados, de forma geral, os conteúdos a desenvolver apresentados cronologicamente ao longo do ano, razão pela qual é designado de planificação de longo prazo. Dada a sua abrangência temporal este é um plano genérico e pouco detalhado, mas que servirá de base a todos os outros planos desenvolvidos no decorrer do ano. Este assume-se como uma previsão e como tal é passível de ser alterado”³⁸⁹.

Na elaboração deste plano, os professores de EMRC deverão ter em conta os documentos legais nacionais, os documentos do Magistério da Igreja e da Conferência Episcopal Portuguesa, o Programa da Disciplina, bem como documentos da Escola ou Agrupamento de Escolas, como o Projeto Educativo de Escola, Projeto Curricular de Escola e o Projeto Curricular de Turma. Deverá também ser definindo o número de aulas para cada uma das unidades letivas. O ideal será ter um plano adequado a cada turma tendo em conta as suas características.

De acordo com Lino Silva existem três aspetos importantes a ter em consideração na elaboração da planificação anual para que esta ofereça garantias de se tornar eficiente: ser elaborado em equipa com espírito de colaboração entre os docentes do grupo disciplinar (no caso de haver mais que um professor de EMRC), ser elaborado antes do início da atividade letiva e ser registado por escrito, tornando-o num

³⁸⁷ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014), 159.

³⁸⁸ Citado por Alcino Matos Vilar, *O professor planificador*, 16.

³⁸⁹ Barroso, *A importância*, 15.

documento de consulta³⁹⁰. O ter elaborado uma boa planificação anual é a base fundamental para conseguir planificações de médio e curto prazo adequadas.

A planificação de médio prazo, correspondendo como definimos à planificação de cada unidade letiva representa uma parte do programa presente na planificação anual. A sua planificação é “um instrumento de trabalho que permite ao professor organizar a sua prática educativa, ajustando o processo ensino-aprendizagem às necessidades dos alunos”³⁹¹. De acordo com Richard Arend, “uma unidade corresponde a um grupo de conteúdos e de competências associadas que são percebidas como um conjunto lógico”³⁹².

Em relação à planificação aula a aula (plano de aula), será aquela “realizada pelo professor para a turma”³⁹³, que tendo em conta a planificação anual, bem como a planificação da unidade letiva, esquematiza os conteúdos específicos que serão lecionados naquela aula, os objetivos desenvolver, as estratégias a aplicar, os domínios a desenvolver e as metas que os alunos deverão atingir.

Ao contrário das outras planificações, como sugerimos, deveriam ser (quando possível) elaboradas em conjunto com outros professores da disciplina, “esta é pessoal pois está dirigida para um grupo turma específico e como tal deve atender às suas características”³⁹⁴. Este plano de aula funcionará como um guião de aula, “onde o professor define o sumário, os conteúdos, as competências que pretende desenvolver, as várias atividades e a distribuição do tempo para a realização de diferentes tarefas”³⁹⁵. Funciona como “uma orientação do que pretende fazer e de como pretende fazer para que os alunos aprendam os conteúdos e desenvolvam competências”³⁹⁶.

No entanto, é necessário ter presente que “a tarefa educativa de um professor é, ou deve ser, simultaneamente o resultado e a matéria-prima de uma reflexão autêntica, que há-de configurar o conhecimento prático desse professor”³⁹⁷. O ato de planificar permite ao professor “configurar, através de um plano mental ou escrito, os vários

³⁹⁰ Lino Moreira Silva, *Planificação e Metodologia: O sucesso escolar em debate* (Porto: Porto Editora, 1983), 54.

³⁹¹ Barroso, *A importância*, 16.

³⁹² Richard Arend, *Aprender a ensinar* (Lisboa: McGraw-Hill, 1995), 60.

³⁹³ Miguel A. Zabalza, *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*, (Porto: Edições ASA,, 1998), 53.

³⁹⁴ Barroso, *A importância*, 17.

³⁹⁵ *Ibidem*.

³⁹⁶ Helena Santos Silva; José Lopes, *Eu, Professor, Pergunto. 20 Respostas sobre Planificação do Ensino-Aprendizagem*, Estratégias de Ensino e Avaliação (Lisboa: Pactor, 2015), 37.

³⁹⁷ Vilar, *O professor*, 23.

elementos didáticos nos quais se baseará para estruturar o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando-lhe uma redução da incerteza e insegurança”³⁹⁸.

3. Legitimidade curricular da EMRC e relevância curricular da UL3: “A família, comunidade de amor”

O direito à liberdade e educação religiosa é hoje reconhecido universalmente: na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)³⁹⁹, na Convenção dos Direitos Humanos na Europa (1952)⁴⁰⁰, na Convenção relativa à Luta contra a discriminação no campo do Ensino (1960)⁴⁰¹ e no Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966)⁴⁰².

Ao longo da história, as religiões foram inspiradoras dos valores de todas as culturas, mesmo as mais secularizadas, havendo uma relação muito próxima entre hábitos culturais, as produções artísticas e culturais e as religiões. Na cultura ocidental e em particular na cultura portuguesa é um erro ignorar as suas raízes cristãs em nome de uma neutralidade do sistema educativo. A educação não pode afirmar-se sem um quadro axiológico, não pode alhear-se da incidência da religião e do Cristianismo na cultura Portuguesa: “muitos, se não todos, os grandes vultos da cultura e do pensamento

³⁹⁸ Pacheco, *Currículo*, 105.

³⁹⁹ Constituição da República Portuguesa, Artigo XVIII, Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.

⁴⁰⁰ Art.º 9º, Liberdade de pensamento, de consciência e de religião. 1 - Qualquer pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de crença, assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou a sua crença, individual ou coletivamente, em público e em privado, por meio do culto, do ensino, de práticas e da celebração de ritos. 2 - A liberdade de manifestar a sua religião ou convicções, individual ou coletivamente, não pode ser objeto de outras restrições senão as que, previstas na lei, constituem disposições necessárias, numa sociedade democrática, à segurança pública, à proteção da ordem, da saúde e moral públicas, ou à proteção dos direitos e liberdades de outrem.

⁴⁰¹ CRP, Art.º 5º, Os Estados Partes na presente Convenção convêm em que: a) a educação deve visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito aos direitos humanos e das liberdades fundamentais e que deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações. Todos os grupos raciais ou religiosos, assim como o desenvolvimento das atividades nas Nações Unidas para a manutenção da paz; b) deve ser respeitada a liberdade dos pais e, quando for o caso, dos tutores legais: 2.º) de assegurar, conforme as modalidades de aplicações próprias da legislação de cada Estado, a educação religiosa e moral dos filhos, de acordo com suas próprias convicções, outrossim, nenhuma pessoa ou nenhum grupo poderão ser obrigados a receber instrução religiosa incompatível com suas convicções;

⁴⁰² CRP, Art.º 13º, 1 - Os Estados-Signatários no presente Pacto reconhecem o direito de toda a pessoa à educação. Concordam que a educação deve ser orientada até ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido da sua dignidade e deve fortalecer o respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. Concordam deste modo, que a educação deve capacitar todas as pessoas para participar efetivamente numa sociedade livre, favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e entre todos os grupos raciais, étnicos e religiosos e promover as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. 3 - Os Estados-Signatários no presente Pacto comprometem-se a respeitar a liberdade dos pais ou dos tutores legais, se for o caso, de escolher para os seus filhos ou pupilos escolas diferentes das criadas pelas autoridades públicas, sempre que aquelas satisfaçam as normas mínimas que o Estado estabeleça ou aprove em matéria de ensino, e permitam que os seus filhos ou pupilos recebam a educação religiosa ou moral de acordo com as suas próprias convicções.

português não deixaram de personificar e repercutir uma certa interlocução entre fé e cultura, daí concluindo que a religião não deixou de modelar o edifício identitário e cultural português”⁴⁰³. Não podemos, pois, ignorar as razões culturais que provam a pertinência de um ensino escolar da religião.

“Registada e percebida a possibilidade e a inevitabilidade cultural da Religião, e melhor ainda a natureza antropológica da educação, não deixa de ser inquestionável que as construções formais em que aquela, ao nível escolar, se foi concretizando em Portugal, sempre almejaram dimensionar a Escola como âmbito cultural da educação integral da Pessoa, titular inalienável de ambos os direitos: à educação e à liberdade religiosa. Eis a razão porque ensaiamos dizer que um passo decisivo para a efetivação do direito à liberdade religiosa seria o de acautelar um ensino escolar da Religião, cuja pertinência adviesse mais de razões culturais do que confessionais, segundo a convicção que a educação para a diferença só passa a ter sentido se estivermos em face de identidades culturais bem definidas e delimitadas”⁴⁰⁴.

A EMRC aparece legitimada no ensino público a partir do enquadramento legal da Constituição da República Portuguesa (CRP) que consagra a “liberdade de consciência, culto e religião”⁴⁰⁵ como invioláveis, princípio salvaguardado com base na Concordata assinada entre o estado Português e a Santa Sé, a 18 de maio de 2004⁴⁰⁶.

O ensino religioso na escola pública, contudo, não é uma exclusividade da Igreja Católica pois a legislação alarga este princípio a outras confissões religiosas, estando elas também na mesma situação de igualdade e tratamento perante a lei. A CRP, no art.73º, protege todos os cidadãos portugueses no direito à educação e à cultura, incumbindo também ao estado o dever de criar condições para que a educação contribua

⁴⁰³ Carlos Manuel Meneses Moreira. *Para uma legitimação cultural do ensino da religião, uma questão de liberdade religiosa*. Prémio Liberdade Religiosa 2011 (Lisboa: Comissão da Liberdade Religiosa / Secretaria Geral do Ministério da Justiça, 2012), 12.

⁴⁰⁴ *Ibidem*.

⁴⁰⁵ CRP, Art.º 41º (Liberdade de consciência, religião e culto), 1. A liberdade de consciência, religião e culto é inviolável. 2. Ninguém pode ser perseguido, privado de direitos ou isento de obrigações ou deveres cívicos por causa das suas convicções ou prática religiosa. 3. As igrejas e comunidades religiosas estão separadas do Estado e são livres na sua organização e no exercício das suas funções e do culto. 4. É garantida a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respetiva confissão, bem como a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas atividades. 5. Reconhecido o direito à objeção de consciência, ficando os objetores obrigados à prestação de serviço não armado com duração idêntica à do serviço militar obrigatório.

⁴⁰⁶ Concordata (2004) Art.º 19º, 1: A República Portuguesa, no âmbito da liberdade religiosa e do dever de o Estado cooperar com os pais na educação dos filhos, garante as condições necessárias para assegurar, nos termos do direito português, o ensino da religião e moral católicas nos estabelecimentos de ensino público não superior, sem qualquer forma de discriminação.

para o desenvolvimento da personalidade, para o progresso social e participação democrática na vida coletiva⁴⁰⁷. O direito à educação é referido também na lei 49/05, usualmente designada de Lei de Bases do Sistema Educativo, através da “garantia de uma permanente ação formativa orientada para o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”⁴⁰⁸.

A educação apresenta-se assim como um direito, implicando o estado num conjunto de obrigações, entre as quais, “a garantia de uma rede escolar que cubra as necessidades de toda a população”⁴⁰⁹, a escolha de modalidades de ensino e prática pedagógica que se adequem às circunstâncias de cada educando⁴¹⁰, impondo-se ainda numa posição de respeito democrático pela “liberdade de ensinar e aprender, com tolerância para com as escolhas possíveis, tendo em conta que não pode atribuir-se ao direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, ideológicas ou religiosas, sendo o ensino público não confessional”⁴¹¹.

A educação religiosa na escola surge assim como contributo à formação e educação integral dos alunos, orientando-os na busca de sentido da sua existência assim como ajuda na formação e “apreço pelos valores permanentes da sociedade, em geral, e da cultura portuguesa em particular”⁴¹². A LBSE refere ainda no art 3º que o sistema educativo se encontra organizado de forma a: “contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico”⁴¹³; “assegurar a formação cívica e moral dos jovens”⁴¹⁴ e “assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projetos individuais da

⁴⁰⁷ Cf. CRP, Art.º 73º, (Educação e cultura), 1. Todos têm direito à educação e à cultura2 – O Estado promoverá a democratização da educação e as condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para o desenvolvimento da personalidade e para o progresso da sociedade democrática e socialista. 3. O Estado promoverá a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos, em especial dos trabalhadores, à fruição e criação cultural, através de organizações populares de base, coletividades de cultura e recreio, meios de comunicação social e outros meios adequados.

⁴⁰⁸ LBSE - Versão nova Consolidada - Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto, Artigo1º, nº2.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, Art.º 40º, 1.

⁴¹⁰ Cf. *Ibidem*, Art.º 40º, 2 - O planeamento da rede de estabelecimentos escolares deve contribuir para a eliminação de desigualdades e assimetrias locais e regionais, por forma a assegurar a igualdade de oportunidades de educação e ensino a todas as crianças e jovens.

⁴¹¹ *Ibidem*, Art.º 2º, nº3.

⁴¹² *Ibidem*, Art.º 9º.

⁴¹³ *Ibidem*, Art.º 3º, alínea b).

⁴¹⁴ *Ibidem*, alínea c).

existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”⁴¹⁵.

Encontramos assim fundamentação legal que justifica a presença da EMRC no sistema educativo e na escola pública como contributo na promoção e desenvolvimento da educação integral dos educandos, em todas as dimensões, incluindo a dimensão religiosa. A Igreja católica expressa o seu pensamento sobre a educação, como um direito fundamental do ser humano: “todos os Homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra”⁴¹⁶. A educação que para ser verdadeira há-de propor-se a formação integral da Pessoa, de maneira a que cada criança, adolescente ou jovem desenvolva “harmoniosamente as suas condições físicas, morais e intelectuais”⁴¹⁷.

A educação integral da Pessoa Humana serve assim as suas diferentes dimensões e tem uma clara projeção social: “a formação da pessoa em ordem a um fim último e ao bem das sociedades de que o Homem é membro e cujas responsabilidades participará quando chegue a ser adulto”⁴¹⁸.

A Conferência Episcopal Portuguesa acrescenta as seguintes perspetivas, que focalizam a EMRC como serviço à educação integral dos alunos e que justificam a EMRC no currículo escolar e inspiram a sua natureza específica:

“(1) não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da Pessoa Humana; (2) a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade; (3) o Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida; (4) o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa; (5) a compreensão da realidade social, que a escola deve promover, requer,

⁴¹⁵ *Ibidem*, alínea d).

⁴¹⁶ Concílio, *Declaração Gravissimum Educationis*, 1.

⁴¹⁷ *Ibidem*.

⁴¹⁸ *Ibidem*.

para ser verdadeira, o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências sociais”⁴¹⁹.

A EMRC dirige-se assim não só às faculdades intelectuais, mas também à dimensão espiritual, moral e social e preocupa-se com o desenvolvimento harmonioso dos alunos. Nesta linha, a UL sobre a família possibilita uma abordagem religiosa relativamente às grandes questões da “origem da vida humana e do espaço onde se educa e cresce no amor”⁴²⁰, oferecendo uma grelha de leitura sobre o sentido último da existência humana, em resposta à busca de “sentido existencial e razões de ser e de estar no mundo inerente ao crescimento humano integral dos jovens estudantes”⁴²¹.

Se para os alunos crentes, o contato com os textos bíblicos, permite-lhes aprofundarem as suas convicções e visão cristã da vida, para os não crentes proporciona-lhes o entendimento da perspectiva cristã e a possibilidade de a relacionar com as situações da vida quotidiana e os outros saberes, de natureza científica, cultural ou artística⁴²². A riqueza linguística dos textos Bíblicos, propostos nesta UL, permite o contato do aluno com as linguagens da Escritura permite-lhe não só decodificar conteúdos, como lhe fornece um enriquecimento da cultura linguística, facilitadora de diálogo com outras narrativas e perceções da realidade. Deste modo, esta UL justifica-se como relevante, dentro no processo formativo do aluno, permitindo-lhe também comparar a sua vivência familiar com outras famílias e, de modo particular com o exemplo da família de Nazaré.

Como já foi referido, dentro do processo formativo das crianças e jovens pré-adolescentes, trata-se de uma unidade temática de grande importância para a compreensão, interpretação e análise do projeto de Deus para a família, da vivência em família bem como da “comunhão de pessoas que vivem o amor”⁴²³ na família, numa “relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade”⁴²⁴. Tratando-se de uma UL que versa sobre a família, as relações humanas, a solidariedade, a história da humanidade e a sua relação com o amor de

⁴¹⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014), 4.

⁴²⁰ *Ibidem*, 59.

⁴²¹ Deolinda Serralheiro, *O ato educativo, religioso e moral* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação cristã, 1996), 190.

⁴²² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral religiosa Católica Ensino Básico e Secundário* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2007), 20-21.

⁴²³ *Ibidem*, 59.

⁴²⁴ *Ibidem*.

Deus, encontramos-nos portanto num contexto favorável para a exploração, reflexão e contribuindo para a “formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante”⁴²⁵.

Pedagogicamente, torna-se pertinente a proposta desta UL, tendo em conta a aprendizagem simultânea e interdisciplinar dos conteúdos em outras disciplinas. Partindo da interdisciplinaridade a abordagem religiosa desta UL surge como útil, complementar e indispensável, em estreita ligação com o programa da disciplina de Ciências Naturais que no 5º ano aborda a transmissão da vida, com o programa de Língua Estrangeira: Inglês que, na UL da família, enumera e relaciona elementos da família estreita e alargada e com o programa de História e Geografia de Portugal que trata as relações familiares nas famílias portuguesas no antes e após o 25 de abril de 1974; reforça-se, deste modo, quer o princípio da gestão horizontal das aprendizagens curriculares das diferentes disciplinas, quer a abordagem especializada de cada disciplina, que garante o rigor e aprofundamento das diferentes aquisições do conhecimento religioso, científico e cultural.

A EMRC não pode ser considerada como simples formação ética ou discurso ligado à teologia, mas é necessário compreendê-la como área de conhecimento do fenómeno religioso. Por isso “a disciplina de EMRC reclama exigências pessoais de identidade e de credibilidade. Tais exigências são um estímulo a realizar e a viver plenamente a unidade entre a fé pessoal e a imagem pública da Igreja que ele leva consigo”⁴²⁶.

4. Caracterização da comunidade educativa

De forma sucinta, pretende-se fazer uma breve caracterização da comunidade educativa onde decorreu no ano letivo 2016/2017 a Prática de Ensino Supervisionada (PES).

4.1. O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS) integra atualmente sete estabelecimentos de ensino que vão desde o ensino pré-escolar ao 3º ciclo do ensino básico. Todas as escolas do Agrupamento “se situam na zona urbana de Braga

⁴²⁵ *Ibidem*.

⁴²⁶ Deolinda Serralheiro, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, (Lisboa: Rei dos Livros, 1990), 46.

nas freguesias de S. Vítor e de S. Vicente”⁴²⁷. A Escola Básica Dr. Francisco Sanches, escola sede do Agrupamento e onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES), foi alvo de uma intervenção recente, apresentando salas equipadas informaticamente com computador, colunas de som, acesso à internet e projetor. As restantes escolas que compõem o agrupamento são: Escola EB 1 da Misericórdia, EB1/JI Quinta da Veiga, JI Quinta das Fontes, EB1/JI das Enguardas, EB1 de S. Vítor e EB1/JI Bairro da Alegria⁴²⁸.

No ano de 2009, a comunidade escolar Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches foi definida como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), tendo esta decisão sido considerada como a melhor solução estratégica para que a escola se constituísse como uma potencialidade no desenvolvimento de um território social e economicamente frágil”⁴²⁹, uma vez que em ambas as freguesias estão identificados bairros sociais para além de se tratarem de freguesias com elevada densidade populacional. Constata-se a existência de vários estratos sociais, culturais e económicos, bem como forte incidência de população emigrante de origem diversa e com língua materna diferente do Português, na área de influência do agrupamento:

“Uma diversidade linguística, cultural e étnica muito significativa, não apenas pela presença de alunos estrangeiros e de etnia cigana mas também porque cada um dos alunos traz para dentro da escola e dos seus processos de aprendizagem, as experiências e os hábitos das suas famílias e dos seus bairros e grupos culturais. A opção por uma real política de inclusão expressa-se no estudo das características de cada aluno na perspetiva da identificação da sua identidade e na garantia de criar as condições possíveis e necessárias para implementar as medidas de apoio à aprendizagem, assim como, a existência de uma diversidade de recursos pedagógicos, projetos e atividades de enriquecimento curricular, algumas com efeitos positivos na imagem social do agrupamento, demonstrando um forte investimento na formação integral dos alunos e na sua motivação para a aprendizagem”⁴³⁰.

Do ponto de vista do contexto económico, as famílias dos alunos que frequentam este agrupamento, apresentam situação económica frágil, sendo que quase

⁴²⁷ Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, *Projeto Educativo 2013-2017* (Braga, 2014), 4.

⁴²⁸ Cf. *Ibidem*.

⁴²⁹ *Ibidem*.

⁴³⁰ *Ibidem*, 5-6.

metade dos alunos beneficiam de Apoio Social Escolar. Quanto à profissão dos Encarregados de Educação, a maioria são operários ou têm profissões não especializadas, verificando-se ainda uma taxa bastante significativa de pais desempregados.

Muitos alunos são oriundos de bairros sociais, com famílias com graves debilidades de estruturação, que “vão do desemprego, à toxicod dependência, ao alcoolismo, à baixa escolarização, entre outros”⁴³¹. Nos bairros sociais localizados no agrupamento verificam-se vários grupos minoritários com famílias oriundas de países falantes do Português (Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, entre outros) e famílias provenientes de países não falantes do Português (Roménia, Ucrânia, China, Senegal, entre outros).

No que respeita ao contexto psicológico, verifica-se um grande número de alunos que foram sujeitos a avaliação cognitiva e cujos resultados estiveram no domínio do “inferior” e “muito inferior”. Assim, cerca de 11% dos alunos do Agrupamento, apresentam dificuldades de aprendizagem e é de salientar que 5% dos alunos do agrupamento apresentam Necessidades Educativas Especiais⁴³².

4.2. Caraterização da turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorreu na turma 3, do 5ºano de escolaridade, da Escola Básica Dr. Francisco Sanches, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. A turma é constituída por 22 alunos, provenientes de duas escolas do agrupamento: Escola EB1 S. Vítor e EB1 da Misericórdia. É a turma da Escola com menos alunos matriculados na disciplina de EMRC - 14 alunos. As razões apontadas para esse facto foram: os horários maus que os alunos tiveram no 1º ciclo e o pensar que a disciplina poderia colidir com outra disciplina considerada mais importante para os alunos (como acontecia no 1º ciclo). No presente ano letivo a aula de EMRC é lecionada ao primeiro tempo da manhã de sexta-feira, o que também não foi muito favorável para a mudança de ideias dos pais para inscreverem posteriormente os seus educandos na disciplina.

⁴³¹ *Ibidem*, 14.

⁴³² *Ibidem*, 16-17.

Os alunos que frequentam a disciplina revelam interesse e, apesar de terem que vir mais cedo para a escola, que os restantes colegas da turma, não se mostram arrependidos por terem feito a sua opção livre pela frequência da disciplina.

A turma é um desafio permanente para os professores devido às características dos alunos da turma: têm dificuldade em escutar os outros e de se relacionarem com os colegas de forma sadia e de respeito pelas diferenças individuais. A junção de dois grupos de escolas diferentes revelou-se desde o início do ano letivo, um problema. Nas aulas de EMRC têm-se feito esforços no sentido de melhorar o ambiente dentro da sala de aula mas ainda não foi possível ultrapassar todas as dificuldades.

A turma tem um aluno sinalizado com Necessidades Educativas Especiais, matriculado em EMRC. O aluno beneficia de um Plano Educativo Individual e nem sempre é bem aceite pelos colegas.

Apesar de todos estes constrangimentos, os alunos revelam interesse pela disciplina de EMRC, sentem orgulho por estarem matriculados e realizam as tarefas propostas com empenho. São alunos provenientes de um meio social desfavorecido; há alunos que têm os pais separados e o nível cultural dos encarregados de educação é considerado baixo. Curiosamente a maioria dos alunos que frequentam a EMRC têm um aproveitamento bastante satisfatório em todas as disciplinas e não há alunos que tenham sido retidos no ano letivo anterior pelo que todos frequentam o 5º ano de escolaridade pela primeira vez.

4.3. A cooperação entre os elementos do Núcleo de Estágio

Este ano da PES foi encarado de forma bastante séria. Relativamente ao trabalho individual, foi assumido com muita responsabilidade, estabelecendo objetivos individuais, de forma a estruturar uma linha de investigação nas matérias e conteúdos em que não existia um tão à-vontade, procurando, lendo, investigando, fazendo apropriação dos textos que eram lidos e analisados com profundidade para redigir.

Dos relatos e histórias contadas por colegas estagiários de anos anteriores, iniciámos o ano letivo de 2016/2017 conscientes de que a PES se caracterizava por um ano de trabalho árduo e contrariedades mas, ao mesmo tempo, com consciência de que seria uma das etapas mais marcantes da formação, quer a nível académico, quer a nível pessoal. Foi então o enfrentar todo um conjunto de situações para as quais nunca se está completamente preparado.

O facto do Núcleo de Estágio reunir, semanalmente, com a Orientadora Científica Doutora Isabel Varanda, foi decisivo para enfrentar as dificuldades e constrangimentos que iam surgindo. O acolhimento feito pela Orientadora Científica no início de cada sessão bem como a sua preocupação e apoio a todos os estagiários foi decisivo e muito contribuiu para uma mais fácil integração de todos os Estagiários. As sessões da PES revelaram-se muito importantes e significativas para o nosso crescimento profissional e relacional. Criou-se um verdadeiro espírito de cooperação, amizade, empenho, espírito crítico, espírito de equipa e partilha de experiências. Tratou-se de um grupo cooperativo, que sempre respeitou o outro na sua individualidade e singularidade, um grupo de apoio em momentos de “desânimo” e coerente com princípios e objetivos, valorizando e demonstrando, semana após semana, apoio e solidariedade.

As aprendizagens conseguidas ao longo deste ano letivo foram, seguramente, muitas mais do que as referidas no presente Relatório. Tiveram grande importância a partilha de opiniões, ideias, críticas, materiais e ideias partilhadas com os outros dois núcleos de estágio⁴³³. O trabalho em grupo serviu também para concretizar trabalhos individuais e para a organização e realização de uma atividade pelos Núcleos nº1 e nº2, no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, no dia 28 de abril, Dia do Patrono Dr. Francisco Sanches. Tratando-se de um importante dia para o Agrupamento de Escolas, as aulas foram substituídas por Oficinas de Aprendizagem. Realizámos com os alunos do 3º Ciclo, em períodos de 45 minutos um *Peddy-paper* sobre a importância dos Direitos Humanos a que chamamos “*Human Rights Discovery*”. A atividade realizou-se conforme planeada, destacando a excelente receptividade e adesão dos alunos.

5. Experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada

A Unidade Letiva 3 – A família, comunidade de amor – é uma das quatro unidades letivas previstas no programa de EMRC, do 5º ano, do 2º Ciclo do Ensino Básico⁴³⁴. De acordo com o Despacho que define o calendário escolar prevê-se a leção da EMRC em trinta e duas aulas de quarenta e cinco minutos⁴³⁵. Assim, e

⁴³³ No presente ano letivo funcionaram três núcleos de estágio. O nosso Núcleo nº 2 e o Núcleo nº 1 desenvolveram a PES no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga e o Núcleo nº 3 no Agrupamento de Escolas de Tondela.

⁴³⁴ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014 51.

⁴³⁵ Cf. Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação, Despacho n.º 8294-A/2016.

após uma análise objetiva das metas curriculares e conteúdos previstos para as quatro unidades do programa de EMRC do 5ºano, prevê-se a lecionação de cerca de sete aulas para cada unidade letiva. Para a lecionação desta unidade optou-se a sua lecionação em seis aulas, a ocorrer entre no início do segundo período, do ano letivo 2016/17, como se pode verificar nas grelhas de planificação⁴³⁶.

A planificação das aulas teve em conta a turma três, do quinto ano, da Escola Básica Dr. Francisco Sanches, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, tendo como intenção o motivar os alunos da turma para a aquisição de conhecimentos e capacidades, recorrendo a estratégias diversificadas e atuais. A planificação da nossa lecionação procurou seguir as metas curriculares, devidamente contextualizadas nos domínios de aprendizagem, os objetivos e os respetivos conteúdos. Procurou-se promover atividades de caráter mais teórico em alternância com atividades de caráter mais prático.

Da situação social e familiar dos alunos da turma não temos um conhecimento aprofundado, pois só nos encontramos com eles uma vez por semana. Foi muito importante o contributo da professora cooperante da PES, Dra. Maria José Dias, que muito ajudou a que fossemos descobrindo e conhecendo melhor os alunos no sentido de planificarmos as aulas a lecionar. Foi muito importante a caracterização prévia dos alunos da turma e das suas famílias já que, sem intenção, ao longo da lecionação das aulas, poderíamos ferir a sensibilidade de alguns alunos, dadas as diferentes situações familiares. Graças ao trabalho prévio realizado, pensamos que a lecionação decorreu de forma serena e com normalidade, nunca se tendo verificado qualquer constrangimento da parte dos alunos em relação aos temas abordados.

6. Proposta de planificação da Unidade Letiva

A seguir é apresentada a nossa proposta para lecionação da UL: “A família, comunidade de amor”.

6.1. Aula 1: Os graus de parentesco e os valores na família

Acolhimento e diálogo com os alunos: a aula inicia com o acolhimento e cumprimento dos alunos. Estando a iniciar uma nova UL, o professor transmite aos alunos que irão ser lecionados novos conteúdos.

⁴³⁶ As grelhas de planificação encontram-se no Ponto 6.

Estratégia de motivação: os alunos são informados de que o registo do sumário será feito no final da aula, pelos alunos, pelo que deverão estar atentos e descobrirem o nome da UL, bem como os conteúdos desenvolvidos na aula. É apresentada no quadro uma projeção com palavras relacionadas com a UL (Anexo 1) e é pedido aos alunos que leiam as palavras, mentalmente, procurando memorizá-las. É dado aos alunos tempo suficiente para lerem todas as palavras. De seguida, o professor, em voz audível por todos, lê todas as palavras à exceção das palavras “pai” e mãe”.

Diálogo vertical e horizontal: Alguns alunos notarão que o professor se terá esquecido de ler as duas palavras, “pai” e “mãe”, enquanto outros perceberão que o terá feito propositadamente. O professor explicará a importância dos progenitores na vida do ser humano e perguntará se os alunos já identificaram a UL a ser abordada e estudada.

Atividade “memorização de olhos fechados”: Os alunos são convidados a fechar os olhos e a visualizarem mentalmente o quadro de palavras apresentado, tentando reproduzi-lo mentalmente.

Trabalho de pares: É retirada a projeção com as palavras relacionadas com a UL e os alunos, sentados previamente dois a dois, por indicação do professor, são convidados a escreverem o maior número possível das palavras visualizadas. São alertados que só contarão as palavras que efetivamente se encontravam projetadas. O grupo vencedor será aquele que conseguir escrever o maior número.

Exercício de consolidação: Por norma, os alunos do 5º ano de escolaridade, cuja idade se situa entre os 10-11 anos, gostam muito de atividades como ler para a turma, ir ao quadro, apresentar um trabalho aos colegas. O grupo vencedor, como prémio pela vitória, é convidado pelo professor a ir ao quadro e escrever os graus de parentesco e os valores encontrados. Os restantes alunos passam as palavras do quadro para o caderno diário.

Ficha de trabalho: O professor entrega a cada aluno, uma “sopa de letras” (anexo 2), onde os alunos, individualmente, vão procurar os graus de parentesco da família. Encontrarão palavras que não correspondem a graus de parentesco pelo que devem selecionar apenas as corretas.

Registo do sumário: O professor escreve no quadro o sumário, conforme combinado, com a colaboração dos alunos.

A aula termina desejando a todos um bom fim de semana e um excelente segundo período letivo.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: “A família, Comunidade de Amor”

Aula n.º 1/6

Ano: 5º | Turma: 3

Data: 06/01/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento. O professor transmite que se irá uma nova Unidade Letiva e que serão lecionados novos conteúdos. É pedido aos alunos para estarem atentos para descobrir o nome da Unidade Letiva. O registo do Sumário será feito no final da aula. Registo no quadro do número da aula e da data.	Quadro Caderno diário Marcador	5m	
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	<ol style="list-style-type: none">Compreender o significado da palavra “família.Reconhecer os vários graus de parentesco.Identificar valores	<ul style="list-style-type: none">- O significado da palavra “Família”- A Família, origem da vida humana e onde nasce o Amor- A importância da Família- Os graus de parentesco- Os valores na Família- Família, espaço onde se educa e se cresce no amor	<p>Apresentação de uma “nuvem de palavras” que servirá de motivação à Unidade Letiva e a partir da qual serão os próprios alunos a descobrir o nome da Unidade Letiva (o registo do sumário será no final da aula).</p> <p>O professor irá ler algumas das palavras para chamar a atenção dos alunos para o tema.</p> <p>Os alunos terão alguns minutos para prestar atenção a todas as</p>	Quadro Computador Projetor Manual do Aluno Caderno Fotocópias	5m 5m 5m	<ul style="list-style-type: none">• Assiduidade e pontualidade• Empenho• Atenção, empenho e participação na aula• Cooperação com os colegas• Cumprimento das regras de sala de

	na família.		<p>palavras da “nuvem de palavras”, procurando memorizar algumas, o que os irá ajudar no exercício seguinte.</p> <p>O professor retira a imagem do quadro e pede aos alunos que, dois a dois, façam uma lista, transcrevendo todas as palavras que visualizaram (transmite que o grupo que conseguir subscrever o maior número de palavras, receberá um prémio).</p> <p>O professor verifica se as palavras transcritas se encontravam na “nuvem de palavras” apresentada e transmite à turma a equipa vencedora.</p> <p>O professor convida os “vencedores” a irem ao quadro escrever as palavras que designam graus de parentesco e aqueles que são valores a preservar na família. Os restantes alunos deverão copiar para o caderno.</p> <p>O professor entrega a cada aluno uma ficha com uma “sopa de letras”, na qual os alunos deverão encontrar vários graus de parentesco.</p> <p>É registado no caderno diário o sumário.</p>		<p>10m</p> <p>2m</p> <p>5m</p> <p>6m</p> <p>2m</p>	<p>aula</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atenção e concentração • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
--	-------------	--	--	--	--	---

6.2. Aula 2: A origem e significado da palavra “família”

Acolhimento e diálogo com os alunos: a aula inicia com o acolhimento e cumprimento dos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior.

Registo do sumário: Registo do sumário, a saber: “A origem e o significado da palavra família. Os critérios para definir a família”.

Leitura de texto: O professor convida um aluno a ler o texto da página 66 do manual do aluno. Na final da leitura, pergunta se os alunos ouviram alguma palavra da qual não entendam o significado. Caso exista, será clarificado o seu significado.

Brainstorming: O professor coloca aos alunos a questão “Afim, o que é uma família?”, à qual se segue um momento de diálogo vertical e horizontal em volta da questão e o professor vai registando no quadro as respostas dos alunos. Este momento tem como objetivo motivar os alunos para a temática bem como fazer o diagnóstico dos conhecimentos e capacidades dos alunos. Partindo das respostas dos alunos, o professor transformá-las-á numa definição da família com sentido.

Apresentação PowerPoint: São projetados no quadro diapositivos em apresentação *Powerpoint* sobre a origem da palavra família, os critérios para definir família e as várias tipologias familiares (Anexo 3).

Diálogo vertical e horizontal: O professor explica o conteúdo da exposição recorrendo a linguagem simples, coloca perguntas sobre os conteúdos lecionados e dá oportunidade dos alunos esclarecerem dúvidas.

Exercício de consolidação: É distribuída uma imagem de uma família (Anexo 4) a cada aluno que deverá, partindo dos conteúdos lecionados na aulas e com a ajuda da imagem, responder á pergunta: “O que é para mim uma família?”

Proposta de trabalho para realizar em casa: O professor pede que, em casa, os alunos redigiram um texto sobre a sua própria família, devendo entrega-lo ao professor na aula seguinte, podendo esse mesmo texto ser anónimo. Pretende-se, com este exercício, conhecer melhor e em nome do próprio, a família de cada um dos discentes no sentido de evitar nas aulas seguintes qualquer comentário que possa

provocar constrangimentos a algum aluno ou explorar com eles alguma situação menos clara com o objetivo de os ajudar.

A aula termina com votos de um bom fim de semana.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: “A família, Comunidade de Amor”
Aula n.º 2/6

Ano: 5º | Turma: 3
Data: 13/01/2017
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento. Registo no quadro do sumário. O professor fará um breve resumo da aula anterior.	Quadro Caderno diário Marcador	5m	
SUMÁRIO: A origem e significado da palavra Família. Os critérios para definir a família.						
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	4. Compreender a origem da palavra “família” e sua evolução.	- Os graus de parentesco - A origem da palavra “Família” e sua evolução - A Família, origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no Amor - A importância da Família - As tipologias familiares - As Funções da família:	Correção da “sopa de letras” realizada na aula anterior. Leitura e compreensão do texto (p.66 do manual). Servirá de motivação criando curiosidade nos alunos para chegar a uma noção de Família.	Quadro Computador Projetor Manual do Aluno Caderno Fotocópias	5m	<ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade e pontualidade • Empenho • Atenção, empenho e participação na aula • Cooperação com os colegas • Cumprimento das regras de sala de aula • Atenção e concentração • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções
	5. Descobrir os diversos tipos de família e a sua organização.	- de humanização; - de socialização e educação; - de afetividade; - de proteção; - de interajuda	O professor projeta no quadro diapositivos em apresentação <i>Powerpoint</i> , sobre a origem da palavra Família, e consequente explicação e explicitação. Após a apresentação, o professor dá aos alunos a oportunidade de colocar e esclarecer dúvidas que possam surgir.		5m	
	6. Compreender o significado de consanguinidade e adoção.	- Família, espaço de crescimento pessoal.	No final da apresentação e com a ajuda de imagens que o professor irá distribuir pelos alunos, irão, por escrito, responder à pergunta. “O que é para mim uma família?”		12m	

			Para casa o professor convida os alunos a escreverem uma composição sobre a família de cada um; este texto, a ser entregue na aula, seguinte pode ser anónimo.		3m	positivas e fundamentadas.
--	--	--	--	--	----	----------------------------

6.3. *Aula 3: O Valor e a missão da família*

Acolhimento e diálogo com os alunos: a aula inicia com o acolhimento e cumprimento dos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior.

Registo do sumário: Registo do sumário, a saber: “O Valor e a missão da família. A importância da família para construção de relações estáveis”:

Visualização de um vídeo: O professor convida os alunos a visualizarem um excerto do filme: “Up – Altamente”(Anexo 5), nomeadamente o excerto (de onze minutos) onde tem destaque o amor e a convivência salutar entre o casal protagonista do filme. Trata-se de um filme de animação que os alunos conhecem mas que muito provavelmente não terão percebido a importância do amor na relação entre o homem e a mulher do filme. A visualização será acompanhada com música de fundo.

Diálogo vertical e horizontal: O professor explica o motivo da visualização do vídeo, colocando também o tema em discussão com a turma.

Desafio aos alunos: O professor coloca várias imagens de crianças (imagens de crianças muito diversificadas) numa mesa vazia da sala (Anexo 6). Convida os alunos a escolherem uma imagem. Depois de todos os discentes terem feito a sua escolha, desafia-os a criarem a história da família daquela criança, apelando à criatividade de cada um e sem esquecer os graus de parentesco, a tipologia e a atribuição de nome próprio os elementos da família.

Exposição à turma: No final do exercício, os alunos irão ler para os restantes colegas a história criada sobre a família da criança da imagem.

A aula termina com votos para todos de um bom fim de semana.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: “A família, Comunidade de Amor”

Aula n.º 3/6

Ano: 5º | Turma: 3

Data: 20/01/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento. Registo no quadro do sumário. O professor fará um breve resumo da aula anterior.	Quadro Caderno diário Marcador	5m	
SUMÁRIO: O valor e a missão da Família. A importância da família para construção de relações estáveis.						
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	7. Identificar o projeto de Deus para a família.	<p>A Família é comunhão de pessoas que vivem no amor:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio – Relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade – Espaço de crescimento pessoal, através do afeto, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de liberdade e de responsabilidade – Força socializadora, através da vivência baseada num sistema de relações sociais 	<p>Os alunos irão visualizar alguns minutos do filme: “Up Altamente”, nomeadamente as cenas que se referem ao Amor e convivência familiar.</p> <p>O professor irá comentar o visualizado desenvolvendo e relacionando os conteúdos previstos com o exemplo do casal do filme.</p> <p>O professor colocará vários cartões com fotografias, numa mesa, com crianças que expressem várias expressões faciais. É pedido aos alunos, em grupo de pares ou individualmente que tentem criar uma pequena história sobre a vida familiar dessas crianças. Poderão referir se existem diferenças e/ou semelhanças com as suas famílias.</p>	Quadro Computador Projetor Manual do Aluno Caderno Fotocópias	12m	<ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade e pontualidade • Empenho • Atenção, empenho e participação na aula • Cooperação com os colegas • Cumprimento das regras de sala de aula • Atenção e concentração • Participação
	8. Reconhecer os valores do amor na vida familiar.				8m	

		fundadas em valores – Lugar educativo contra as injustiças sociais	Voluntariamente, os alunos contam à turma a história familiar criada.		8m	pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
--	--	---	---	--	----	--

6.4. *Aula 4: A família de Jesus de Nazaré*

Acolhimento e diálogo com os alunos: a aula inicia com o acolhimento e cumprimento dos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior e os alunos que não tiveram tempo de transmitir aos colegas a história inventada na aula anterior fazem-no neste momento.

Registo do sumário: Registo do sumário, a saber: “A família no tempo de Jesus. A família de Jesus de Nazaré”.

Estratégia de motivação: Pela experiência letiva de anos letivos anteriores, apercebemo-nos que ao registar o sumário: “A família de Jesus de Nazaré”, por norma alguns alunos reagem dizendo que o sumário é tema da catequese com palavras muito semelhantes a: “Setor já dêmos isso na catequese, estamos sempre a falar disso na catequese”. O professor deve aqui esclarecer que na disciplina de EMRC também é abordada a família de Jesus mas numa perspetiva diferente da tratada na Catequese. Mesmo assim, alguns alunos continuam a criar resistência á abordagem do conteúdo. Neste sentido propõe-se como estratégia de motivação, a audição do tema: “Família”, do cantor brasileiro João Alexandre (Anexo 7), tema que canta as relações de amor e ternura na família, dando destaque à presença de Deus na família: “Lugar onde Deus habita”. Parece-nos uma ótima estratégia para abordar a família de Nazaré de forma apelativa para os alunos. Durante a audição e visualização do vídeo musical, os alunos acompanham com a letra impressa. Pode ser pedido aos alunos que, numa primeira audição acompanhem a letra da música impressa e, como os alunos pedem sempre para ouvir outra vez, na segunda audição prestem atenção às imagens do vídeo. No final da audição é explicado aos alunos o significado da letra da música.

Questionamento ao tema: O professor coloca aos alunos as questões: “O que conhecem da relação de amor entre Maria, José e Jesus?” “Quem foram Maria, José e Jesus?”. Segue-se um momento de diálogo vertical e horizontal sobre as questões.

Apresentação PowerPoint: São projetados no quadro diapositivos em apresentação *Powerpoint* sobre a estrutura das famílias no tempo de Jesus e sobre a família de Nazaré (Anexo 8). Desta forma, pretende-se dar a conhecer, aos alunos, o modo de viver das famílias no tempo de Jesus, situando geograficamente algumas cidades e,

fundamentalmente, conhecer e apreciar a maneira como viveu a família de Jesus de Nazaré.

Diálogo vertical e horizontal: O professor coloca perguntas simples, direcionadas aluno a aluno, referindo os nomes, sobre os conteúdos lecionados e dá-lhes oportunidade de esclarecerem dúvidas que ainda sintam.

Exercício de consolidação: É distribuída a cada aluno uma “sopa de letras” (Anexo 9), exercício muito apreciado pelos alunos nessa faixa etária, onde irão descobrir os valores presentes na família de Jesus e são convidados a vivenciá-los diariamente nas suas famílias.

Proposta de trabalho para realizar em casa: Ao longo da semana, escolher diariamente um valor e demonstrá-lo, nesse dia, mais claramente àqueles que lhes são mais próximos.

A aula termina com a correção da “sopa de letras”, com votos de bom fim de semana e com cumprimentos para os familiares dos alunos.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: “A família, Comunidade de Amor”

Aula n.º 4/6

Ano: 5º | Turma: 3

Data: 27/01/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento. Registo no quadro do sumário.	Quadro Caderno diário Marcador	5m	
SUMÁRIO: A Família no tempo de Jesus A Família de Jesus de Nazaré.						
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	9. Aceitar e identificar-se com o projeto de Deus para a família.	A Família é comunhão de pessoas que vivem no amor: – A família de Nazaré, testemunho de relação de amor entre os seus membros na fidelidade e confiança em Deus – Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio – Relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade	O professor convida os alunos a apresentarem aos colegas a história de Família inventada na aula anterior partindo das imagens facultadas.	Quadro Computador Projektor Manual do Aluno Caderno Fotocópias	10m	<ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade e pontualidade • Empenho • Atenção, empenho e participação na aula • Cooperação com os colegas • Cumprimento das regras de sala de aula • Atenção e concentração • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções
			O professor motiva para a audição de um tema sobre a Família, convidando os alunos a ouvir a música: “Família”, do cantor brasileiro João Alexandre, que servirá de base para introduzir a “Família de Jesus”.		5m	
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	10. Aceitar e promover os valores do amor na vida familiar.	– A reconciliação: compreensão, tolerância, perdão – O respeito e promoção da singularidade pessoal: na saúde e na doença; na pobreza e na riqueza – Todos os membros são	O professor, apoiado por uma apresentação em Powerpoint irá apresentar aos alunos os conteúdos da aula, relacionados com a Família de Jesus. Segue-se um momento para esclarecimento de dúvidas.		10m	
			Os alunos irão procurar numa “Sopa de letras”, os valores presentes na		5m	
					8m	

		chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades	Família de Jesus, valores estes que devem estar presentes e serem respeitados em todas as famílias. A aula termina com a correção da sopa de letras.		2m	positivas e fundamentadas.
--	--	---	---	--	----	----------------------------

6.5. Aula 5: O lugar dos avós na família

Acolhimento e diálogo com os alunos: a aula inicia com o acolhimento e cumprimento aos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior.

Registo do sumário: Registo do sumário, a saber: “O lugar dos avós na família. A experiência de vida dos avós e cuidados prestados aos netos. A atenção e cuidados prestados aos avós pela família e pela sociedade”.

Estratégia de motivação: O professor convida os alunos a ouvirem o tema musical: “Um velho sentado num jardim”, da cantora portuguesa Mafalda Veiga (Anexo 10). Durante a audição acompanham com a letra da música impressa que previamente foi distribuída a todos os alunos pelo professor.

Apresentação PowerPoint: Recorrendo a uma apresentação *Powerpoint* sobre a importância dos avós e o lugar que lhes é reservado (Anexo 11), atualmente, na família e na sociedade, o professor transmite numa linguagem simples e compreensível a todos os alunos os conteúdos da aula, sensibilizando-os para a sabedoria e o valor “dos mais velhos”, expressos nas conversas e conselhos sábios e nas manifestações de amor para com os netos.

Diálogo vertical e horizontal: O professor dá testemunho da sua relação com os seus avós e dá oportunidade aos alunos de eles próprios fazerem o mesmo.

Visualização de um vídeo: Para consolidar os conteúdos e ainda na linha da sensibilização para a importância dos mais velhos no contexto familiar, convida os alunos a visualizarem “A história de Rute”, do Antigo Testamento (Anexo 12). Segue-se um breve comentário ao filme, feito pelo professor.

Proposta de trabalho para realizar em casa: Ao longo da semana, definir uma tarde (fim de semana ou um dia sem aulas de tarde) e passá-la com os avós (dentro do possível, uma vez que dadas as circunstâncias atuais nem sempre é possível aos netos passarem aproveitarem o tempo para estarem com os avós⁴³⁷).

A aula termina com votos de bom fim de semana para todos.

⁴³⁷ Cf. Capítulo 2.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: “A família, Comunidade de Amor”

Aula n.º 5/6

Ano: 5º | Turma: 3

Data: 03/02/2017

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: O lugar dos avós na família. A experiência de vida dos avós e cuidados prestados aos netos. A atenção e cuidados prestados aos avós pela família e pela sociedade.			Acolhimento. Registo no quadro do sumário.	Quadro Caderno diário Marcador	5m	
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	11. Reconhecer as diferentes funções na família.	A Família é comunhão de pessoas que vivem no amor: – Os valores recebidos como herança, colocados em prática	O professor convida os alunos a ouvirem o tema musical: “Um velho sentado num jardim”, de Mafalda Veiga, como motivação para os conteúdos propostos para a aula, sobre lugar e a importância dos avós na família.	Quadro Computador Projetor Colunas Caderno Fotocópias	5m	<ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade e pontualidade • Atenção, empenho e participação na aula
	12. Compreender a importância dos valores recebidos na vida familiar.	e atenção para com os avós – Os direitos da família à educação, saúde, condições de vida (casa, felicidade, afeto e amor)	Os alunos acompanham o vídeo da música, com a letra da canção.		10m	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação com os colegas e com o professor
	13. Promover os valores do Amor na vida familiar.	– O lugar dos mais velhos no ambiente familiar – O valor e a sabedoria dos mais velhos – O cuidado para com os mais velhos	O professor, apoiado por uma apresentação em Powerpoint irá apresentar aos alunos os conteúdos da aula, relacionados com o lugar dos avós / idosos nas famílias e na sociedade atual. Ao longo da apresentação, aos alunos serão colocadas algumas questões relacionadas com a temática desenvolvida.		1m	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimento das regras de sala de aula • Atenção e concentração
	14. Valorizar a participação de todos na vida da família.		O professor convida os alunos a visualizarem o vídeo: “A história de			

			<p>Rute”, do Antigo Testamento, destacando e dando importância à atitude de Rute.</p> <p>Os alunos e professor visualizam o vídeo.</p> <p>A aula termina com um breve resumo do vídeo visualizado.</p>		<p>22m</p> <p>2m</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse pelos conteúdos, pela música e pelo vídeo • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
--	--	--	--	--	----------------------	--

6.6. Aula 6 – Síntese global dos conteúdos da UL

Acolhimento e diálogo com os alunos: a aula inicia com o acolhimento e cumprimento aos alunos.

Registo do sumário: É feito o registo do sumário, a saber: “O lugar dos avós na família – Continuação. Síntese global dos conteúdos abordados na Unidade Letiva.

Estratégia de motivação: O professor convida os alunos transmitirem se cumpriram a “proposta de trabalho para realizar em casa” e, em caso afirmativo, transmitirem a experiência à turma. Face à experiência a lecionar a UL “a família, comunidade de amor”, os alunos pedem, no final da UL, para ouvir novamente o tema musical: “Um velho sentado num jardim”, da cantora portuguesa Mafalda Veiga. Faculta-se a audição de novo aos alunos.

Diálogo vertical e horizontal: O professor pede a um aluno voluntário que faça um comentário da música à turma e, partindo das afirmações do aluno, aborda a questão da solidão na velhice, sensibilizando os alunos para a problemática e faz uma síntese de toda a UL.

Consolidação de conhecimentos: Em pares, os alunos realizarão uma ficha de trabalho (Anexo 13), entregue pelo professor, sobre os conteúdos da unidade letiva. As questões serão simples e adequadas, tendo em conta o modo como decorreu a leção da UL e o empenho dos alunos durante as cinco aulas anteriores. Após a sua realização é feita a correção em voz alta; o professor recorre aos grupos de pares de modo a que todos os alunos participem na correção.

Autoavaliação: A cada aluno, o professor distribui uma folha onde consta uma tabela com vários itens, onde cada aluno após refletir e ponderar o seu comportamento, cooperação, interesse, participação e realização das atividades propostas ao longo da UL, lhe é pedido que, com sinceridade responda assinalando aquilo que mais se ajusta face à sua postura (Anexo 14).

Heteroavaliação: Após a autoavaliação realizada pelos alunos, é-lhes entregue uma nova folha, onde lhe é pedido que avaliem a prestação do professor em

vários itens (Anexo 15). É pedido aos alunos que respondam com sinceridade e se preferirem não precisam assinar o documento uma vez que o objetivo será levar à reflexão do professor sobre a prática letiva no sentido de melhorar a sua prestação.

Após todos os alunos terem respondido, o professor agradece a forma como decorreu a leção da UL, desejando aos seus alunos um excelente fim de semana e pedindo-lhes que não esqueçam nunca aqueles que mais amam e que mais os amam: a família.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: “A família, Comunidade de Amor”
Aula n.º 6/6

Ano: 5º | Turma: 3
Data: 10/02/2017
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento. Registo no quadro do sumário.	Quadro Caderno diário Marcador	3m	
SUMÁRIO: O lugar dos avós na família - Continuação. Síntese global dos conteúdos abordados na unidade letiva.						
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã	15. Aceitar e identificar-se com os valores recebidos e vividos no ambiente familiar.	Todos os conteúdos lecionados na Unidade Letiva.	Os alunos são convidados a partilhar à turma a experiência vivida ao longo da semana com os avós.	Quadro Computador Projetor Colunas Caderno Ficha de trabalho Fotocópias	5m	<ul style="list-style-type: none"> Assiduidade e pontualidade
	16. Apreciar e defender a participação de todos na vida da família.		Audição do tema musical: “Um velho sentado num jardim”, de Mafalda Veiga, como motivação para abordar a solidão vivenciada por muitos avós.		3m	<ul style="list-style-type: none"> Atenção, empenho e participação na aula
	17. Consolidação de conhecimentos.		Diálogo horizontal e vertical sobre a problemática da solidão e isolamento dos idosos.		4m	<ul style="list-style-type: none"> Cooperação com os colegas e com o professor
			Os alunos, em pares, realizam a ficha de trabalho.		15m	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento das regras de sala de aula
			Correção da ficha de trabalho.		5m	<ul style="list-style-type: none"> Atenção e concentração
			Autoavaliação: o professor distribui por cada aluno uma tabela, onde os alunos analisarão o comportamento, cooperação,		5m	

		<p>interesse, participação, e realização dos trabalhos propostos, ao longo da unidade letiva lecionada.</p> <p>Por fim, o professor distribui uma folha onde consta uma tabela, para os alunos avaliarem desempenho do professor ao longo da unidade letiva.</p>		5m	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse pelos conteúdos, pela música • Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.
--	--	--	--	----	---

7. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Neste ponto do Relatório pretende fazer-se uma síntese sobre a forma como decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, na turma três, do quinto ano, com base na reflexão autocrítica.

A sala de aula, destinada à lecionação, apresenta uma organização tradicional, é adequada, tem todas as condições para lecionar de forma inovadora. Tem projetor, computador, quadro e é espaçosa.

Pelas características que a turma apresenta⁴³⁸, o clima da sala de aula nem sempre é sereno e calmo, exigindo frequentemente a intervenção do professor, mas existe um clima de trabalho e de construção efetiva do saber. Os alunos sentam-se nos lugares previamente definidos em Conselho de Turma, mas sempre que necessário, para realizarem as tarefas de forma mais eficaz, são convidados a mudar de lugar. Pode afirmar-se que houve uma reorganização da sala em todas as aulas ou por iniciativa dos alunos ou por proposta do professor.

Todas as aulas foram participadas de forma ativa e pertinente, por parte dos alunos. Essa participação foi incentivada e orientada pelo professor. Houve exposição de conteúdos, facilitou-se a participação com recurso ao diálogo horizontal e vertical, onde os alunos colocaram e responderam a questões, colocaram e esclareceram dúvidas, manifestaram opiniões e deram sugestões, realizaram trabalhos individuais e em pares, realizaram fichas de trabalho, participaram em jogos educativos, ouviram música, visualizaram e comentaram excertos de filmes, diversificando as estratégias de ensino no sentido de motivar os alunos para o processo ensino-aprendizagem. Parece-nos que todas as estratégias usadas foram oportunas durante a lecionação e serviram como meios facilitadores e potenciadores da aprendizagem dos alunos, permitindo também uma melhor adequação da prática letiva, no tratamento e explicitação dos conteúdos lecionados.

Foi sempre evidente a colaboração dos alunos que realizaram todas as atividades propostas com empenho e entusiasmo. Todos queriam apresentar à turma os trabalhos realizados e sentiam-se orgulhosos pelo trabalho conseguido. Foi incentivada a ajuda e a participação de todos os alunos da turma. Muitos alunos colaboravam de forma livre e espontânea, outros, mais tímidos, eram incentivados à participação. Houve sempre o cuidado de reforçar positivamente os esforços dos

⁴³⁸ Cf. Capítulo 3. Ponto 4.2. Caracterização da turma onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.

alunos. Teve-se uma atenção especial com o aluno com Necessidades Educativas Especiais mas de forma discreta para que não se sentisse tratado de forma diferente dos restantes colegas da turma.

Procurou-se que a comunicação do professor foi sempre simples, clara e objetiva, adaptada à faixa etária dos alunos. A temática da família exige alguns cuidados na sua abordagem. Neste sentido, teve-se sempre em linha de conta o contexto familiar dos alunos da turma. Foi usado o manual do aluno e recorreu-se a textos bíblicos para clarificar a importância e os valores da família na Bíblia e a sua importância nas famílias da atualidade.

Conseguiu-se usar sempre uma comunicação assertiva, compreensível e calma, mesmo quando se verificavam alguns conflitos entre os alunos; estes foram resolvidos apelando à compreensão das situações a ou respeito pelo outro, mantendo sempre um clima propício à aprendizagem.

Parece-nos que os conteúdos foram apresentados com clareza, de forma simples e adequada às características dos alunos da turma. Houve sempre o cuidado de verificar se os alunos estavam compreender recorrendo, com frequência, a perguntas. Os objetivos foram definidos na planificação e cumpridos durante a lecionação.

Procurou-se sempre que as aulas fossem dinâmicas, fazendo com que não houvesse muito tempo para divagar. As intervenções dos alunos foram, na sua maioria, concordantes com os assuntos das aulas. Os alunos mostraram-se curiosos, com gosto pelo saber e muito participativos. No entanto, por vezes, era necessário apelar a uma participação organizada. Em todas as aulas houve articulação com as aulas anteriores fazendo, no início de cada aula uma síntese da aula anterior para situar os alunos naquilo que tinha sido lecionado e avançar para o conteúdo seguinte.

A lecionação da unidade letiva: “A família, comunidade de amor” decorreu conforme previsto e os alunos corresponderam a todas as tarefas com facilidade o que levou a que todas as planificações fossem cumpridas com sucesso. Ajudou-nos a refletir sobre as competências que um professor deve ter e o papel único que tem na formação, no crescimento e na vida dos alunos⁴³⁹. Foi aplicada com sucesso a proposta de planificação apresentada no presente capítulo.

⁴³⁹ Cf. Capítulo 3. Ponto 1. Ser professor de EMRC hoje.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada foi fundamental a colaboração, o apoio e a reflexão semanal com a Professora Cooperante e com a Orientadora Científica da PES bem como a reflexão com os restantes professores estagiários do Núcleo de Estágio sobre o desenvolvimento da prática letiva.

CONCLUSÃO

Apesar das profundas alterações que afetam a estrutura e a organização familiar, quer ao nível das relações de poder, da distribuição de papéis e das funções que desempenham, bem como ao nível dos valores que condicionam as formas de organização e de interação, os avós continuam a ter um papel único na construção e manutenção de relações intergeracionais.

As ideias e imagens negativistas criadas à volta do envelhecimento em geral e dos avós em particular foram, pouco a pouco, desvalorizando o seu sentido de pertença à família, condicionando negativamente a sua forma de agir e de se posicionarem perante a vida. No entanto, também a este nível, as representações negativas acerca da velhice são exageradas e os avós ocupam, de facto, na família e na sociedade, uma situação que está longe de ser, em muitos casos, de desvalorização ou marginalização.

O facto de existirem agora mais pessoas idosas faz com que tenhamos mais consciência dos problemas que elas enfrentam. No entanto, o aumento do seu número só é preocupante pelo facto de se desenvolver num contexto desfavorável, em que um conjunto de outros fatores, a que nos referimos ao longo do Relatório, como a diminuição da taxa de natalidade, a crescente instabilidade em muitas famílias e na sua estrutura, a indisponibilidade da família para dar apoio afetivo aos avós (em especial aos dependentes), a crise dos sistemas de proteção social, a despersonalização das relações sociais, agravam as condições de vida dos mais idosos, fazendo com que estes sejam excluídos do mundo do trabalho e da sociedade e, conseqüentemente, remetem-nos para uma posição e um estatuto social desfavorável.

Muitos avós apoiam financeiramente os filhos, ajudam a pagar a mensalidade da casa, assumem gastos com a alimentação ou, até mesmo, os encargos do colégio dos netos e das propinas na universidade. Existe uma forte tradição de auxílio financeiro por parte dos avós. Mesmo quando não possuem muitos recursos financeiros, os avós gostam de presentear os netos. Os netos adoram esses mimos e reparam quando deixam de os ter.

Ser-se avô é contar as fragilidades, não é fingir uma energia física que já não se tem. Mas uma coisa é a energia física, outra é a energia mental, psicológica. Essa muitas vezes aumenta na razão inversa da energia física.

Avós ativos, interventivos, solidários, participativos na comunidade, companheiros dos netos, recetivos a aprender, seja em que idade for, seja a cultivar a horta, a cuidar dos

netos, a ajudar numa associação ou até a atualizar blogues e páginas da internet. Importa não desistirem nunca!

“Todos fogem de ti para não ver a imagem da solidão que irão viver quando forem como tu: um velho sentado num jardim”, canta a cantora portuguesa Mafalda Veiga. Esta música foi ouvida e cantada, na aula cinco da lecionação da Unidade Letiva: “A família, comunidade de amor”, na turma 3, do 5º ano. O grande receio da velhice é, sem dúvida, a solidão. É ficar só, remetido ao seu mundo, sem esperar ninguém, sem o telefone a tocar, sem ter a quem recorrer ou com quem falar.

Todos vamos experimentando alguns momentos de solidão, mas nada se compara ao drama da solidão na velhice. O número de idosos que morrem sós em casa tem sido diariamente notícia, e são muitos mais se contabilizarmos neste número também os que morrem numa cama do hospital ou do lar, sem que tenham recebido o calor da visita de familiares e amigos.

É verdade que em algumas situações a solidão na velhice é consequência de uma vida fechada, autocentrada e conflituosa. Como escreveu Fernando Pessoa, no poema *“Uma maior solidão”*: *“Tanto nada quis de nada, que hoje nada o quer de mim”*; quando os filhos vão para longe e os laços se desagregam, é mais difícil recuperar a ligação, mas nunca é tarde para expressar o quanto os filhos e os netos são importantes para os avós. Quantas vezes a visita dos netos ajuda a amenizar a dor dos avós, a confortar o coração e a acalmar a mente! Os netos são um estímulo, um bom motivo para recuperar forças e viver com ânimo até ao fim.

Pode ser um momento libertador, intenso, de emoções forte, quando os avós, tendo consciência da sua idade avançada ou do seu frágil estado de saúde, convocam todos os elementos da família, incluindo netos e bisnetos, para mais uma reunião, como que anunciando a sua despedida. A morte não tem de ser vivida como algo tremendo.

Não sabemos quando nem como irá chegar a morte mas podemos, em cada dia, contribuir para que esse momento ocorra com serenidade. Com dignidade, com o coração apaziguado e com o dom da fé.

A terminar, consideramos que a Prática de Ensino Supervisionada constituiu uma excelente oportunidade para melhorar a nossa prática e experiência profissional a nível de novos conhecimentos e competências. O trabalho desenvolvido ao nível da fundamentação científica e da escolha de estratégias para a operacionalização das competências específicas da Unidade Letiva três do quinto ano de escolaridade: “A família, comunidade de amor”, assim como os recursos didáticos e a avaliação das aulas

lecionadas, possibilitaram um aprofundamento sobre a família, bem como um enriquecimento enquanto professor de Educação Moral e Religiosa Católica. De acordo com as características dos alunos da turma e, respeitando a sua individualidade, desenvolveu-se um ambiente de aprendizagem harmonioso com a pessoa do aluno, dando um contributo positivo na formação da personalidade de cada um.

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia

Bíblia Sagrada, (Lisboa / Fátima: Difusora Bíblica - Missionários Capuchinhos).

2. Documentos do Magistério da Igreja

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Dogmática sobre a Santa Igreja «Lumen Gentium»” (21 de novembro de 1964). *Acta Apostolicae Sedis* 57 (1965): 6-71.

Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Declaração sobre a Educação Cristã «Gravissimum Educationis»” (28 de outubro de 1965). *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 729-739.

Concílio Vaticano II. “Documentos Conciliares e Pontifícios. “Decreto sobre o Apostolado dos Leigos «Apostolicam Actuositatem»” (28 de outubro de 1965). *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 868-925.

Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual «Gaudium et Spes»” (7 de dezembro de 1965). *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966), 1025-1120.

Conselho Pontifício para a Justiça e a Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cidade do Vaticano: Livrara Editora Vaticana, 2004.

Papa Bento XVI. “Carta Encíclica «Deus Caritas Est»” (25 de dezembro de 2005). *Acta Apostolicae Sedis* 98 (2006): 217-252.

Papa Francisco. “Carta Encíclica «Lumen Fidei»” (29 de junho de 2013). *Acta Apostolicae Sedis* 113, 5 (2013): 555-596.

Papa Francisco. “Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium»” (24 de novembro de 2013). *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013): 1019-1137.

Papa Francisco. “Carta Encíclica «Laudato Si»” (24 de maio de 2015). *Acta Apostolicae Sedis* 107 9 (2015): 847-945.

Papa João Paulo II. “Exortação Apostólica «*Familiaris Consortio* »” (22 de novembro de 1981). *Acta Apostolicae Sedis* 73 (1981): 81-191.

Papa João Paulo II. “Carta Encíclica «*Sollicitudo Rei Socialis*»” (30 de dezembro de 1987). *Acta Apostolicae Sedis* 80 (1988): 513-586.

Papa João Paulo II. “Cartas às Famílias «*Gratissimam sane*»” (02 de fevereiro de 1994). *Acta Apostolicae Sedis* 86 (1994): 868-925.

Papa João Paulo II. “Carta Encíclica «*Evangelium vitae*»” (25 de março de 1995). *Acta Apostolicae Sedis* 87 (1995): 401-522.

Papa João XXIII. “Carta Encíclica «*Pacem in terris*»” (11 de abril de 1963). *Acta Apostolicae Sedis* 55 (1963): 257-304.

Santa Sé. Pontifício Conselho para a Família. *Carta dos Direitos da Família*. Braga: Apostolado da Oração, 1994.

3. Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa

Pontifício Conselho para a família. *A Família, o Trabalho e a Festa, Catequeses preparatórias para o VII Encontro Mundial das Famílias*. Cascais: editorial Lucerna, 2011.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral religiosa Católica Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2007.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014.

Urbano, Elisa, Coord. *Conto Contigo: Manual de Educação Moral Religiosa Católica, 5º ano*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral: A família, Esperança da Igreja e do Mundo*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2004.

Conselho Executivo do Ano Internacional da Família. *1994 Ano Internacional da Família*. Portugal: IAG – Artes Gráficas, Lda, 1994.

Pontifício Conselho para a Família. *Família e procriação humana*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2007.

Pontifício Conselho para a Família. *A Família, o Trabalho e a Festa, Catequeses preparatórias para o VII Encontro Mundial das Famílias*. Cascais: Lucerna, 2011.

Secretariado Geral do Episcopado. *A família, futuro da humanidade. Documentos mais recentes do Magistério da Igreja sobre a família e a pastoral familiar*. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.

Secretariado Geral do Episcopado. *A família, serviço à vida. Documentos do Magistério da Igreja sobre a família, a paternidade responsável, o acolhimento da vida nascente e a cultura de vida*. Lisboa: Rei dos livros, 1994.

Secretariado Geral do Episcopado. *A família, situações difíceis. Documentos do Magistério da Igreja sobre o matrimónio e o divórcio, as situações familiares difíceis e a pastoral dos divorciados, novamente casados civilmente*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral religiosa Católica Ensino Básico e Secundário*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2007.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014.

Urbano, Elisa, Coord. *Conto Contigo: Manual de Educação Moral Religiosa Católica, 5º ano*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

4. Legislação

Constituição república portuguesa. Coimbra: Almedina, 2005.

Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação – Despacho n.º 8294-A/2016.

Lei de Bases do Sistema Educativo - Versão nova Consolidada - Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto.

Ministério do Trabalho e da Solidariedade – Despacho Normativo n.º 12/98 de 25 Fevereiro de 1998 - DR 47/98 - SÉRIE I-B.

Ministérios da Saúde e do Trabalho e da Solidariedade - Despacho Conjunto n.º 407/98 – DR – 2ª Série.

5. Outras referências bibliográficas

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. *Projeto Educativo 2013-2017*. Braga, 2014.

Albuquerque, Afonso de. “A sexualidade na terceira idade.” *Geriatrics* (1998): 15-25.

Amor, Teresa. “Os desafios do envelhecimento.” *Cidade Solidária* 19 (2008): 6-11.

Arrazola, Francisco Javier Leturia et al. *La valoración de las Personas Mayores: evaluar para conocer, conocer para intervenir*. Madrid: Cáritas Española, 2001.

Arrend, Richard. *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill, 1995.

Atalaia, Lucinda. “Afiml essa escola é para amanhã? Ou há que dar tempo ao tempo?” In *Professor/a: uma profissão em mutação? Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996*, edited by António Teodoro, 347-348. Lisboa: Mira Gráfica, 1997.

Birren, James. “Afterword.” In *Handbook of theories of aging*, edited by V. Bengtson and K. Schaie, 327-469. New York: Springer Publishing Company, 1999.

Borobio, Dionísio. *Família, Sociedad, Iglesia: Identidad y misión de la familia Cristiana*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1994.

Bourdieu. Pierre. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l’action*. Paris: Édition du Seuil, 1994.

Bourguignon, Odile. “La question de l’enfant.” *L’Année Sociologique* 37 (1987): 93-118.

Brito, Luísa. *A saúde mental dos portadores de cuidados a familiares idosos*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

Cabrilho, Francisco e Cachafeiro, Maria Luís. *A Revolução Grisalha*. Lisboa: Planeta Editora, 1992.

Coco, Lúcio. *Papa Bento XVI: Pensamentos sobre a família*. Cascais: Princípia Editora, 2010.

Código de Direito Canônico: Edição anotada. Tradução portuguesa. Braga: Theologica, 1997.

Cónin, Custódio da Silva. *Geografia do envelhecimento da população portuguesa, aspetos sociodemográficos 1970-2021*. Lisboa, 1999.

Cortesão, Luíza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

Costa, Alfredo Bruto da. "Pobres Idosos." *Estudos Demográficos* 31, Instituto Nacional de Estatística (1993): 98-119.

Damião, Maria Helena. *Pré, ré, inter e pós acção: Planificação e avaliação em Pedagogia*. Coimbra: Minerva, 2010.

Dias, Manuel Madureira. "A visão cristã da família." *Communio* 6, Ano III (1986): 511-527.

Drulhe, Marcel. *Vivre ou Survivre? Les centre d'Hébergement pour personnes âgées*. Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.

Esteve, José. "Mudanças sociais e função docente." In *Profissão professor*, edited by A. Nóvoa, Org., 93-124. Porto: Porto Editora, 1999.

Esteves, António Joaquim. "A família numa sociedade em mudança." *Sociologia* 1 (1991): 79-100.

Estrela, Maria Teresa. "Deontologia e profissionalismo docente." In *Professor/a: uma profissão em mutação? Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996*, edited by António Teodoro, 367-378. Lisboa: Mira Gráfica, 1997.

Ferland, Francine, *Os avós nos dias de hoje: Prazeres e armadilhas*. Lisboa: Climepsi, 2006.

Fernandes, Ana Alexandre. *Velhice e Sociedade: Demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 1997.

Fontaine, Roger. *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores, 2000.

Garcia, Carlos Marcelo. *Formação de professores para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

García, Manuel Martín, Coor. *Trabajo social em Gerontología*. Madrid: Editorial sínteses S.A., 2003.

Gómez, Juan Manuel Martínez et al. *Gestión asistencial de residencias para mayores : manual práctico*. Madrid : Ars Medica, 2003.

Gonzal, Luís Maria et al. *Feliz Tercera Edad*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S.A (Eunsa), 1986.

Hellín, Francisco Gil. “Casal e amor conjugal.” In *Léxico da Família. Temas ambíguos sobre a família, vida e aspetos éticos*, edited by Conselho Pontifício para a Família, 71-76. Cascais: Principia, 2010.

Hernandis, Sacramento Pinazo e Martínez, Mariano Sánchez. *Gerontología: Actualización, innovación y propuestas*, Madrid: Pearson Educación, 2005.

Hespanha, Maria José Ferros. “Para além do Estado: a saúde e a velhice na sociedade-providência.” In: *Portugal: Um retrato singular*, edited by Boaventura Sousa Santos, 313-335. Porto: Afrontamento, 1993.

Kasper, Walter. *O Evangelho Da Família*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Larrañaga, Iggncio. *O Matrimónio feliz*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Leanadro, Maria Engrácia, Coord. *Laços familiares e sociais*, Lisboa: Psicossoma, 2011.

Lenoir, Remí. *L'invention du troisième age: constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales 26/27, Mars –Avril, Paris, 1979.

Lesemann, Frédéric et Martin, Claude. “Solidarités familiales et politiques sociales.” In *Les personnes âgées: Dépendance, soins et solidarités familiales*, edited by Lesemann et Martin, 13-25. Paris : La Documentation Française, 1993.

Levet-Cautrat, Maximilienne. *A la recherche du troisième age: elements de gerontologie sociale*. Paris: Armand Colin Actualité, 1985.

Levet-Cautrat, Maximilienne. *Viver depois dos 60*. Lisboa: Biblioteca básica de Ciência e Cultura Instituto Piaget, 1995.

Mailloux-Poirier, Danielle e Berger, Louise. *Pessoas Idosas: uma abordagem global. Processo de enfermagem por necessidades*. Lisboa: Lusodidacta, 1995.

Marecos, Vítor Manuel Rodrigues. “O sistema formativo como projecto.” In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000. III Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*, edited by Manuel Ferreira Patrício, 231-244. Porto: Porto Editora, 1997.

Marques, Simone. “A solidariedade intergeracional: o papel dos filhos na velhice dos pais.” *Cidade Solidária*, 3, Ano II (1999): 36-38.

Martelet, Gustave, S.J. *As linhas mestras do Vaticano II*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1969.

Massé, Jaqueline et T-Brault, Marie-Marthe. “Sociétés, vieillissement et stratification des ages.” *Sociologie et Sociétés*, Vol.XVI, 2 (1984) : 3-14.

Mesquita, Elza. *Competências do professor: Representações sobre a formação e a profissão*. Lisboa: Edições Sílabo, 2011.

Michel, Andrée. *Sociologia da família e do casamento*. Porto: Rés-Editora, 1983.

Ministério do Emprego e da Segurança Social - Direção-geral da Família. *A família na palavra de João Paulo II*. Lisboa: Coleção Estudos, Documentos II Série nº11, 1993.

Moragas, Ricardo. *Gerontologia Social*. Barcelona: Herder, 1991.

Moreira, Carlos Manuel Meneses. *Para uma legitimação cultural do ensino da religião, uma questão de liberdade religiosa*. Lisboa: Comissão da Liberdade Religiosa / Secretaria Geral do Ministério da Justiça, 2012.

Moura, Cláudia. *Século XXI: Século do Envelhecimento*. Loures: Lusociência, Edições Técnicas e Científicas, Lda, 2006.

Nazareth, José Manuel. *Unidade e diversidade da demografia portuguesa no final do século XX: Os próximos 20 anos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, III Volume, 1988.

Noriega, Maria Lacalle e Esteban, André Martinez. *La família. Recursos y conflictos en la sociedad contemporânea*. Madrid: Facultad Teologia San Daman. Fundación “Carmen de Noriega”, 2009.

Not. Louis. *Ensinar e Fazer Aprender: Elementos de Psicodidáctica Geral*. Rio Tinto: Edições ASA, 1991.

Nunes, João Arriscado. “Com mal ou com bem aos teus te até. As solidariedades primárias e os limites da sociedade providência.” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42 (1995): 5-25.

Oliveira, Barros de. *Psicologia do envelhecimento e do Idoso*. Oliveira de Azeméis: Livpsic, 4ª edição revista, 2010.

Pacheco, José Augusto. *Currículo: Teoria e Praxis*. Porto: Porto Editora, 2001.

Paquay, Léopold e Wagner, Marie Cécile, “Competências profissionais privilegiadas nos estágios e na videoformação.” In *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?*, edited by Léopold Paquay; Philippe Perrenoud; Marguerite Altet et Évelyne Charlier, 134-159. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Patrício, Manuel Ferreira, Org. *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000, III Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*. Porto: Porto Editora, 1997.

Patrício, Manuel Ferreira. “Visão Prospectiva do professor para os anos 2000.” In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000. III Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*, edited by Manuel Ferreira Patrício, 57-72. Porto: Porto Editora, 1997.

Paúl, Constança e Fonseca, António M., Coord. *Envelhecer em Portugal: Psicologia, saúde e prestação de cuidados*. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

Pessoa, Fernando. *Poesias Inéditas (1930-1935)*. Lisboa: Ática, 1955 (impressão 1990).

Philibert, Michel. “Le statut de la personne âgée dans les sociétés antiques et pré-industrielles.” *Sociologie et Sociétés* 2, Vol. XVI (1984) : 15-28.

Pitrou, Agnès. *Vivre Sant Famille? Les solidarités familiales dans le monde d'haujourd'hui*. Toulouse: Privat, 1978.

Ralha-Simões, Helena. *Dimensões pessoal e profissional na formação de professores*. Aveiro: Cidine, 1995.

Ramos, Natália; Marujo, Manuela e Baptista, Aida. *A Voz dos Avós – Migrações, Memória e Património Cultural*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012.

Ribeiro, António Carrilho. *Formar professores: elementos para uma teoria e prática da formação*. Lisboa: Texto Editora, 1997.

Rico, Antón Costa. “El maestro como artesano/práctico y como intelectual.” In *Os professores na história*, edited by J. Magalhães and A. Escolano, 69-82. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999.

Rocha, Maria Natália. “Escola cultural. Escola instituição. Interface de mudança(?).” In *Formar professores para a escola cultural no horizonte dos anos 2000. III Congresso da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*, edited by Manuel Ferreira Patrício, 139-148. Porto: Porto Editora, 1997.

Roussel, Louis. *La famille incertaine*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1989.

Roussel, Louis. “Les relations inter-générationnelles au moment de la veillesse des parents.” In *Relations intergénérationnelles. Parenté – Transmission – Mémoire, Actes du Colloque de Liège 17-18 mai 1990*, 11-26. Liège : Université de Liège, 1990.

Sá, Eduardo, Coord. *Abandono e Adopção*. Coimbra: Edições Almedina, 2005.

Sacristán, Gimeno. “Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores.” In *Profissão professor*, edited by A. Nóvoa (Org.), 63-92. Porto: Porto Editora, 1999.

Sampaio, Daniel. *A razão dos avós*. Lisboa: Caminho, 2008.

Santos, Arquimedes da Silva. *Da família à escola, perspectivas médico-psicopedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

Santos, Boaventura Sousa and Hespanha, Maria José Ferros. “O Estado, a sociedade e as políticas sociais: O caso das políticas de saúde.” *Revista Crítica de Ciências Sociais* 23 (1987): 193-257.

Saraceno, Chiara. *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

Satow, Roberta. *Cuidar dos nossos pais: mesmo quando eles não cuidaram de nós*. Cruz Quebrada: Estrela Polar, 2005.

Segalen, Martine. *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar, 1996.

Sequeira, Carlos. *Cuidar de idosos dependentes: diagnósticos e intervenções*. Coimbra: Ovni, 2007.

Serralheiro, Deolinda. *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*. Lisboa: Rei dos Livros, 1990.

Serralheiro, Deolinda. *O ato educativo, religioso e moral*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação cristã, 1996.

Silva, Helena Santos e Lopes, José, *Eu, Professor, Pergunto. 20 Respostas sobre Planificação do Ensino-Aprendizagem, Estratégias de Ensino e Avaliação* Lisboa: Pactor, 2015.

Silva, Lino Moreira. *Planificação e Metodologia: O sucesso escolar em debate*. Porto: Porto Editora, 1983.

Silva, Maria Eugénia Duarte. “O idoso e a violência. A convivência no dia-a-dia.” *Cidade Solidária* 3, Ano II (1999), 49-52.

Silva, Mónica Leal da. *A crise, a Família e a Crise da Família*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2012.

Singly, François de. *O Eu, o Casal e a Família*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

Souta, Luís. “Colaboração escola-famílias em contextos multiculturais. Um desafio para os professores, um teste à democracia.” In *Professor/a: uma profissão em mutação? Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996*, edited by António Teodoro, 69-78. Lisboa: Mira Gráfica, 1997.

Squire, Anne. *Saúde e bem-estar para Pessoa idosas: Fundamentos básicos para a prática*. Loures: Lusociência, 2005.

Stuart-Hamilton, Ian. *Psicologia do Envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Teodoro, António. “O tempo dos Professores? Conhecimento e poder: de uma intervenção acrescida na vida política a uma nova centralidade no processo educativo”. In *Professor/a: uma profissão em mutação? Actas do Congresso: 7 e 8 de março de 1996*, edited by António Teodoro, 355-363. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998.

Toso, Paola dal, *El Papa Francisco y las familias*, San Pablo, Madrid, 2014.

Vilar, Alcino Matos. *O professor planificador*. Porto: Edições Asa, 1995.

Walter Kasper. *O Evangelho Da Família*. Prior Velho: Editora Paulinas, 2014.

Zabalza, Miguel A. *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA, 1998.

Zal, Michael. *A Geração Sanduíche, Entre filhos adolescentes e pais idosos*. Lisboa : Difusão cultural, 1992.

6. Netgrafia

Advertência feita no relatório: “a transição dos cuidados na infância”, Innocenti Report Card nº8, 2008, Centro de Pesquisa Innocenti da UNICEF, Florença. Acedido em 6 de março de 2017. https://www.unicef.pt/docs/ReportCard8_pt.pdf.

Agostinho, Santo. “De nuptiis et concupiscentia I, 10, 11.” In De adulterinis coniugiis; Sermo. Acedido em 15 de janeiro 2017.

[http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0354-0430,_Augustinus,_De_Nuptiis_Et_Concupiscentia_\[Schaff\],_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0354-0430,_Augustinus,_De_Nuptiis_Et_Concupiscentia_[Schaff],_EN.pdf).

Andrade, Lúcia. “A flecha do tempo... As práticas de Serviço Social nas IPSS no Concelho de Coimbra”. Coimbra: 1999. Acedido em 30 de março de 2017.

<http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/174/1/Disserta%0c3%a7%0c3%a3o%20Mestrado%20em%20Servi%0c3%a7o%20Social.pdf>.

Associação Portuguesa de famílias numerosas. “Mensagem para o Dia dos Avós”. Acedido em 5 de fevereiro de 2017.

http://www.apfn.com.pt/news_detalhe.php?id=1024.

Barroso, Diana da Silva. “A importância da planificação do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História e Geografia.” Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013. Acedido em 2 de maio de 2017.

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71580/22/28450.2.pdf>.

Bourdieu, Pierre. “Des familles sans nom”, Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 1996. Acedido em 14 de abril de 2017.

http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1996_num_113_1_3177.

Branco, Jorge. “Avós do século XXI. Acedido em 5 de abril de 2017.

<http://www.paisefilhos.pt/index.php/familia/pais-a-maes/5631-avos-do-seculo-xxi>.

Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa (2004). Acedido em 15 de janeiro de 2017.

<http://www.ucp.pt/site/custom/template/ucptplpopup.asp?sspageid=114&artigoID=2478>

Conselho Nacional de Educação. Estado da Educação 2014. Acedido em 5 de março de 2017.

http://www.cnedu.pt/content/edicoes/estado_da_educacao/Estado_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_2014_VF.pdf.

“Eu vou ser avó... pela primeira vez... que felicidade!” Acedido em 19 de maio de 2017.

<https://oterceiroato.com/2015/10/29/eu-vou-ser-avo-pela-primeira-vez-que-felicidade/>.

Faria, Natália. “Portugueses estão a viver até aos 80, 41 anos em média.” Público, setembro 2016. Acedido em 20 de dezembro de 2016.

<https://www.publico.pt/2016/09/30/sociedade/noticia/esperanca-de-vida-a-nascenca-e-aos-65-anos-aumentou-em-portugal-1745700>.

Faria, Natália. “Portugueses estão a viver até aos 80, 41anos em média”. Acedido em 20 de dezembro de 2016. <https://www.publico.pt/2016/09/30/sociedade/noticia/esperanca-de-vida-a-nascenca-e-aos-65-anos-aumentou-em-portugal-1745700>.

Fonseca, Ilda. “A importância da família no processo de envelhecimento!”

http://www.cerlar.pt/fotosnot/ficheiro_39.pdf Acedido a 10/05/2017.

Instituto Nacional de Estatística. Acedido em 6 de janeiro de 2017.

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=134582847&DESTAQUESmodo=2.

Lares de idosos. Acedido em 5 de abril de 2017.

<http://www.deco.proteste.pt/nt/nc/artigo/dinheiro-direitos-116-lares-de-idosos>.

Marujo, Joaquim. “O que nos espera? Um futuro idoso, dos idosos e “grisalho”.

Acedido em 4 de janeiro de 2017.

<http://www.portaldoenvelhecimento.com/longevidade/item/936-o-que-nos-espera-acedido-a-p5/04/2017>.

Monteiro, Carlos. “1,2,3 Enfermeiros.” Acedido em 15 de maio de 2017.

<http://journalofagingandinnovation.org/tag/doente-psicogeriatrico/>

Papa Francisco. Palavras do Papa Francisco numa homilia, na festa de Santa Ana e São Joaquim, 26 de julho de 2013. Acedido em 15 de março de 2017.

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html.

Papa Francisco. “Exortação Apostólica Pós-sinodal «Amoris Laetitia»” (19 de março de 2016), 133, acedido em 15 de fevereiro de 2017.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

Resende, William. “A importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem aplicado no Ensino Superior. Acedido em 3 de maio de 2017.

<http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-importancia-da-avaliacao-no-processo-de-ensino-aprendizagem-aplicado-no-ensino-superior/53145/>.

Sá, Eduardo. “A defesa de uma política para a família”. Acedido em 5 de fevereiro de 2017. <https://pt.slideshare.net/mariarmacedo/o-psicologo-eduardo-s-defende-uma-politica-para-a-familia>.

Santa Sé. “Relatório final do Sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco (24 de outubro de 2015)”. Acedido em 27 de dezembro de 2016.

http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazio-ne-finale-xiv-assemblea_po.html.

Segurança Social. “Idosos”. Acedido em 19 de fevereiro de 2017.

<http://www.seg-social.pt/idosos>.

Segurar a Segurança Social - Soluções para uma sociedade em envelhecimento.

Acedido em 6 de março de 2017. <http://www.associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/filebase/artigos/ANONIMO%20Segurar%20a%20seguran%C3%83%C2%A7a%20social%20solu%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20para%20uma%20sociedade%20em%20envelhecimento.pdf>.

Veiga, Mafalda. “Velho.” Acedido em 3 de janeiro de 2017.

<https://www.lettras.mus.br/mafalda-veiga/66283/>.

ANEXOS

NOTA: Apresentam-se de seguida as apresentações e instrumentos de trabalho, criados e utilizados como recursos didáticos na lecionação da unidade letiva 3 do 5º ano, do 2º Ciclo do Ensino Básico – “A família, comunidade de amor” – os quais se encontram disponíveis no dossier de estágio.

Anexo 2 – Sopa de Letras



5º Ano de escolaridade - “A Família, comunidade de Amor”

Na sopa de letras que se segue, descobre os vários graus de parentesco:

A	B	I	T	A	Z	O	I	Z	E	U	S
B	I	T	A	V	U	A	R	I	O	R	V
I	A	O	F	O		P	M	N	E	T	A
R	P	R	I	M	A	R	A	R	I	O	Z
M	R	A	L	O	V	I	A	T	B	E	E
A	I	M	H	A	O	M	T	D	I	F	R
O	E	A	O	T	I	O	I	E	S	A	S
I	O	E	F	I	T	H	A	R	A	M	O
E	R	T	Q	U	E	Y	B	Y	V	U	B
Z	T	G	F	I	L	H	A	D	O	S	R
L	P	E	R	O	I	R	P	A	A	R	I
U	O	A	S	F	N	E	T	O	I	A	N
R	A	F	I	Y	T	D	S	E	U	F	H
F	O	U	R	D	S	E	T	I	O	P	O
S	O	B	R	I	N	H	A	U	E	I	O

Anexo 3 – Apresentação PowerPoint sobre a família



Família

Comunidade de
Amor

«Família» é uma palavra de origem latina. Para o antigo povo romano que tinha o latim como língua materna, a família compreendia todos os indivíduos que viviam na mesma casa, ou seja, debaixo do mesmo teto. Naquele tempo e naquela cultura, integravam a família o senhor, a mulher, os filhos e os criados da casa.



Só mais tarde se associou o critério dos laços de sangue, identificando a família com o conjunto de todos os descendentes consanguíneos.





O casamento continua a ser o critério mais consensual para a definição de família, embora não represente todos os tipos de famílias nas sociedades do nosso tempo. As uniões de facto são, por exemplo, formas familiares que fogem ao critério tradicional do casamento religioso ou civil.

O parentesco (laços de consanguinidade) é também um critério importante, mas não definitivo. Na verdade, crianças adotadas fazem plenamente parte de uma família, apesar de não terem laços de sangue com os outros elementos.



A família é, sobretudo, um espaço de afeto em que as pessoas desenvolvem relações que tendem a ser estáveis



TIPOS DE FAMÍLIA

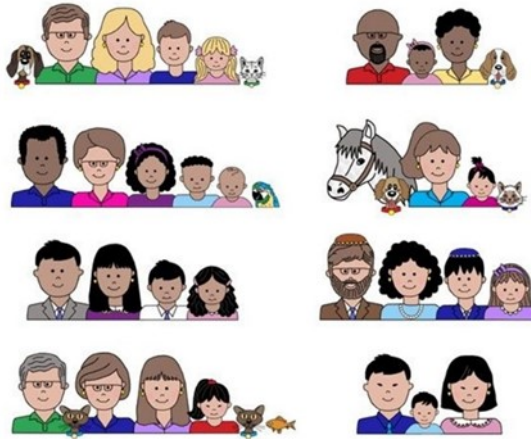


1. **Agregado isolado:** viúvo ou viúva sem filhos, pessoa solteira;
2. **Agregado não conjugal:** lar sem estrutura familiar, constituído por pessoas residindo juntas, aparentadas ou não, por exemplo um irmão e uma irmã, solteiros;
3. **Agregado familiar simples** (família nuclear ou conjugal): casais, com ou sem filhos, viúvos ou viúvas com filhos;



4. **Agregado familiar alargado ou extenso:** famílias onde se incluem membros com vários graus de parentesco, para além dos próprios filhos. Neste caso, a família alargada pode ser ascendente (pai, mãe, sogra, sogro), descendente (neto, neta) e colateral (irmão, irmã, cunhado, cunhada, primo).

5. **Agregado familiar múltiplo:** formado por um núcleo principal e por um núcleo secundário, podendo este ser ascendente, descendente ou colateral, reunindo, neste caso, dois ou mais casais de irmãos.



Quando nos referimos a famílias que têm mais de três filhos, utilizamos a expressão «famílias numerosas».



E também temos as **Famílias Compostas**

No que concerne a tipologia de famílias com base no número de membros do agregado familiar, podemos referir as famílias **monoparentais**, formadas apenas por um dos progenitores, e as **biparentais**, formadas pelos dois progenitores.



Anexo 4 – Imagens de famílias, ampliadas e usadas para fazer cartões individuais



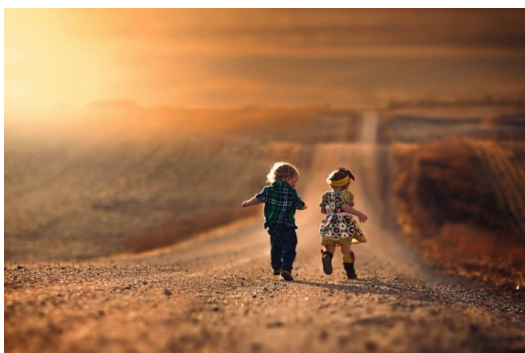


Download from [Dreamstime.com](https://www.dreamstime.com)
The watermark comp image is for previewing purposes only.

52854812
Monkey Business Images | Dreamstime.com



Anexo 6 – Crianças, várias emoções. Imagens usadas para cartões e criação de uma história, partindo da imagem





Anexo 7 – Música “Família” de João Alexandre

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=xFoE70FX3xQ>

FAMÍLIA – Música de João Alexandre

Letra

Acima de todas as coisas
Um sonho sonhado por Deus
Oásis de toda vida
Família
Lugar onde Deus habita
Refúgio do Seu amor
Ali Sua graça é bendita
Família

O conselho de um pai vale mais do que muitas riquezas
Um abraço entre irmãos despedaça os portais do inferno
O retorno de um filho, um banquete de paz e alegria
Tanta vida se esconde por trás de um sorriso materno

Bem mais do que todas as coisas
Feliz de quem cuida dos seus
Seus dias serão de alegria
Família
Lugar onde Deus habita
Refúgio do Seu amor
Ali Sua graça é bendita
Família
Acima de todas as coisas
Família
Oásis de toda vida
Família



A Família de Jesus de Nazaré



O Que é a Família

- “Família” é uma palavra de origem latina.
- Tradicionalmente, a definição de família é feita com base nos critérios da residência comum, do parentesco, dos laços de sangue, do casamento. No entanto, a família é sobretudo um espaço de afeto em que as pessoas desenvolvem relações que devem ser estáveis.



Nascimento de Jesus

- Maria e José viviam em Nazaré, eles estavam noivos. Um dia, o anjo Gabriel apareceu a Maria e disse-lhe que tinha sido escolhida para ser Mãe do filho de Deus, cujo nome deveria ser Jesus. Maria aceitou a missão, embora tivesse ficado bastante assustada, uma vez que não teria uma explicação fácil para José e para os aldeões.



Pais de Jesus

- José era bom e responsável. Vivia de acordo com os preceitos religiosos do seu povo. Conhecia Maria e tinha muita confiança e admiração por ela. Mesmo assim, teve alguma dificuldade em compreender a gravidez de Maria. Maria era uma jovem simples, humilde, dedicada aos outros, boa pessoa e responsável.



Família de Jesus



- Maria, educou o seu filho e exerceu as funções normais da vida familiar.
- José exerceu as funções destinadas ao pai: protegeu a família e garantiu-lhes casa e meios de subsistência e ensinou o seu ofício (carpintaria) a Jesus.
- A família de Jesus cumpria os preceitos religiosos do seu povo.
- A vida simples na família, o amor para com os parentes e amigos e os valores familiares ofereceram a Jesus, vivências únicas que o ajudaram a crescer, a orientar a sua vida.

Conclusão

- Tal como uma família comum, por exemplo, as nossas famílias, Maria, José e Jesus viveram e enfrentaram dificuldades, mas também partilharam:
- o amor, o respeito, o perdão, o amor, a paz, a harmonia, a tolerância, a obediência e o diálogo.
- As relações estáveis criadas por Maria, Jesus e José são exemplo e modelo para todas as famílias.

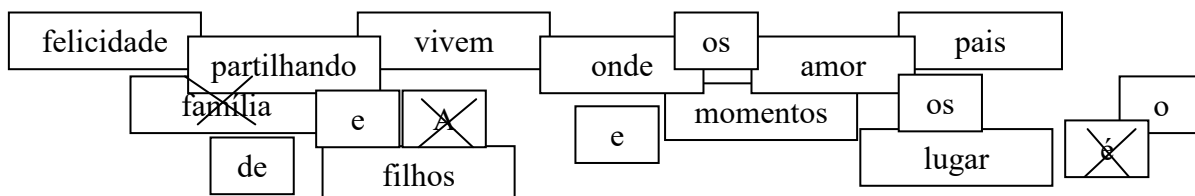
Anexo 9 – “Sopa de Letras”, sobre os Valores da família



1 - Assinala, na sopa de letras, 11 valores que devem existir na família, e transcreve-os.

F	R	U	T	U	I	E	I	R	A	P	A	Z	I	T	A
M	Y	V	R	H	Ã	Ó	D	I	O	Y	H	P	Q	U	O
E	U	E	E	T	Ç	T	O	B	P	T	P	O	A	T	M
N	K	R	S	R	O	U	R	E	O	Q	E	K	Z	R	A
T	L	G	P	E	D	N	H	I	Z	N	R	I	X	Q	L
I	T	H	E	S	E	A	J	R	E	H	D	U	A	E	D
R	R	I	I	O	D	M	D	O	R	J	Ã	A	A	R	A
A	A	S	T	U	A	O	K	E	V	L	O	A	D	F	D
T	P	P	O	R	L	R	D	T	B	Ç	D	F	O	E	E
O	I	O	Y	A	H	A	F	A	F	R	Ã	A	U	D	U
T	U	L	J	Y	A	R	W	S	Q	J	O	L	Ç	I	D
R	T	O	L	E	R	Â	N	C	I	A	H	S	K	S	I
A	H	I	K	L	M	T	L	Ç	U	K	J	I	H	C	Á
I	D	R	L	W	O	Y	I	Ã	I	M	A	D	T	Ó	L
Ç	F	O	I	T	N	U	O	O	P	I	S	A	R	R	O
Ã	O	B	E	D	I	Ê	N	C	I	A	R	D	E	D	G
O	E	E	Ã	I	A	C	T	Y	O	U	T	E	L	I	O
L	R	I	Ê	O	T	I	P	A	R	T	I	L	H	A	L
O	O	O	T	T	O	A	I	O	A	Y	K	O	I	O	I

2. Através deste “banco de palavras” vais construir uma frase relacionada com a família.



A família é _____

Anexo 10 – Música: “Velho”, de Mafalda Veiga

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=qtEYzFuEYB8>

Um Velho sentado num jardim

Mafalda Veiga

Parado e atento à raiva do silêncio
de um relógio partido e gasto pelo tempo
estava um velho sentado no banco de um jardim
a recordar fragmentos do passado

na telefonia tocava uma velha canção
e um jovem cantor falava da solidão
que sabes tu do canto de estar só assim
só e abandonado como o velho do jardim?

o olhar triste e cansado procurando alguém
e a gente passa ao seu lado a olhá-lo com desdém
sabes eu acho que todos fogem de ti pra não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um velho sentado num jardim

passam os dias e sentes que és um perdedor
já não consegues saber o que tem ou não valor
o teu caminho parece estar mesmo a chegar ao fim
para dares lugar a outro no teu banco do jardim

o olhar triste e cansado procurando alguém
e a gente passa ao seu lado a olhá-lo com desdém
sabes eu acho que todos fogem de ti para não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um resto de tudo o que existiu
quando forem como tu
um velho sentado num jardim





OS NOSSOS AVÓS



Quem são os nossos Avós?



**São as pessoas “mais”
maravilhosas do mundo**

- dão-nos mimo;
- Dão-nos atenção;
- Têm sempre tempo para nós;
- Querem-nos proteger;
- Guiam-nos e ensinam-nos;
- São amparo e calor;
- São amor e a nossa casa.

Mas porque são avós?

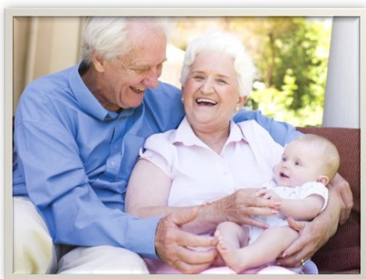
Os nossos avós, estão numa altura da vida chamada “velhice”. A velhice é o auge da vida, que passou por diversas fases:

A infância, a adolescência, a juventude, a idade adulta e a terceira idade





Os avós são os grandes portadores de sabedoria, cultura e valores. A transmissão deste património, que se comunica de geração em geração, verifica-se sobretudo através deles.



A avó

“Uma velhinha foi viver com o seu filho, nora e neta. Dia a dia, a idosa ia perdendo a vista e o ouvido.

Às vezes as mãos tremiam-lhe tanto que lhe caíam as ervilhas ao chão e a sopa escorria-lhe do prato. Isto causava incómodo à nora e ao filho.

Um dia disseram: **BASTA.**

E colocaram uma mesa num canto para que a velhinha comesse ali, sozinha.

E assim foi acontecendo durante alguns dias.

A velhinha de lágrima no olho e triste lá comia na esquina da sala.

Uma tarde, antes do jantar, a filha estava sentada no chão, a brincar com um bloco de construção.

Que estás a fazer? – pergunta o pai.

- Estou a construir uma mesa para ti e para mamã, disse a menina.

Assim quando forem velhinhos, como a avó, podereis comer sozinhos na esquina da sala.

Fez-se silêncio.

Naquela noite o pai e a mãe colocaram de novo a velhinha no seu sítio, à mesa com todos, na sala de jantar”.

Escreve no teu caderno:

a) O que achaste desta pequena História;

b) O que é que aprendemos com ela



Anexo 12: A História de Rute

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=LKOHxvniB2Q>





Final de Unidade “Família, Comunidade de Amor”

Nome _____ nº _____ turma _____

Data _____ Prof. _____

1. Das várias opções que se seguem, seleciona aquela que achas que é a correta.



- 1.1 - Para a definição de Família

A	Todas as pessoas que moram numa casa.
B	Todas as pessoas que têm laços de sangue diretos e que moram em várias casas
C	Todas as pessoas que moram numa casa e que podem ter ou não laços diretos de sangue

- 1.2 - O nome da família é:

A	O último nome que cada pessoa tem
B	O primeiro nome que cada pessoa tem
C	É o nome que nós queremos e que fica bem

- 1.3 - Árvore genealógica é:

A	Um tipo de árvore que se tem no quintal
B	Uma árvore que cada família tem e que passa de geração em geração
C	Um esquema que mostra todas as gerações (avós, pais e filhos) de uma família

- 1.4 - O casamento:

A	Um tipo de árvore que se tem no quintal
B	Uma árvore que cada família tem e que passa de geração em geração
C	Um esquema que mostra todas as gerações (avós, pais e filhos) de uma família

2. Faz corresponder o tipo de Família com a sua constituição



A	Família isolada
B	Família simples
C	Família alargada ou extensa
D	Família numerosa
E	Família Monoparental

1	formada pelos pais e por inúmeros filhos. O seu termo vem quando a família tem mais de 4 filhos.
2	Quando o Pai ou a Mãe vive apenas com os filhos.
3	Família nuclear ou conjugal: casais, com ou sem filhos, viúvos ou viúvas com filhos.
4	famílias onde se incluem membros com vários graus de parentesco, para além dos próprios filhos,
5	Viúvo ou viúva sem filhos, pessoa solteira

A _____ **B** _____ **C** _____ **D** _____ **E** _____

3. Das imagem que se seguem, seleciona aquela que é conhecida como o Símbolo Da Família:



4. Completa o Poema da Família:

A família é _____,
 Importante porque ela nos deu vida
 Vida saudável e alegre
 Alegre como a ____ do ____;
 Sol brilhante e enorme;
 _____ como a minha família;
 Família unida com _____, Simpatia da melhor;
 Melhor é aquilo que eu quero ser;
 Ser e _____ com muita alegria;
 Alegria com família e _____, Amigos _____,
 Verdadeiros como as estrelas, Estrelas _____ e brilhantes;
 Brilhantes como a minha vida;
 Vida feliz e _____; Animada como a minha _____.

Enorme, Sol, luz, importante, amigos, simpatia,
 crescer, família, verdadeiros, cintilantes,
 animada

5 – Tenta descobrir na sopa de palavras as seguintes palavras:

F	W	E	N	O	M	E	R	T	U	I	O	R	J
V	Q	R	W	C	A	G	U	O	P	V	F	E	F
A	A	F	C	O	N	F	O	R	T	O	S	G	V
L	D	F	F	R	T	O	S	G	Y	I	S	R	S
O	C	V	V	D	A	P	R	O	T	E	Ç	A	O
R	G	I	V	A	F	E	T	O	S	F	U	S	U
E	V	D	D	H	Q	F	I	P	O	O	S	S	J
S	H	A	L	I	M	E	N	T	A	Ç	A	O	K

Nome, regras, conforto,
vida, valores, proteção,
afetos, alimentação,

6 – Indica 6 valores transmitidos pela Família

7 – Perante a imagem que se segue, faz um pequeno comentário sobre a IMPORTÂNCIA da Família na nossa vida



Boa Sorte!!

Anexo 14 – Ficha de Autoavaliação



5º Ano de escolaridade “A Família, comunidade de Amor”

Nome _____

Nº _____ Autoavaliação da unidade letiva: “A Família, comunidade de amor”.

Procura ser justo na tua autoavaliação:

	comportamento	interesse	participação	regras	atenção	concentração
Aula 1						
Aula 2						
Aula 3						
Aula 4						
Aula 5						
Aula 6						

I – Insuficiente S – Suficiente B – Bom MB – Muito Bom

Anexo 15 – Ficha de Heteroavaliação do professor



5º Ano de escolaridade “A Família, comunidade de Amor”

Bom dia!

Solicito a tua colaboração no preenchimento deste questionário anónimo, na tentativa de melhorar a minha prestação como Professor. Porque aprender a ser professor é um processo contínuo, tomei a liberdade de pedir a tua opinião sobre a leção da Unidade Letiva.

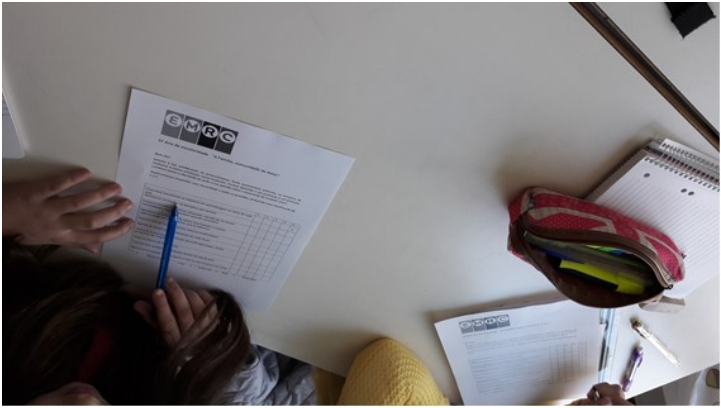
Assim procura responder com sinceridade a todas as questões, atribuindo uma classificação de 1 a 5.

	1	2	3	4	5
Comunica claramente os objetivos de aprendizagem no início de cada aula.					
Domina os conteúdos da disciplina que leciona.					
Ensina a matéria a um ritmo adequado, atendendo às nossas necessidades, fazendo revisões quando necessário.					
Apresenta os conteúdos de forma interessante e criativa, relacionando-os com as coisas que já sabemos.					
Procura manter todos os alunos ativos e empenhados.					
Atende às características individuais de cada aluno.					
Utiliza instrumentos de avaliação diversificados (Jogos, fichas, propostas de trabalho).					
Trata os alunos de forma justa.					
Cria um bom ambiente de trabalho dentro da sala de aula.					
Mostra preocupação com os alunos e com os seus sucessos nas aulas.					

1 – Muito Fraco 2 – Fraco 3 – Suficiente 4 – Bom 5 – Muito Bom

Anexo 16 – Fotografias de aulas e da Atividade do Núcleo de Estágio







Anexo 17: Outros instrumentos criados que poderiam ter sido utilizados mas que não foi possível por falta de tempo

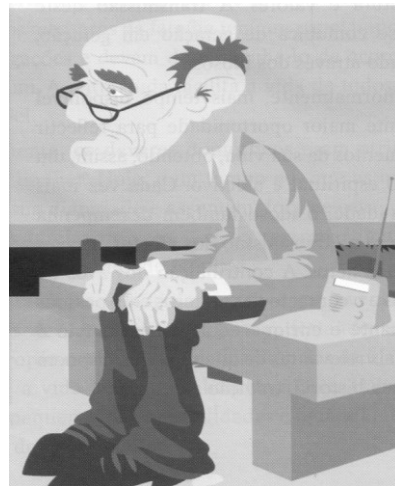
Ficha de trabalho 1

O lugar dos mais velhos

A vida humana passa por diversas fases: a infância, a adolescência, a juventude, a idade adulta e a chamada 3ª idade. Em cada momento da vida, o ser humano está em constante evolução, adquire e acumula experiências que o vão tornando cada vez mais rico em sabedoria. A aprendizagem é um processo permanente que começa no ventre da mãe e continua até ao fim da vida. Os idosos são os grandes portadores de sabedoria, cultura e valores. A transmissão deste património que se comunica de geração em geração, verifica-se sobretudo através dos idosos.

O idoso tem, normalmente, mais tempo disponível e conseqüentemente maior oportunidade para refletir sobre os acontecimentos da sua vida, obtendo, assim, um maior crescimento espiritual e afetivo. Cada vez mais aberto à espiritualidade, o idoso também desempenha um papel importante na transmissão dos afetos, através da atenção dada aos netos. A contribuição dos avós na formação dos netos e o contato das crianças com pessoas idosas é determinante e enriquecedor. Este convívio é uma das formas mais relevantes de que os povos dispõem para perpetuar a sua história, tradição e cultura.

Contudo, a sociedade contemporânea ocidental parece ter esquecido o valor dos idosos. Em muitas famílias, fruto da pressa e da velocidade dos acontecimentos quotidianos, os mais velhos não recebem os cuidados de que precisam, porque as famílias parecem já não ter tempo para lhes dedicar a atenção necessária. São muitas vezes ignorados, tornando-se mesmo um estorvo para as famílias, que os colocam num lar, afastando-os do convívio familiar. Outros, ainda, vivem a solidão nas suas próprias casas. Esta realidade torna as famílias e as sociedades mais pobres e desumanizadas.



1. Quem são os membros mais velhos da tua família?

2. Com quem vivem esses teus familiares?

3. Consideras que vivem em segurança e estão devidamente acompanhados? Justifica a tua resposta.

5. Com base no texto refere quais os problemas que os idosos enfrentam na nossa sociedade. _____

6. Identifica algumas ações, atitudes ou comportamentos que podes pôr em prática para proporcionar mais conforto aos teus familiares mais idosos.

Ficha de trabalho 2

Jesus quer estar na casa do Pai

Todos os anos os pais de Jesus iam a Jerusalém à festa da Páscoa. Quando o menino tinha doze anos, foram lá como de costume. Passados os dias da festa, José e Maria voltaram para casa, mas Jesus ficou em Jerusalém, sem os pais darem por isso. Julgavam que ele ia com algum grupo pelo caminho. Ao fim de um dia de viagem começaram a procurá-



lo entre os parentes e os amigos, mas não o encontraram. Voltaram por isso a Jerusalém, à sua procura.

Ao fim de três dias descobriram-no dentro do Templo, sentado entre os doutores. Escutava o que eles diziam e fazia-lhes perguntas. Todos os que o ouviam ficavam maravilhados com a sua inteligência e as suas respostas. Quando os pais o viram, ficaram muito impressionados e a mãe disse-lhe: "Filho, porque nos fizeste isto? O teu pai e eu temos andado aflitos à tua procura."

Jesus respondeu-lhes: "Porque é que me procuravam? Não sabiam que eu tinha de estar na casa de meu Pai?" Ao falar de seu Pai, não se referia a José mas sim a Deus. Mas eles não compreenderam o que ele lhes disse.

Jesus voltou então com eles para Nazaré e continuou a ser-lhes obediente. Sua mãe guardava todas estas coisas no coração. Jesus foi crescendo como uma criança saudável.

Era alegre, bondoso, trabalhador e amorável. Assim crescia em sabedoria e idade, agradando a Deus e aos homens.

Lc 2, 41-51

1. Qual foi a reação dos pais de Jesus quando não o encontraram entre os parentes e amigos?

2. Porque razão teria Jesus ficado no Templo?

3. Como reagiu Jesus à preocupação dos pais?

4. Escreve quatro qualidades de Jesus expressas no texto.

Os valores na vida familiar



A família é uma comunidade que tem por base a vivência do amor e o estabelecimento de laços de comunhão entre as pessoas.

O amor autêntico é desinteressado, deseja o bem do outro e procura a sua realização plena. O amor cresce, se for devidamente cuidado e construído ao longo da vida, mas também pode desvanecer-se, caso seja descurado. Os fracassos, as divergências e o sofrimento que naturalmente surgem são mais facilmente ultrapassados se forem vividos em conjunto com pessoas que se amem.

Os casais cristãos realizam este amor no sacramento do matrimónio. Através do casamento, o homem e a mulher formam uma família, uma comunidade nova, onde vive em comunhão, no amor que os une. Os filhos partilham do amor e dos valores que os pais transmitem e a família transforma-se na primeira escola de vida.

Os pais amam os filhos de forma desinteressada e dedicam-se a cada um como se fosse único.

Na família, vive-se a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são. Aprende-se a amá-los e respeitá-los na sua diferença, uma vez que as diferenças nos enriquecem, mesmo quando é difícil lidar com elas. A compreensão das diferenças torna-nos mais tolerantes para com os outros e para conosco próprios.

Quando amamos, fazemos a experiência da bondade; dispomo-nos a perdoar e a pedir perdão quando alguma coisa não corre bem na relação com os outros. E nesses momentos vivemos a alegria da reconciliação.

1. Sublinha no texto a frase que mais gostaste e justifica.

2. Assinala com V (verdadeiro) ou F (falso) cada uma das seguintes alíneas:

- | | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | a) A família é uma comunidade que tem por base a vivência do amor. |
| <input type="checkbox"/> | b) Quem ama é desinteressado e deseja o bem apenas dos que são bons. |
| <input type="checkbox"/> | c) Na família existem laços de comunhão entre as pessoas. |
| <input type="checkbox"/> | d) A família não presta ajuda suficiente na resolução das dificuldades e fracassos que surgem. |
| <input type="checkbox"/> | e) O sacramento do matrimónio celebra o amor dos casais cristãos. |
| <input type="checkbox"/> | f) O casal cristão forma uma comunidade que assenta na comunhão. |
| <input type="checkbox"/> | g) Os filhos partilham o amor dos pais e recebem deles os valores mais importantes para as suas vidas |
| <input type="checkbox"/> | h) Os pais estimam os filhos e, por isso, devem deixá-los, desde pequenos, viver a vida como entendem |
| <input type="checkbox"/> | i) Na família fazemos a experiência da bondade por isso não devemos perdoar nem pedir perdão |

Quando a família falha

Quando a família não cumpre o seu papel, a sociedade civil e o estado intervêm para garantir o bem-estar, o respeito dos direitos e das condições de vida de todos os seus membros, sobretudo as crianças e os idosos.

Devido a dificuldades económicas graves, deficiente formação humana, toxicod dependência, alcoolismo, ou simples egoísmo, há famílias que não cumprem os seus deveres de educação. Nestas situações o estado e outras entidades da sociedade desencadeiam diferentes formas de apoio para responder às necessidades das famílias, sendo a mais drástica a institucionalização das crianças ou a sua adoção por outras famílias.



A institucionalização de crianças e idosos verifica-se quando as famílias não apresentam condições mínimas que lhes garantam os seus direitos. É desejável que estas medidas sejam temporárias, porque, em princípio, porque o lugar que melhor responde à necessidade de crescimento das crianças é a sua família de origem. Mas há situações extremas em que o que é melhor para a criança é o seu afastamento definitivo da sua família. É o superior interesse da criança que deve orientar a decisão sobre a permanência da criança no ambiente familiar, o seu afastamento temporário ou definitivo, com vista à sua integração numa outra família.

1. Explica por palavras tuas o que se entende por institucionalização de crianças.

2. Quais as situações ou atitudes que, segundo o texto, estão relacionadas com o facto das famílias não cumprirem os seus deveres?

3. Achas que a institucionalização ou a adoção de crianças poderá ser uma solução adequada quando se verificam estes problemas na família? Porquê?

4. Que poderás fazer para contribuir para a felicidade das crianças que estão institucionalizadas? _____

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
SIGLÁRIO	6
INTRODUÇÃO	7
CAPITULO I – A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE VIDA E AMOR	10
1. À procura de uma definição de família	10
2. A situação da família no tempo atual	12
3. A origem da vida e o matrimónio	15
4. A educação dos filhos	17
<i>a. Ser pai e mãe, hoje</i>	18
<i>b. O amor na família</i>	22
5. Família e sociedade	23
5.1 . <i>A originalidade da instituição “família”</i>	24
5.2 . <i>A família, laço de união entre gerações</i>	25
5.3 . <i>O amor conjugal</i>	26
6. A família nas palavras do Papa Francisco	31
7. A importância do matrimónio e a singularidade do cônjuge	33
8. A família na Bíblia Sagrada	37
9. Conclusão	41
CAPITULO II – O ENVELHECIMENTO, A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE IDOSOS E A IMPORTÂNCIA DOS AVÓS NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	43
1. A sociedade atual, a família e o aumento da longevidade	43
2. A chegada à idade da reforma e as características a ela associadas	48
2.1 . <i>Envelhecer, fenómeno individual e social</i>	50
2.2 . <i>A reforma e a ausência de atividade</i>	53
2.3 . <i>Mitos associados ao envelhecimento</i>	55

2.4 . <i>A imagem que os idosos constroem de si mesmos</i>	58
3. As respostas sociais e o recurso à institucionalização em lar	58
3.1. <i>Respostas sociais para os idosos</i>	59
3.2. <i>A institucionalização em lar: último recurso</i>	61
4. Os idosos/avós nos Documentos da Igreja	63
5. Os avós na família	67
5.1. <i>O lugar dos avós nos contextos familiar e social</i>	70
5.2. <i>A importância dos avós nas palavras do Papa Francisco</i>	71
5.3. <i>Avós e netos</i>	74
5.3.1. <i>avós de hoje e avós de antigamente</i>	76
5.3.2. <i>a experiência de vida e as tipologias de avós</i>	77
5.3.3. <i>muitos avós e poucos netos</i>	79
6. Encontro de gerações	80
6.1. <i>Os avós ou a creche</i>	81
6.2. <i>Os avós, educadores com os pais</i>	84
6.3. <i>As visitas entre avós e netos</i>	85
6.3.1. <i>a casa dos avós</i>	85
6.3.2. <i>conversas entre avós e netos</i>	86
7. Quando os atuais avós eram netos	87
8. Testemunhos	90
8.1. <i>Testemunhos dos netos (sobre os avós)</i>	90
8.2. <i>Testemunhos dos pais (sobre aos seus pais ou sogros)</i>	92
8.3. <i>Testemunhos dos avós (sobre os filhos e/ou netos)</i>	93
9. Conclusão	94
CAPITULO III – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	96
1. Ser professor de EMRC, hoje	96
2. A necessidade de planificar e os vários tipos de planificação	101

3. Legitimidade curricular da EMRC e relevância curricular da UL3: “A família, comunidade de amor”	105
4. Caraterização da comunidade educativa	110
4.1. <i>O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches</i>	110
4.2. <i>Caraterização da turma onde decorreu a PES</i>	112
4.3. <i>A cooperação entre os elementos do Núcleo de Estágio</i>	113
5. Experiência letiva no âmbito da PES	114
6. Proposta de planificação da Unidade Letiva	115
6.1. <i>Aula 1: Os graus de parentesco e os valores na família</i>	115
6.2. <i>Aula 2: A origem e o significado da palavra “família”</i>	119
6.3. <i>Aula 3: O valor e a missão da família</i>	123
6.4. <i>Aula 4: A família de Jesus de Nazaré</i>	126
6.5. <i>Aula 5: O lugar dos avós na família</i>	130
6.6. <i>Aula 6: síntese global dos conteúdos da Unidade Letiva</i>	133
7. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada	137
CONCLUSÃO	140
BIBLIOGRAFIA	143
ANEXOS	157

